

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

# **Narrativas sobre o envelhecer: Memórias e identidades de idosos longevos**

**Maykon dos Santos Marinho**

Vitória da Conquista/BA  
Fevereiro de 2016

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

# **Narrativas sobre o envelhecer: Memórias e identidades de idosos longevos**

**Maykon dos Santos Marinho**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Dra. Luciana Araújo dos Reis

Vitória da Conquista/BA

Fevereiro de 2016

Marinho, Maykon dos Santos

**Narrativas sobre o envelhecer: Memórias e identidades de idosos longevos;**

Luciana Araújo dos Reis - Vitória da Conquista, 2016.

129 f.

Dissertação (mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

1. Memória. 2. Identidade. 3. Envelhecimento. 4. Idoso de 80 Anos ou mais I. Reis, Luciana Araújo dos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. **Narrativas sobre o envelhecer: Memórias e Identidades de idosos longevos.**

Título em inglês: **Narratives of aging: Memory and identity oldest old**

Palavras-chaves em inglês: Memory. 2. Identity. 3. Aging. 4. Aged, 80 And over.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Dra Luciana Araújo dos Reis, Dr. João Diógenes Ferreira dos Santos, Dra. Larissa Chaves Pedreira

Data da Defesa: 17 de fevereiro de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Luciana Araújo dos Reis (UESB)  
Orientadora

---

Dr. João Diógenes Ferreira dos Santos (UESB)

---

Dra. Larissa Chaves Pedreira (UFBA)

Local e data da defesa de dissertação: Vitória da Conquista, 17 de fevereiro de 2016.

**Resultado:** \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a memória da minha avó Alzira Barbosa, mulher forte, valente que Deus chamou no meio desta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter permitido ter saúde e disposição suficiente para o ingresso, realização e concretização dos meus estudos acadêmicos.

Ao povo brasileiro por subsidiarem os meus estudos.

A CAPES pela concessão da bolsa de estudos.

A minha orientadora Dra Luciana Araújo dos Reis, uma legítima orientadora, não somente pelas contribuições acadêmicas para a elaboração, condução e finalização deste trabalho, mas também pelo exemplo constante de ética, responsabilidade, humildade e coragem, deixo registrado minha estima e admiração.

Aos professores Dr João Diógenes e Dra Larissa Pedreira, que participaram da banca de qualificação, fornecendo contribuições valiosas, contribuindo para a lapidação deste trabalho.

À coordenação do PPGMLS, Dra. Lívia Diana Magalhães e Dra. Maria Conceição Fonseca pelo profissionalismo e dedicação.

Aos meus pais Claudio e Luciene, pelos exemplos de determinação e inspiração, sempre presente nos momentos bons e difíceis.

Aos meus irmãos, Claudio Júnior e Hellen pelo apoio constante.

Aos primos e amigos, Everaldo, Roney, Francys, Philipe, Palloma, Thaynara e Micael que se figuram entre os caros amigos que sempre estão presentes, mesmo quando ausentes, incentivando e apoiando e aos quais serei sempre agradecido.

Aos colegas do mestrado, especialmente, Pollyanna, Luzia, Luan, Urânia bem como as secretárias do PPGMLS.

Ao grupo de estudo de envelhecimento, Tatiane, Renato, Elaine, Jamília, Edméia, Sara, Lílian e Arianna.

Aos meus professores da UFBA, em especial, Raquel Souzas, Patrícia Pires, Cláudia, Michela, Edirlei, Ana Paula Steffens, Elvira e Adriano.

Aos idosos que, me acolheram em suas casas e através de suas vozes, permitiram o desenvolvimento desta pesquisa. A eles e a todos que intermediaram o contato, deixo grifado, meu muito obrigado.

A todos que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse concluir este trabalho, o meu eterno agradecimento!

## **RESUMO**

A presente dissertação tem como objetivo geral compreender as identidades dos idosos longevos a partir de suas memórias. E como objetivos específicos: Desvelar o significado de envelhecer para os idosos longevos; descrever como o idoso longevo representa o seu processo de envelhecimento e, a partir daí, constrói sua identidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-exploratória, com a utilização da técnica da história oral. Os dados empíricos foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada com dez idosos na faixa etária entre 80 a 85 anos, aposentados, independentes, usuários de uma unidade saúde da família do município de Vitória da Conquista/BA. A análise dos dados foi realizada pelo método de análise de conteúdo temático com o auxílio do software de tratamento de dados qualitativos NVivo 10<sup>®</sup>. A partir das narrativas dos idosos longevos, percebeu-se como as identidades foram construídas no processo do envelhecimento. Nas trajetórias de vidas foram observadas as experiências, as transformações do corpo, as mudanças de papéis sociais que constituíram as identidades dessas pessoas. Foi possível inferir, a partir das memórias dos idosos, que a “metamorfose” é contínua em suas vidas e a velhice não se constrói quando se está velho, mas em etapas anteriores a velhice. Assim, a partir das memórias trazidas nas narrativas dos idosos longevos, percebe-se como as identidades de cada idoso longevo foi sendo construída e se metamorfoseando no processo do envelhecimento, sendo a memória familiar imprescindível para a reconstituição do passado e construção de suas identidades. A dissertação está vinculada à área de concentração Multidisciplinaridade da Memória e à linha de pesquisa “Memórias, Discursos e Narrativas”. Fazendo parte do projeto de pesquisa “Memória, envelhecimento e Dependência Funcional do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob a orientação da prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Luciana Araújo dos Reis.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Memória. Identidade. Envelhecimento. Idoso de 80 anos ou mais.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to understand the identities of the oldest old from their memories. And the following objectives: To understand the meaning of age for the oldest old; describe how the elderly longevity is your aging process and, from there, build your identity. It is a qualitative research, of descriptive and exploratory nature was performed, using oral history. The empirical data were collected through a semi-structured interviews with ten elderly aged between 80 and 85 years, retired, independent, users of a family health units of the municipality of Victoria da Conquista, Bahia, Brazil. Data analysis was conducted by the thematic content analysis method with the help of qualitative data processing software NVivo 10®. From the narratives of the oldest old, it was possible to realize how identities were built in the aging process. In the lives trajectories we were able to observe the experiences, the body changes and the changes in social roles that constituted the identities these people. It was possible to infer, from the memories of the elderly, that the "metamorphosis" is continuous in their lives and old age is not built when one is old, but in stages previous to old age. Thus, from the memories brought in the narratives of the oldest old, it is perceived as the identities of each oldest old was being built and metamorphosing in the aging process, and the essential family memory to replenish the past and building their identities. The dissertation is linked to the concentration Multidisciplinary Area Memory and line of research "Memoirs, Speeches and Narratives". As part of the research project "Memory, Aging and Functional Dependency of the Graduate Program in Memory: Language and Society at the State University of Southwest Bahia, under the guidance of prof. Dr. Luciana Araújo dos Reis.

## **KEYWORDS**

Memory. Identity. Aging. Aged, 80 and over.

## LISTA DE INLUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tela do QSR NVivo® com as transcrições importadas para o aplicativo..	29
Figura 2 - Tela do QSR NVivo® com os “nós” que formaram os temas e subtemas de análise.....	30
Figura 3 - Nuvem de palavras elaborada com base nas narrativas dos idosos.....	55
Figura 4 - Nuvem de palavras elaborada com base nas narrativas dos idosos.....	63
Figura 5 - Nuvem de palavras elaborada com base nas narrativas dos idosos.....	70
Figura 6 - Nuvem de palavras elaborada com base nas narrativas dos idosos.....	75
Figura 7 - Nuvem de palavras elaborada com base nas narrativas dos idosos.....	80

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Dados sociodemográficos dos idosos participantes.....	52
---	----

## LISTA DE SIGLAS

ACS	- Agentes Comunitários de Saúde
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CEP	- Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	- Conselho Nacional de Saúde
DATASUS	- Departamento de informática do Sistema Único de Saúde
FAINOR	- Faculdade Independente do Nordeste
ONU	- Organização das Nações Unidas
PACS	- Programa de Agentes Comunitárias de Saúde
PET	-Saúde - Programa de Educação pelo Trabalho para a saúde
PNI	- Política Nacional do Idoso
PPGMLS	- Programa de Pós-Graduação em Memória Linguagem e Sociedade
QSR	- Qualitative Solutions Research
SESC	- Serviço Social do Comércio
SIAB	- Sistema de Informação da Atenção Básica
SUS	- Sistema Único de Saúde
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	- Unidade Básica de Saúde
UESB	- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFBA	- Universidade Federal da Bahia
USF	- Unidade Saúde da Família

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>19</b>
2.1 TIPO DE ESTUDO .....	19
2.2 LOCAL DE ESTUDO.....	20
2.2.1 Sobre a unidade de saúde da família .....	21
2.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	23
2.4 TÉCNICA DE OBTENÇÃO DAS INFORMAÇÕES .....	24
2.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	26
2.6 ANÁLISE DE DADOS .....	27
2.7 ASPETCOS ÉTICOS E LEGAIS.....	31
<b>3 MEMÓRIA E ENVELHECIMENTO.....</b>	<b>32</b>
3.1 MEMÓRIA COLETIVA.....	33
3.2 MEMÓRIA E VELHICE.....	36
<b>4 IDENTIDADE E ENVELHECIMENTO .....</b>	<b>40</b>
4.1 IDENTIDADE E VELHICE.....	42
4.2 IDENTIDADE E MEMÓRIA: SOMOS O QUE LEMBRAMOS.....	47
4.3 IDENTIDADE E MEMÓRIA FAMILIAR.....	49
<b>5 RE(VIVENDO) O PASSADO: A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS IDOSOS LONGEVOS.....</b>	<b>51</b>
5.1 MEMÓRIA FAMILIAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE .....	55
5.1.1 A fazenda (roça): Local de formação social.....	56
5.1.2 O casamento: Construção social e familiar.....	57
5.1.3 Descendência: filhos e netos.....	59
5.1.4 Família: as relações familiares .....	61
5.2 OS MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA DOS IDOSOS LONGEVOS .....	63
5.2.1 O passado como tempo difícil .....	64
5.2.2 As mortes e a viuvez: As perdas ao longo da vida .....	67
5.3 O SIGNIFICADO DE “SER VELHO” E A SUA NEGAÇÃO.....	70
5.4 ENVELHECIMENTO E APARÊNCIA: (RE) SINGIFICADO DA CORPOREIDADE NA VELHICE .....	75
5.4.2 A aparência: imagem atual x imagem do passado.....	76
5.4.3 O espírito jovem: a relação corpo e mente .....	77
5.5 SIGNIFICADOS SOBRE O ENVELHECER.....	79
5.5.1 O envelhecer como uma bênção divina .....	80
5.5.2 A velhice como experiência de vida, sabedoria e momento de recordar o passado .....	81
5.5.3 A velhice como um momento de descanso e como a melhor fase da vida .....	84
5.5.4 Envelhecer como um processo normal e natural da vida .....	85
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>90</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>100</b>

**ANEXOS** ..... 128

## 1 INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas (ONU) em 2009 considerou o período de 1975 a 2025 como a “Era do envelhecimento” devido ao aumento do número de idosos no mundo. A prevalência de indivíduos com mais de 60 anos de idade aumentou na população brasileira e representa aproximadamente 20 milhões de habitantes ou 10% da população no ano de 2010 (BRASIL, 2010).

O número de idosos longevos (idade igual ou superior a 80 anos) correspondia a 1.586.958 no ano de 2000, 2.410.106 em 2008, e para 2050, a projeção é de 13.748.708 (BRASIL, 2008). Estima-se que em 2020 haverá 1,9% de idosos longevos na população brasileira e em 2050, esse percentual atingirá 6,4%. Além disso, o número total de idosos no Brasil atingirá 29,6% em 2050 (BRASIL, 2008).

Esse aumento expressivo da população idosa tem colaborado para inúmeras ações nos serviços públicos e privados para “atender” a essa faixa etária. O idoso passa definitivamente a ser visto como um ator social, “que não está mais ausente do conjunto de discursos produzidos” (DEBERT, 2004, p. 11). Exemplo disso é a aprovação da Lei nº 10.741/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências<sup>1</sup>, e a proliferação de atividades voltadas para a “terceira idade”.

Assim, o aumento da expectativa de vida e o conseqüente aumento do número de idosos representa uma conquista da sociedade contemporânea, fenômeno que tem sido acompanhando com interesse pelas ciências sociais e humanas. Nos últimos anos, o envelhecimento<sup>2</sup> e a velhice<sup>3</sup> ganharam visibilidade e interesse em diversas áreas, sendo compreendidos em sua totalidade e em caráter multidimensional, não somente como um

---

<sup>1</sup> O artigo 3º do Estatuto do Idoso determina: “É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária”.

<sup>2</sup> O envelhecimento é um processo natural que ocorre em todos os seres humanos, em qualquer momento da vida. Papaléo Netto (2002) conceitua o envelhecimento como sendo um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas, que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos crônicos que os fragilizam e terminam por levá-lo à morte.

<sup>3</sup> A velhice é definida por Neri (2014) como sendo a última etapa do ciclo vital, em que as alterações ocorridas no envelhecimento acentuam-se sendo delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo, por exemplo, perdas psicomotoras e sociais. Em seu sentido etimológico, velhice refere-se à idade avançada, ao estado ou condição de ser velho. De acordo com Faleiros e Rebouças (2006) a velhice é considerada em sua heterogeneidade, diversidade de situações e de grupos coletivos, considerando também um processo combinado de perdas e ganhos.

fenômeno biológico<sup>4</sup>, mas também em seus aspectos psicológicos<sup>5</sup>, sociais<sup>6</sup> e culturais (MERCANDANTE, 2005).

As contribuições acadêmicas têm sido importantes nesse sentido, mas de forma geral, ainda existem lacunas sobre o envelhecimento e a longevidade (CHRISTENSEN et al., 2010). É um segmento ainda pouco investigado, e a literatura nacional sobre este grupo específico é escassa. Portanto, ainda há muito a ser feito, pois os discursos dominantes sobre esse tema tendem a ser homogêneos e com ideias reducionistas e estereotipadas do processo de envelhecer (DEBERT, 2003).

Segundo Bandeira (2012), nas mesmas sociedades contemporâneas onde há preconceitos e estereótipos sobre a velhice, existem mudanças progressivas e positivas nas representações<sup>7</sup> sobre esse assunto, como a ideia de que o idoso é mais ativo e participativo na sociedade. A velhice já é vista como um período de liberdade, inclusive com a adesão dos idosos na prática de exercícios físicos.

Portanto, ressignificar a velhice é uma tentativa de amenizar o estereótipo que a condição de ser velho<sup>8</sup> tem, muitas vezes, na atualidade. O termo velhice, cada vez mais, tem sido substituída por expressões como “melhor idade” ou “terceira idade”<sup>9</sup>, e a denominação

---

<sup>4</sup> O envelhecimento biológico é irreversível e universal, contudo não se manifesta de forma igualitária, pelo que “podem ocorrer diferentes idades fisiológicas em indivíduos com a mesma idade cronológica” (FONSECA, 2006, p.61).

<sup>5</sup> Neri (2014) afirma que o envelhecimento psicológico compreende dois sentidos. O primeiro se refere à relação existente entre a idade cronológica e às capacidades como: percepção, aprendizagem e memória. O segundo conceito inclui o senso de subjetividade de idade, de como cada indivíduo analisa a presença ou ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos, em relação a outras pessoas que possuam a mesma idade.

<sup>6</sup> Envelhecimento social é considerado por Carvalho (2007), como a dimensão construída pela Sociedade, e está relacionada ao afastamento do idoso do mundo produtivo do trabalho. A velhice é vista como barreira para a participação em diferentes segmentos da vida social, a aposentadoria, a perda do papel como chefe de família, conduz o idoso ao isolamento, levando à depressão e conseqüentemente à morte.

<sup>7</sup> Representações são nada mais que o senso comum, ou seja, o conjunto de valores e significados construídos em interação corriqueira com a sociedade. Desse modo, pode-se supor que as representações dos idosos acerca de sua condição são permeadas por um construto social e cultural que elabora significados, sejam positivos ou negativos, sobre o envelhecer (MINAYO, 2010).

<sup>8</sup> O termo “velho” tem sido evitado pela literatura, por entender-se que o mesmo possui uma conotação negativa, passando a ideia de algo decadente, desgastado, inativo e pouco útil. De acordo com Ferreto (2010), existe um preconceito em relação ao emprego dessa palavra, que detém diferentes significados e abordagens, que dão a impressão de que o velho vive improdutivamente e está ultrapassado pela nossa sociedade. O termo “velho” tem assim, uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas de mais idades pertencentes às camadas populares que representam nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio (PEIXOTO, 2013).

<sup>9</sup> De acordo com Siqueira, Botelho e Coelho (2002) o termo “terceira idade” é uma construção das sociedades contemporâneas e vem sendo empregado por acreditar-se que é isento de conotações depreciativas e para atender aos interesses de um mercado de consumo emergente. Refere-se, em geral, àqueles idosos que ainda não atingiram a velhice em idade mais “avançada”, após 80 anos; estão na faixa dos 55 aos 70 anos, e incluem, fundamentalmente, pessoas que ainda têm boa saúde e tempo livre para o lazer e para novas experiências nessa etapa da vida.

velho, por idoso<sup>10</sup>, evitando assim, o evidente incomodo que a denominação velho carrega culturalmente (ROSA, 2014). Além disso, de acordo com Bandeira (2012) é necessário estudar as diversas maneiras de envelhecer, sobretudo na perspectiva dos próprios indivíduos sobre os significados deste período de sua vida e a integração com a sua experiência.

Desse modo, a obtenção de mais dados sobre o envelhecimento e os respectivos significados na perspectiva do sujeito que envelhece é fundamental para uma melhor compreensão desse processo, assim como para a adoção de medidas adequadas para um envelhecimento bem-sucedido. Além disso, pode evitar possíveis equívocos de profissionais de saúde em decorrência da falta de informações sobre a necessidade de compreender a subjetividade que circunda o processo de envelhecimento, haja vista que os profissionais de saúde precisam olhar para o idoso além das questões biológicas, reconhecer essa população como parte fundamental no desenvolvimento da sociedade, valorizando as potencialidades, as crenças, as experiências, vivências e histórias de vida.

Sendo assim, a análise das trajetórias de vida dos idosos longevos vinculados a uma Unidade de Saúde da Família, objeto de estudo deste trabalho, oportuniza o exercício da escuta e permite a livre expressão sobre o tema envelhecer.

A opção por trabalhar com as memórias dos idosos longevos vai ao encontro de algumas constatações fundamentais. Primeiro, o idoso é um narrador por excelência, que muito viveu e, por isso mesmo, tem muito o que contar (BENJAMIN, 1996). Segundo, a sua memória, por mais que seja individual, é coletiva na medida em que traduz experiências e representações produzidas a partir de seu contato com diferentes grupos e instituições; ademais, ao lembrar, o sujeito reconstrói os acontecimentos não “tal como foram”, mas a partir das referências que possui do momento presente (HALBWACHS, 2006).

A velhice enquanto um tema de estudo neste trabalho, constituiu-se a partir das experiências acadêmicas em disciplinas, estágios e projetos de extensão, o que culminou no interesse pela área de envelhecimento e seus entornos. Contudo, o interesse pelo tema da velhice, surgiu não da velhice asilada, doente, com comprometimento da capacidade funcional, mas da velhice sem dependência funcional e residente em domicílio. Assim, o interesse para esse tema de estudo foi despertado durante a formação de um grupo de dança com idosos usuários da Unidade saúde da família em que percebeu-se que a maioria dos idosos longevos era independente, alegre e gostava de contar as suas histórias de vida, foi

---

<sup>10</sup> Atualmente tem-se optado por utilizar o termo “idoso”, tendo em vista que é mais aceito, visando assim evitar o caráter pejorativo da palavra “velho”. O Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741 de 1 de outubro 2003) determinam que o indivíduo idoso é aquele que, cronologicamente, atingiu 60 anos de idade.

dessa maneira que surgiu a ideia de buscar compreender como os idosos longevos representam o seu processo de envelhecimento a partir da técnica da história oral temática, e, por extensão, pela memória.

Para Matos (2004), rememorar uma trajetória de vida na velhice sugere uma opção e reconstrução desenvolvida pelo indivíduo no presente, delimitadas pelas matrizes sociais em que esteve implicado durante a vida, pois a memória de cada indivíduo é portadora de um conjunto de referências sociais. Dessa maneira, as recordações são elementos indispensáveis do processo em que a identidade atual é construída pela rememoração.

Brandão (2005) afirma que, ao ouvir o idoso, dando-lhes a palavras através do resgate e ressignificação de suas histórias, é possível fortalecer a sua autoestima e sentido de pertencimento. Assim, a narrativa como recurso metodológico é relevante neste estudo, pois a análise dos depoimentos dos idosos pode contribuir para o avanço do conhecimento acerca do envelhecimento nas suas dimensões individuais e coletivas, já que as recordações não respondem ao contexto do passado, mas sim, do presente, pois a memória busca no passado respostas para o presente.

Assim, para uma maior compreensão do envelhecimento e construção de um problema de pesquisa para a realização do mestrado, desviou-se parcialmente, das leituras sobre os aspectos biológicos do envelhecimento e intensificou-se a exploração dos conhecimentos da área de ciências humanas e sociais, enriquecendo as discussões sobre o envelhecimento.

Nesse contexto, o Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade permitiu a possibilidade de uma melhor análise, processamento e reflexão dos aspectos humanos e sociais envolvidos com o envelhecimento humano. Dessa maneira, este estudo tem por questão norteadora: Qual o significado de envelhecer para idosos longevos?

Foi nesse viés que se pesquisou e que no transcorrer dos discursos dos idosos longevos foram obtidas as respostas para as questões levantadas, contribuindo para o enfoque interdisciplinar, complexo e plural da velhice e de suas identidades e memórias. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo geral: Compreender as identidades dos idosos longevos a partir de suas memórias. Assim como: Desvelar o significado de envelhecer para os idosos longevos; descrever como o idoso longo representa o seu processo de envelhecimento e, a partir daí, constrói sua identidade.

Somando-se à introdução, a estrutura desta dissertação está organizada em quatro capítulos.

No capítulo inicial: Procedimentos metodológicos: É realizada a fundamentação metodológica que norteou a coleta e análise das informações. A escolha pela técnica da história oral temática é explicitada e justificada, na medida em que permite, a partir de memórias, analisar as identidades dos idosos longevos.

No segundo Capítulo: Memória e envelhecimento: Discute-se a memória coletiva, e o seu carácter social. O indivíduo ao rememorar, reatualiza os acontecimentos apoiando-se nos grupos e instituições sociais que transitou durante a vida e que promovem o sentimento de pertencimento. Dessa maneira Halbwachs (2006) norteia a discussão desse capítulo, e na parte final há uma reflexão sobre memória e velhice.

No terceiro capítulo: Identidade e envelhecimento: Trata-se das definições de identidade individual e coletiva e discute-se a identidade do idoso na contemporaneidade, a articulação dos conceitos de identidade e memória, além da identidade e a memória familiar. Recorreu-se, assim aos aportes teóricos das obras de Candau (2011), Pollak (1989; 1992) e Campedelli (2009).

No ultimo capítulo: Re(vivendo) o passado: a memória na construção da identidade dos idosos longevos: Apresenta-se a análise dos dados empíricos. Este capítulo foi organizado de acordo com a conformação de cinco categorias de análise: memória familiar e a construção da identidade; os marcos sociais da memória dos idosos longevos; o significado de “ser velho” e a sua negação; envelhecimento e aparência: (re) significados da corporeidade na velhice; significados sobre o envelhecer. Em seguida as Considerações finais: Procurou sintetizar os achados do estudo. Por fim é apresentado as referências, os apêndices e os anexos da pesquisa.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 TIPO DE ESTUDO

Neste capítulo é realizada a fundamentação metodológica que norteou a coleta e análise das informações. A escolha pela técnica da história oral temática é explicitada e justificada, na medida em que permite, a partir de memórias, analisar as identidades dos idosos longevos.

Dessa maneira, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória-descritiva<sup>11</sup>, com a utilização da técnica de história oral que permite a partir de investigações teóricas, associar a produção científica com o discurso que o próprio idoso faz de si e do envelhecimento (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008).

Diferentes autores destacam a importância dos estudos qualitativos na área da saúde. Turato (2005, p. 509) relata que as pesquisas qualitativas em saúde empregam os pressupostos das Ciências Humanas e não buscam compreender “o fenômeno em si, mas entender o significado individual ou coletivo para a vida das pessoas”. Para Flick (2009, p. 20), os estudos qualitativos são relevantes, pois envolvem as relações sociais, resultantes da “pluralização das esferas de vida, a diversidade de ambientes, subculturas, e estilos e formas de vida”.

Nesse mesmo sentido, Minayo (2010, p. 57) afirma que o “método qualitativo se aplica ao estudo da história” na busca pelo entendimento da lógica no contexto dos grupos, instituições e participantes. Ainda segundo esta autora, o método qualitativo abrange os valores culturais e representações sobre sua história e temas particulares, conexões entre os indivíduos, as instituições e as ações coletivas, bem como os processos históricos, sociais e de operacionalização de políticas públicas e sociais.

Assim, existe neste tipo de pesquisa uma preocupação com a qualidade das informações. Procura-se uma compreensão particular, não se ocupando com generalizações, leis ou princípios, sua atenção está no peculiar, nas especificidades, almejando compreender o fenômeno em estudo por meio da análise de crenças, atitudes, sentimentos e motivações dos indivíduos estudados (MINAYO, 2010).

---

<sup>11</sup> Segundo Gil (2010) pesquisas exploratórias tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, buscando o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. O mesmo autor ressaltar que o estudo descritivo tem como objetivo a descrição das características de dada população ou fenômeno e, em conjunto com os exploratórios são habitualmente desenvolvidas por pesquisadores sociais.

## 2.2 LOCAL DE ESTUDO

Este estudo foi desenvolvido no município de Vitória da Conquista, situado na região sudoeste da Bahia, distante a 509 km da capital do estado. A cidade é destaque, entre os municípios da região, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 tinha uma população de 306.866 habitantes, dos quais 31.196 possuíam de 60 a 69 anos, e 26.650 tinham 70 anos ou mais (BRASIL, 2010).

Segundo informações do Departamento de informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) (BRASIL, 2015), a rede assistencial de saúde pública de Vitória da Conquista dispõe de: 2 academias de saúde<sup>12</sup>; 1 central de regulação médica de urgências<sup>13</sup>; 3 centrais de atenção psicossocial-CAPS<sup>14</sup>; 43 unidades básicas de saúde<sup>15</sup>; 2 centrais de regulação de serviços de saúde<sup>16</sup>; 91 ambulatórios especializados<sup>17</sup>; 1 farmácia<sup>18</sup>; 6 hospitais especializados<sup>19</sup>; 8 hospitais gerais<sup>20</sup>; 6 hospitais dia<sup>21</sup>; 7 policlínicas<sup>22</sup>; 11 postos de saúde<sup>23</sup>; 1 pronto socorro geral<sup>24</sup>; 2 secretárias de saúde<sup>25</sup>; 1 serviço de atenção domiciliar isolado

---

<sup>12</sup> Caracteriza-se como espaço físico destinado à orientação de práticas corporais e atividade física, de lazer e modos de vida saudáveis. Os polos de programas preexistentes ao Programa Academia da Saúde devem caracterizar-se como espaços de livre acesso à população, especialmente construído(s), reformado(s) ou ampliado(s) para o desenvolvimento de atividades físicas, de lazer e de modos de vida saudáveis, em articulação com a UBS do território, não podendo possuir nenhum tipo de barreira física que o delimite espacialmente ou intimide o acesso das pessoas ao local (BRASIL, 2015).

<sup>13</sup> O estabelecimento de saúde destinado à regulação de todos os fluxos de pacientes vítimas de agravos urgentes à saúde, do local onde ocorreram até os diferentes serviços da rede regionalizada e hierarquizada, bem como dos fluxos entre os serviços existentes no âmbito municipal, regional e estadual (BRASIL, 2015).

<sup>14</sup> São unidades de saúde locais/ regionalizadas que contam com uma população adscrita definida pelo nível local e que oferecem atendimento de cuidados intermediários entre o regime ambulatorial e a internação hospitalar, em um ou dois turnos de 4 horas, por equipe multiprofissional, constituindo-se também em porta de entrada da rede de serviços para as ações relativas à saúde mental (BRASIL, 2015).

<sup>15</sup> Unidade para realização de atendimentos de atenção básica e integral a uma população, de forma programada ou não, nas especialidades básicas, podendo oferecer assistência odontológica e de outros profissionais de nível superior (BRASIL, 2015).

<sup>16</sup> É a unidade responsável pela avaliação, processamento e agendamento das solicitações de atendimento, garantindo o acesso dos usuários do SUS, mediante um planejamento de referência e contra-referência (BRASIL, 2015).

<sup>17</sup> Clínica Especializada destinada à assistência ambulatorial em apenas uma especialidade/área da assistência (BRASIL, 2015).

<sup>18</sup> Estabelecimento de saúde isolado em que é feita a dispensação de medicamentos básicos/essenciais (Programa Farmácia Popular) (BRASIL, 2015).

<sup>19</sup> Hospital destinado à prestação de assistência à saúde em uma única especialidade/área (BRASIL, 2015).

<sup>20</sup> Hospital destinado à prestação de atendimento nas especialidades básicas, por especialistas e/ou outras especialidades médicas. Pode dispor de serviço de Urgência/Emergência (BRASIL, 2015).

<sup>21</sup> Unidades especializadas no atendimento de curta duração com caráter intermediário entre a assistência ambulatorial e a internação (BRASIL, 2015).

<sup>22</sup> Unidade de saúde para prestação de atendimento ambulatorial em várias especialidades (BRASIL, 2015).

<sup>23</sup> Unidade destinada à prestação de assistência a uma determinada população, de forma programada ou não, por profissional de nível médio, com a presença intermitente ou não do profissional médico (BRASIL, 2015).

<sup>24</sup> Unidade destinada à prestação de assistência a pacientes com ou sem risco de vida, cujos agravos necessitam de atendimento imediato (BRASIL 2015).

(*Home Care*)<sup>26</sup>; 27 unidades de serviços de apoio de diagnóstico e terapia<sup>27</sup>; 1 unidade de vigilância em saúde<sup>28</sup>; 6 unidades móveis de nível pré-hospitalar/emergência<sup>29</sup>; 1 unidade móvel terrestre<sup>30</sup>.

A cidade oferece programas voltados para a terceira idade como o grupo Sempre viva do Serviço Social do comércio (SESC), o programa Vivendo a terceira idade<sup>31</sup> da prefeitura municipal que realizam atividades com grupos de idosos. Neste município, também há espaços de socialização das pessoas como a Praça da Juventude, o Parque municipal Lagoa das Bateias, e duas academias de saúde para a prática de atividades físicas com equipamentos de ginástica, sala de convivência e acolhimento.

### 2.2.1 Sobre a unidade de saúde da família

A pesquisa de campo foi desenvolvida em uma Unidade Saúde da Família (USF) do município Vitória da Conquista que possui o Programa de agentes comunitárias de saúde (PACS) e faz parte da Estratégia Saúde da Família (ESF). Essa USF está inserida num bairro que apresenta estrutura necessária para o atendimento das necessidades da população, como: comércio diversificado, supermercados, farmácias, escolas, instituição de nível superior, creches, praças, parque. Optou-se por não revelar o nome da Unidade de saúde para preservar a integralidade e a imagem dos participantes envolvidos neste estudo.

---

<sup>25</sup> Unidade gerencial/administrativa e/ ou que dispõe de serviços de saúde, como vigilância em Saúde (Vigilância epidemiológica e ambiental; vigilância sanitária), Regulação de Serviços de Saúde (BRASIL, 2015).

<sup>26</sup> Entende-se por Serviço de Atenção Domiciliar Isolado (HomeCare) o estabelecimento de saúde responsável pelo gerenciamento e operacionalização de assistência e/ou internação domiciliar em conformidade com a RDC/ANVISA nº 11, de 26 de Janeiro de 2006 (BRASIL, 2015).

<sup>27</sup> Unidades isoladas onde são realizadas atividades que auxiliam a determinação de diagnóstico e/ou complementam o tratamento e a reabilitação do paciente (BRASIL 2015).

<sup>28</sup> É o estabelecimento isolado que realiza trabalho de campo a partir de casos notificados e seus contatos, tendo como objetivos: identificar fontes e modo de transmissão; grupos expostos a maior risco; fatores determinantes; confirmar o diagnóstico e determinar as principais características epidemiológicas, orientando medidas de prevenção e controle a fim de impedir a ocorrência de novos eventos e/ou o estabelecimento de saúde isolado responsável pela execução de um conjunto de ações, capaz de eliminar, diminuir ou prevenir riscos à saúde e de intervir nos problemas sanitários decorrentes do meio ambiente, da produção e circulação de bens e da prestação de serviços de interesse da saúde (BRASIL, 2015).

<sup>29</sup> Veículo terrestre, aéreo ou hidroviário destinado a prestar atendimento de urgência e emergência pré-hospitalar a paciente vítima de agravos a sua saúde (BRASIL, 2015).

<sup>30</sup> Veículo automotor equipado, especificamente, para prestação de atendimento ao paciente (BRASIL, 2015).

<sup>31</sup> O programa Vivendo a Terceira Idade foi criado em 1997, atualmente atende a 400 idosos (as). Os serviços prestados são: grupos de convivência; oficinas de artesanato; pintura; reciclagem; bordado; crochê; alfabetização; salão de beleza; excursões turísticas e bailes temáticos, que tem como foco o desenvolvimento de atividades que contribuam no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento dos vínculos familiares e do convívio comunitário e na prevenção de situações de risco social (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2015).

Informações do Sistema de informação da atenção básica (SIAB) (BRASIL, 2014) apontam que essa USF possui 3.392 famílias cadastradas, oferecendo atendimento para 13.146 usuários, dos quais 1.320 são idosos, o atendimento da unidade é de segunda a sexta-feira, das 07h30min às 17h00min.

O modelo de atenção à saúde nessa USF é desenvolvido segundo o preconizado nos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). Esse centro de saúde é subordinado à Secretaria municipal de saúde de Vitória da Conquista e realiza consultas médicas e de enfermagem voltadas para crianças, gestantes, puérperas, hipertensos, diabéticos, consultas odontológicas, clínica geral, pediatria, ginecologia, obstetrícia.

Também há disponibilização de medicamentos em sua farmácia interna básica e realiza-se técnicas e procedimentos de saúde como curativos, vacinas, inalações, retirada de suturas, sinais vitais, coleta de exame ginecológico, entre outros. Além do atendimento ambulatorial, são ofertadas atividades educativas e de lazer para os idosos, como o grupo Roda de terapia Comunitária<sup>32</sup>, caminhadas, festejos carnavalescos e juninos.

A escolha por esta unidade específica deve-se ao fato desta Unidade de saúde apresentar o segundo maior percentual de idosos longevos do município (BRASIL, 2014), e por já terem sido desenvolvidas, anteriormente, algumas atividades com o grupo de idosos durante a vivência no Programa de educação pelo trabalho para a saúde (PET-Saúde). O PET-saúde é um programa que tem suas ações intersetoriais direcionadas para o fortalecimento de áreas estratégicas para o SUS. Tem como fio condutor a integração ensino – serviço comunidade, e é uma parceria entre a Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde e Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde, a Secretaria de Educação Superior, do Ministério da Educação, e a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (BRASIL, 2015).

O objetivo do PET-saúde é contribuir para a formação profissional, bem como favorecer a iniciação ao trabalho de estudantes das graduações em Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia, Psicologia, Medicina, Fonoaudiologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional. No município de Vitória da Conquista o PET-saúde é realizado através da parceria entre a

---

<sup>32</sup> A Roda de Terapia Comunitária ocorre a partir dos princípios teóricos estabelecidos pela metodologia do educador e filósofo Paulo Freire, pela psicologia sistêmica integrativa e pela cultura popular. A proposta é, de forma terapêutica, transformar a conversa em uma solução para o alívio dos problemas apresentados pelos participantes. Os participantes falam sobre suas alegrias, seus problemas e apresentam seus sentimentos. Além da conversa, o grupo também utiliza a música durante alguns momentos do encontro. A realização da Roda de Terapia conta com a colaboração dos agentes comunitários de saúde da Unidade que, além de convidar os usuários a participar dos encontros, contribuem com o relato de suas experiências de vida durante as reuniões (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2015).

Universidade Federal Bahia, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e a Secretaria Municipal de Saúde de Vitória da Conquista.

### 2.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Em pesquisa, o termo população ou universo significa a totalidade de pessoas que habita uma determinada área geográfica ou o conjunto de elementos que compõe o objeto de estudo (OLIVEIRA, 2012). Assim, a população do presente estudo foi composta por todos os idosos cadastrados na Unidade Saúde da Família escolhida.

Segundo Turato (2011), a palavra amostra significa uma porção, um pedaço, um fragmento, os quais são apresentados para demonstrar propriedades da natureza ou qualidade de algo. Em pesquisas científicas, amostra significa uma parcela selecionada segundo uma determinada conveniência e extraída de uma população de sujeitos.

Considerando o número expressivo de idosos nessa USF, optou-se pelo critério de saturação dos dados de Marcus e Lierh (2001), sendo os dados coletados até o momento em que foi percebido a repetição das informações compartilhadas com o pesquisador e que a inclusão de outros participantes não resultaria em ideias novas. Assim, a amostra se consolidou em diferentes momentos de entrada na pesquisa.

De acordo ainda com Marcus e Lierh (2001), em geral, numa abordagem qualitativa, o número de participantes é menor do que em uma abordagem quantitativa, ou seja, menos pessoas são estudadas na pesquisa qualitativa, comparados com um número maior estudado na quantitativa.

De acordo com Minayo (2010), a amostra qualitativa ideal é aquela que possibilita refletir a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões. Para essa autora, o processo de definição da amostra qualitativa deve levar em consideração os seguintes aspectos:

(a) investir em instrumentos que permitam a compreensão de diferenciações internas e de homogeneidade; (b) assegurar que a escolha do locus e do grupo de observação e informação contendam o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar na pesquisa; (c) privilegiar os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer; (d) definir claramente o grupo social mais relevante, ou seja, sobre o qual recai a pergunta central da pesquisa. [...]; (f) trabalhar num processo de inclusão progressiva das descobertas do campo, confrontando-as com as teorias que demarcam o objeto; (g) nunca desprezar informações ímpares e não repetidas, cujo potencial explicativo acabam por ser importantes [...]; (h) considerar um número suficiente de interlocutores para permitir reincidência e complementaridade das informações; (i) certificar-se de que o quadro empírico da pesquisa esteja mapeado e compreendido [...] (MINAYO, 2010, p. 407).

Assim como Goldenberg (2009), nesta pesquisa qualitativa, a primeira preocupação não esteve associada à representatividade numérica do grupo a ser pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. Dessa maneira, a determinação do fechamento amostral deste estudo incluiu todos os indivíduos disponíveis para participarem da pesquisa (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008) e que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: idade igual ou superior a 80 anos, ser usuário da USF escolhida, desejo para contar as suas histórias e vivências ao entrevistador dessa pesquisa e ter habilidade para se expressar facilmente com as palavras.

Assim, participaram da pesquisa dez idosos longevos, os quais foram estudados intensivamente. Buscou-se compreender os significados, os valores, as ideias e os sentimentos, acreditando que a experiência do envelhecer é uma experiência pessoal, mas impregnada pelo contexto social.

## 2.4 TÉCNICA DE OBTENÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Nesta pesquisa foi utilizada a técnica da história oral, a qual permite que a investigação se aproxime do sentimento que os sujeitos vivenciam na situação estudada. Segundo Silva (1998) a história oral é um método qualitativo de coleta e análise dos dados que confere centralidade ao assunto discutido pelos agentes sociais, possibilitando a compreensão dos elementos fundamentais para a reconstrução, compreensão e explicação de processos sócio históricos. Essa técnica analisa a trajetória individual não em si, mas na relação que estabelece com outras trajetórias e, portanto, permite a análise de toda uma trajetória (história de vida) ou um aspecto determinado (história temática) (SILVA, 1998).

A grande peculiaridade da história oral é a possibilidade da “reconstrução das experiências vividas”, seja de um indivíduo, de um grupo ou de uma organização (MINAYO, 2010). Essa característica é importante, pois é o narrador que conhece o acontecimento, suas circunstâncias, as condições atuais ou históricas, ou por tê-lo vivido, ou por deter a respeito, informações preciosas que podem fornecer dados originais ou complementar dados já obtidos de outras fontes (QUEIROZ, 1999).

A partir da técnica da história oral, o indivíduo recorda os acontecimentos, não “tal como foram”, mas a partir da concepção que possui do presente, num trabalho de releitura, de reconstrução dos fatos que marcaram sua trajetória. A sua memória individual está atrelada à

memória do grupo e da coletividade e, por isso mesmo, possibilita a análise de um determinado período ou de uma dada temática (BOSI, 1998; HALBWACHS, 2006).

Para a coleta da história oral temática dos participantes desse estudo, foi utilizada uma entrevista composta por sete questões: O que é a velhice/envelhecer? O que é ser velho para o senhor (a)? O que mudou em sua vida após a velhice? Como é a sua vida hoje? Como o senhor (a) se vê hoje sendo idoso e como o senhor (a) se enxerga? Como o senhor (a) acha que a sua família e as demais pessoas te enxergam? O que marcou sua vida durante o envelhecimento?

A técnica da história oral temática, diferentemente, da história de vida possui um questionário que recorta e conduz para assuntos mais objetivos, conforme descrito a seguir:

Com a História Oral temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista, que tem característica de depoimento, não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo (FREITAS, 2006, p. 8).

Na entrevista, a fala é elaborada como síntese de diversas experiências que o entrevistado mesmo seleciona e interpreta no exato momento em que é interrogado (ROSA, 2008). A entrevista pode ser classificada, segundo o nível de estruturação e roteiro de questões utilizadas. Desse modo, optou-se por empregar a técnica de entrevista semiestruturada. De acordo com Polit, Bleck e Hungler (2004), as entrevistas semiestruturadas ou denominadas enfocadas são empregadas quando o pesquisador tem uma lista de tópicos que devem ser cobertos.

A função do entrevistador nesses tipos de entrevistas é estimular os participantes a falar livremente sobre os tópicos que constituem o roteiro. O entrevistador parte de questionamentos básicos, apoiados em teorias e pressupostos que interessam à pesquisa, e que, a seguir, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novos pressupostos que emergem à medida que as respostas do entrevistado são ouvidas (TRIVÑOS, 2011).

Todas as entrevistas foram desenvolvidas nos domicílios, em dias e horários previamente combinados entre o pesquisador e os idosos. De acordo com Duarte (2002), a entrevista flui mais tranquilamente quando realizada na residência da pessoa entrevistada, pois no ambiente doméstico há mais liberdade de expressão das ideias e menos preocupação com o tempo.

As entrevistas foram realizadas no período compreendido entre janeiro e maio de 2015 e gravadas por meio da utilização de um gravador digital portátil. O tempo de duração das entrevistas variou entre quarenta minutos e uma hora; nenhuma foi inferior a trinta minutos nem superior a uma hora e meia. O tempo de duração das entrevistas não era um ponto de preocupação, mas sim, a espontaneidade e o bem-estar dos entrevistados durante o relato de suas percepções e vivências. Nesta vertente, a duração da entrevista foi flexível e dependeu das circunstâncias que rodeavam, principalmente, o informante e o teor do assunto em estudo. No entanto, uma entrevista com duração prolongada se torna repetitiva e consideravelmente pobre (TRIVÑOS, 2011).

As entrevistas foram transcritas sempre no dia posterior a realização da mesma, no intuito de garantir a fidelidade dos detalhes dos encontros. Durante a transcrição, eram realizadas anotações referentes aos significados das pausas, choros, risos, silêncios e outras manifestações não verbais observadas e que acompanhavam as narrativas que estavam sendo transcritas.

## 2.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O contato inicial com o campo de trabalho ocorreu no mês de dezembro de 2014 com uma visita a USF, momento em que os propósitos da pesquisa foram explicados para a enfermeira responsável pela Unidade. Em seguida, agendou-se um novo encontro para explicar o objetivo do trabalho e a necessidade da colaboração dos profissionais da Unidade durante o primeiro contato com os participantes da amostra dessa pesquisa. No entanto, esse encontro foi desmarcado diversas vezes, demonstrando falta de interesse da enfermeira responsável em colaborar com o pesquisador.

Assim, em janeiro de 2015, foi marcada uma breve reunião apenas com os ACS para explicar o objetivo e os critérios de inclusão do estudo. Após realizar um levantamento dos idosos que se enquadravam nos critérios de inclusão, foram realizadas as visitas domiciliares aos idosos, acompanhadas pelos ACSs, estabelecendo-se assim, os primeiros contatos com os participantes desse estudo. Nessa visita, os objetivos do trabalho e o convite de participação foram apresentados, essa primeira visita era destinada também a uma conversa sobre questões de saúde, qualidade de vida, e também para a mensuração da pressão arterial sistêmica dos idosos, tendo essa primeira visita o intuito de criar uma relação de confiança entre os participantes e o entrevistador, conforme descrito abaixo:

É indispensável criar uma relação de confiança entre informante e entrevistador. Disso depende o sucesso. Essa necessidade de estabelecer certos vínculos explica por que alguns entrevistadores preferem interrogar as testemunhas individualmente, tornando mais fácil a intimidade através de um diálogo (TOURTIER-BONAZZI, 2013, p. 234).

Diante de uma resposta positiva do idoso para participar do estudo, um segundo encontro com maior duração foi agendado, pois a coleta de dados era realizada em dois momentos. No primeiro, aplicava-se o questionário de caracterização sociodemográfica dos idosos (APÊNDICE A) para o delineamento do perfil dos participantes em relação a possíveis fatores influenciadores do significado do envelhecer, como por exemplo: a escolaridade, o estado civil, a saúde, as relações familiares. No segundo momento, era realizada a entrevista semiestruturada com as sete questões norteadoras (APÊNDICE B).

Antes do início da coleta dos dados, desenvolveu-se um teste piloto com dois idosos enquadrados nos critérios de inclusão já mencionados anteriormente. Os dados oriundos deste teste piloto permitiu testar a precisão dos instrumentos de coleta de dados e contribuiu para tornar mais nítidas as questões norteadoras a serem utilizadas durante o trabalho de campo (MINAYO, 2010). Ao realizar a entrevista com os dois idosos percebeu-se que as respostas relacionadas às questões norteadoras referidas por um idoso não eram condizentes aos objetivos desse estudo, sendo esse participante excluído da amostra desse estudo.

Em seguida, realizou-se adaptações e correções no questionário sociodemográfico e nas questões norteadoras utilizadas nas entrevistas com os demais participantes desse estudo. Portanto, o teste piloto auxiliou no refinamento dos planos de conteúdo e procedimentos de coleta de dados.

## 2.6 ANÁLISE DE DADOS

A grande quantidade de informações obtidas nas entrevistas tornou necessário o uso de uma ferramenta computacional de suporte para análise dos dados para auxiliar no manuseio e organização dos dados, facilitando assim, o processo de integração entre as categorias emergentes. Para tanto, utilizou-se o software de tratamento de dados qualitativos QSR NVivo<sup>®</sup>, versão 10.0, doravante escrito como NVivo.

Esse software destina-se à codificação, tratamento, armazenamento e gerenciamento de arquivos de textos, vídeos e áudios. Esse programa oferece um conjunto de ferramentas que facilita o processo de análise por meio da criação de códigos, determinação de categorias analíticas e estabelecimento de relacionamento entre elas (SAUR-AMARAL, 2012).

É imprescindível ressaltar que todo o processo de análise foi fruto exclusivo da interpretação do pesquisador, pois o software não executa qualquer tipo de análise nesse sentido. O NVivo, somente, ajudou na tarefa de organização intelectual, reunindo categorias de um modo rápido e facilitando a comparação dos dados.

Para análise dos dados colhidos a partir das entrevistas, optou-se pela técnica de Análise de Conteúdo na modalidade Temática. A análise de Conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo, que visam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 2011).

A Análise de Conteúdo foi empregada para realizar a análise dos significados e dos significantes, já que “a noção de tema, largamente utilizada em Análise Temática é característica da Análise de Conteúdo” (BARDIN, 2011, p.223). O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas às questões abertas, entrevistas, individuais ou de grupo e de inquérito podem ser, e são frequentemente, analisados tendo o tema por base (BARDIN, 2011).

A noção de tema, segundo Minayo (2010) está relacionada a uma afirmação acerca de determinado assunto. Comporta um feixe de relações, podendo ser graficamente apresentada por meio de uma palavra, uma frase, um resumo. Portanto, a Análise temática consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que formam uma comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (MINAYO, 2010; BARDIN, 2011). Para a Análise Temática dos dados, optou-se por seguir as etapas propostas por Bardin (2011). Segundo a proposta desta autora a Análise Temática desdobra-se nas seguintes etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

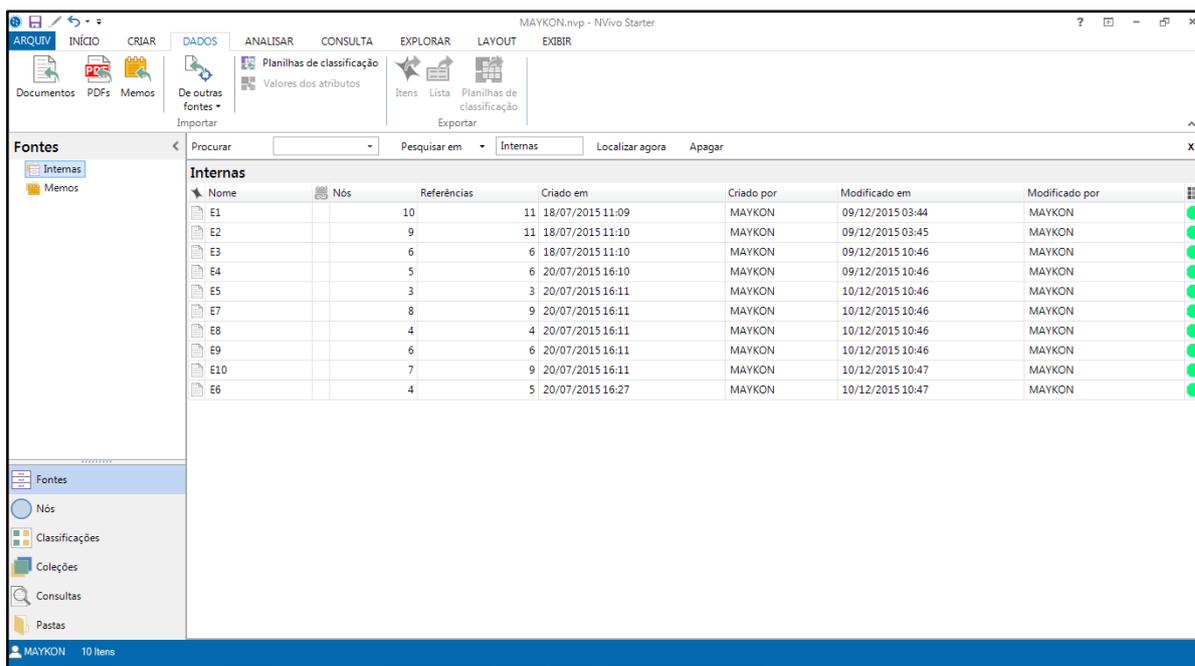
A pré-análise consistiu na fase de organização com o objetivo de operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais no intuito de estabelecer um plano de análise. A pré-análise, segundo Bardin (2011) pode ser decomposta nas seguintes tarefas: leitura flutuante, constituição do *corpus* e formulação e reformulação de hipóteses e objetivos.

A etapa de **pré-análise** iniciou através das transcrições dos áudios gravados, gerando arquivos em um processador de texto (extensão “.docx”). Em seguida, os arquivos de texto foram introduzidos no NVivo com o recurso de importação de fontes de informação. Esse procedimento gerou uma base de dados específica do NVivo, criando o primeiro bloco de

informações e compondo assim, o *corpus* da pesquisa. A figura 1 mostra uma tela do NVivo com as transcrições importadas para o aplicativo.

Após a criação do banco de dados no NVivo, a manipulação das informações ficou mais fáceis e foi possível acelerar o início da etapa seguinte, a de **exploração do material**.

**Figura 1** – Tela do QSR NVivo® com as transcrições importadas para o aplicativo



Fonte: Dados da Pesquisa.

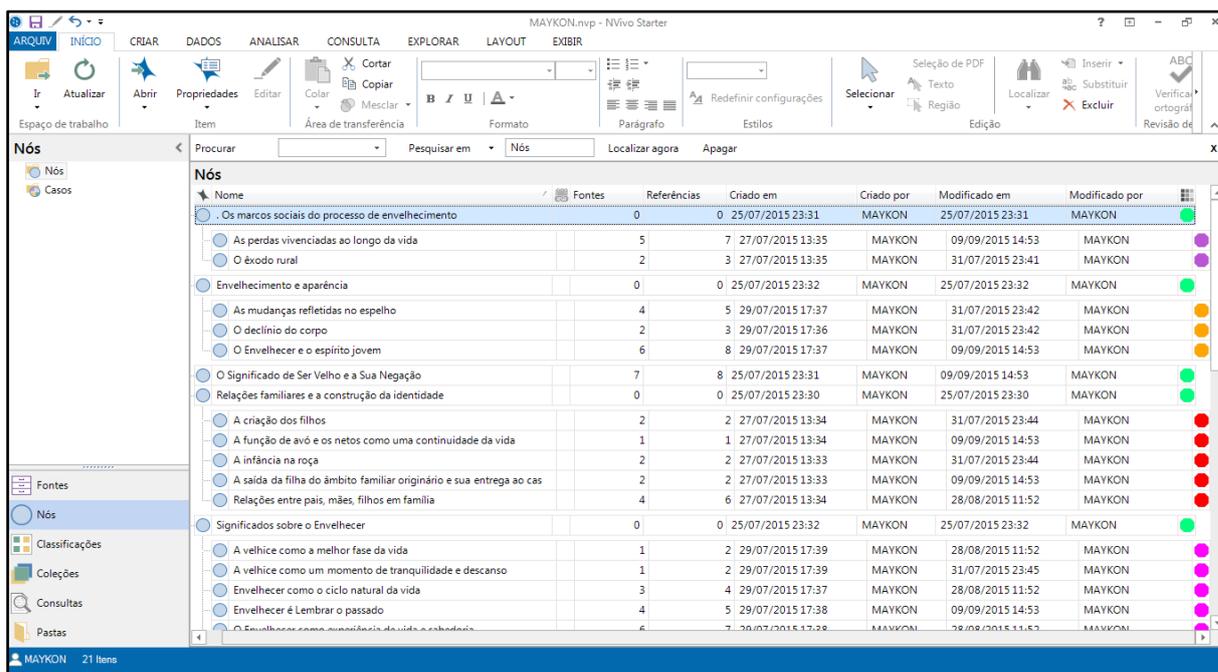
Nessa fase, iniciou-se a leitura flutuante e exaustiva das transcrições, onde impressões e orientações foram percebidas e as ideias centrais e estruturas de relevância do estudo, compreendidas. Assim, foram possíveis as operações de codificação e categorização dos textos, sendo que o processo de codificação ocorreu com a decomposição dos conteúdos em unidades de registro com base nas expressões com sentidos equivalentes que surgiram ao longo do *corpus*, as quais foram agrupadas nas categorias analíticas emergentes dos dados empíricos.

Dessa forma, a transcrição dos segmentos de texto representativos das “unidades de registro” (palavra-chave ou frase) foram recortadas das “unidades de contexto”. No NVivo, esse processo é chamado de codificação, onde são organizados os chamados “nós” do NVivo e funcionam como repositórios nos quais o pesquisador pode reunir materiais relacionados (unidades de registro) em um único lugar (QRS INTERNATIONAL, 2013).

O processo de redução de dados começou com a criação dos chamados “nós”. Nesse processo de decomposição dos conteúdos, cada grupo de informação codificada pelo

pesquisador foi transformado em um conjunto de “nós”. A Figura 2 mostra uma tela do NVivo com os temas e subtemas de análise. Para a estruturação dos nomes dos temas de análise (nós), buscou-se criar um nome representativo do tema com foco na fundamentação teórica. Como resultados desse processo foram organizados cinco temas de análise:

**Figura 2** – Tela do QSR NVivo® com os “nós” que formaram os temas e subtemas de análise



Fonte: Dados da Pesquisa

Nessa etapa utilizou-se o recurso do Nvivo para exploração e análise do material empírico. Dentre eles, a técnica das “Nuvens de palavras”, tornando fácil a visualização de semelhanças nos conteúdos categorizados. Assim, para cada categoria temática foi criada uma Nuvem de palavra.

Esta técnica pode ser compreendida como uma forma de visualização de dados linguísticos, que mostra a frequência com que as palavras aparecem em um dado contexto, neste caso mostra as palavras mais frequentes em cada categoria temática. A técnica de construção desta Nuvem consiste em usar tamanhos e fontes de letras diferentes de acordo com as ocorrências das palavras na categoria analisada, gerando uma imagem que apresenta um conjunto de palavras, coletadas do corpo do texto e agregadas de acordo com sua frequência, sendo que as palavras mais frequentes aparecem no centro da imagem e as demais em seu entorno, de modo decrescente (QRS INTERNATIONAL, 2013).

Salienta-se que para as imagens geradas nesta técnica, preposições, locuções adverbiais e outras palavras que não apresentariam relevância de conteúdo foram excluídas

para a obtenção de um resultado conciso das narrativas. Dessa maneira, a aplicabilidade desta técnica contribui para a visualização do que é mais relevante nas falas dos participantes desse presente estudo (DIAS et al., 2014).

De posse das nuvens de palavras e dos dados codificados e devidamente organizados em temas e subtemas de análise, foi iniciada a terceira e última etapa, a do **tratamento dos resultados**. Buscou-se a articulação entre o material empírico e o referencial teórico, possibilitando a ocorrência de outras contribuições teóricas sugeridas pela leitura do material empírico. Assim, essa última etapa é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica dos depoimentos, a fim de compreender a essência do fenômeno investigado, sem perder a riqueza da subjetividade de cada entrevista (BARDIN, 2011).

## 2.7 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS

O desenvolvimento desta pesquisa respeitou as recomendações éticas em pesquisas que envolvem seres humanos. A Resolução n.º466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) define pesquisa com seres humanos como aquela "que, individual ou coletivamente, envolve o ser humano de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais" (BRASIL, 2013).

Assim, atendendo aos pressupostos éticos em pesquisa, o projeto desta pesquisa foi encaminhado ao Núcleo de educação permanente da Secretaria municipal de saúde do município de Vitória da Conquista - BA, cuja coleta de dados foi autorizada (ANEXO A). Posteriormente, esse estudo foi submetido ao Comitê de ética em pesquisa (CEP) da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR) para apreciação, obtendo-se parecer de aprovação (Protocolo n° 759479) (ANEXO B).

A coleta dos dados, inclusive àqueles referentes ao teste piloto, somente foi realizada após a aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP e anuência e assinatura do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C) pelos participantes da pesquisa. Com vistas a garantir o anonimato dos participantes e facilitar a compreensão do leitor foram atribuídos aleatoriamente nomes de flores aos idosos longevos, a saber: Cravo, Margarida, Camélia, Angélica, Rosa, Lírio, Hortêncina, Violeta, girassol, Jasmim.

### 3 MEMÓRIA E ENVELHECIMENTO

Neste capítulo discute-se a memória coletiva, e o seu carácter social. O indivíduo ao recordar, reatualiza os acontecimentos apoiando-se nos grupos e instituições sociais que transitou durante a vida e que promovem o sentimento de pertencimento. Dessa maneira Halbwachs (2006) norteia a discussão desse capítulo, e na parte final há uma reflexão sobre memória e velhice.

Na contemporaneidade, observa-se um movimento de valorização do recurso da memória no campo das ciências humanas, sendo cada vez mais frequente a prática do recolhimento de recordações por meio de depoimentos (FERNANDES; LOUREIRO, 2009). De acordo com Souza (1999), as recordações contribuem, iminentemente, para a sociedade na construção da cultura e no estabelecimento do vínculo do que passou com o que está por vir.

Para Meihy e Hollanda (2013) a palavra memória é, atualmente, uma das mais evocadas em muitas manifestações, seja na área das ciências humanas ou nas falas comuns, implicando em diferentes posicionamentos em face das alternativas que ela traduz. Esse movimento de resgatar a memória nas ciências sociais humanas é extremamente importante, pois é do vínculo com o passado que se extrai a força para formação de identidade, principalmente quando se fala da memória-experiência, da memória vivida nos diferentes tempos da vida (BOSI, 2013).

O estudo da memória envolve um campo transdisciplinar e vasto que se expande para o conceito de testemunho. A natureza singular e subjetiva da memória é um fator inseparável do testemunho (BILA, 2008). Os testemunhos trazem um tipo de conhecimento específico sobre o passado, em especial a experiência vivida, a memória e o esquecimento (LACAPRA, 2005). Para Bila (2008), o testemunho é uma tentativa de recuperar, mostrar e denunciar episódios que marcaram a história e a vida dos sujeitos envolvidos, principalmente os subalternos, permitindo assim, conhecer a versão da história daqueles que não tiveram voz junto a história oficial.

A memória, nesse sentido, permite o resgate das experiências do passado, daquilo que permaneceu desprezado e silenciado sob o peso das reconstruções historiográficas dominantes ou que tenha sido considerado insignificante por elas. Yúdice (1992) estabelece que a missão do testemunho é:

*Desenterrar historias reprimidas por la historia dominante, abandonar el yo burgués para permitir que los testimonialistas hablen por su cuenta, recrear el*

*habla oral y coloquial de los narradores informantes y colaborar en la articulación de la memoria colectiva* (YÚDICE, 1992, p. 207).

Assim, o testemunho é o resultado da tendência de valorizar a identidade dos grupos subalternos que lutam pelo reconhecimento e reestruturação econômica e social. Além disso, a construção das memórias vinculadas à resistência, especialmente daquela realizada pelos grupos sociais despossuídos, se dá, sobretudo, no âmbito do cotidiano (BILA, 2008). Assim, é justamente nas narrativas do cotidiano, consideradas de senso comum, que entramos em contato com o processo de construção da identidade dos sujeitos.

Segundo Neves (2000), a memória constitui-se como forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Portanto, História e memória, por meio de uma inter-relação dinâmica, são suportes das identidades individuais e coletivas. É impossível uma sociedade em que não se acione a memória, sem que ela fertilize cada possibilidade de realização no presente e no futuro (FERNANDES; LOUREIRO, 2009).

Ao se falar em memória, é fundamental definir de qual tipo de memória se trata. Neste sentido, torna-se necessário definir a memória individual, diferenciando-a da grupal; salientando que, uma depende da outra, e uma explica-se pela outra (MEIHY, 2005). A ideia de que a memória individual se consolida e se mantém através das interações no interior dos grupos sociais foi explorada por Halbwachs (2006).

### 3.1 MEMÓRIA COLETIVA

Para Halbwachs (2006), ainda que, o ato de lembrar seja individual, são os grupos sociais pelos quais o indivíduo transitou e transita, que determinam o que é memorável ou não, já que a memória é uma construção feita no presente que seleciona fatos do passado a partir dos quadros sociais da memória. Portanto, a memória individual está ancorada a memória dos grupos que determinam aquilo que será memorável. Portanto, o sujeito não reconstrói o seu passado sozinho, já que suas recordações estão necessariamente relacionadas às recordações do grupo, e sendo assim, são coletivas.

As recordações permanecem coletivas, e elas são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só outra pessoa estivesse envolvida, e como objetos que só a outra pessoa viu. É porque, em realidade, nunca si está só (HALBWACHS, 2006).

Dessa maneira, a memória não é um fenômeno meramente individual, pertencente somente à pessoa. A memória individual está ancorada a memória dos grupos, e quanto mais

o indivíduo está inserido nos grupos sociais, mais condições terão para recuperar suas memórias, uma vez que ninguém pode lembrar-se de alguma experiência ou acontecimento fora do âmbito da sociedade, pois a evocação de recordações é sempre feita recorrendo aos outros, ou demais grupos (HALBWACHS, 2006). Portanto, a memória se completa, se fortalece com o testemunho de outros.

Assim, a memória pode ser compreendida em seus aspectos interativo e social. É essa inter-relação entre o individual e o social que se estende para a constituição do que Halbwachs (2006) denomina de “memória coletiva”. A memória individual existe a partir de uma memória coletiva, ao mesmo tempo em que a memória coletiva é composta pelas recordações individuais. É sobre a relação entre o ser individual e o coletivo que as recordações se organizam. Assim, a memória é um elemento constitutivo da identidade, devido a “rede” de relações e interações marcadas pelo “outro” (SANTOS, 1998).

Para Pollack (1992), a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Indubitavelmente existe uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, individual ou coletiva, pois a memória e a identidade são fatores extremamente importantes do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Dessa maneira, a memória alimenta-se da possibilidade de ser compartilhada, gerando assim, laços de identificação (MEIHY, 2005). A memória coletiva é, portanto, indissociável da manutenção de um sentimento de identidade que permite identificar um grupo e distingui-lo dos demais (HALBWACHS, 2006). Essa identificação se faz pelo que Halbwachs (2006) chamou de comunidade afetiva, pois o apego afetivo aos grupos de referência é o que permite e dá coexistência às recordações, facilitando a evocação, haja vista que os acontecimentos que somente foram significativos para o indivíduo e/ou para grupos que não fazem mais parte de sua rede relacional, são mais difíceis de serem rememoradas.

Se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 2006, p. 55).

Desse modo, a memória individual, “é adquirida à medida que o indivíduo toma como sua, as recordações do grupo com o qual se relaciona; há um processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo em interação com outros indivíduos” (SANTOS, 1998, p.5).

De acordo com Hoffmann-Horochovski (2008), é do passado vivido, bem mais do que o passado aprendido pela história escrita, que apoiamos nossa memória. As imagens presentes na história, mesmo que passíveis de reconstrução, não se tornarão lembranças, não integrarão o quadro da memória, pois constituem um saber abstrato. Ademais, a memória, ao contrário da história, é constantemente refeita, revivida, com base no momento presente e com referência aos valores do grupo social. E sendo assim, o tempo é importante nesse trabalho de reconstrução, pois possibilita lembrar os acontecimentos do passado dentro de um quadro temporal e espacial definido socialmente, entendendo o “ontem” no “hoje” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008).

Esse tempo se diferencia do tempo físico, matemático, cronológico. Por isso, Halbwachs (2006, p. 118) fala, em diferentes tempos, religioso, agrícola, comercial, militar, entre outros, são tempos que atendem as demandas e expectativas de diferentes grupos: “não há nenhum deles que se imponha a todos os grupos”. Assim, por envolver vários tempos, o tempo coletivo se diferencia também do tempo histórico que defende uma unidade temporal, apesar de abranger apenas as histórias de alguns grupos sociais.

O fato de o indivíduo pertencer a grupos distintos, faz com que ele vivencie diferentes tempos coletivos. E é nesses tempos diversos que ele procura reconstituir suas recordações. No entanto, é preciso considerar uma continuidade temporal que permita identificar o ontem e o hoje, ou melhor, que possibilite encontrar o “ontem dentro do hoje”, pois é justamente essa continuidade que permite o entrelaçamento entre passado e presente e a localização dos acontecimentos ou das imagens que foram ou ainda são importantes para o grupo (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008).

Duas observações são necessárias. Primeira, o recuo ao passado possui limites que variam de acordo com os grupos; quanto maior a interação com os grupos, mas nítidas e mais longas (temporalmente) serão as recordações. Segunda, o tempo coletivo, refeito através das recordações, não se confunde com o tempo real em que os acontecimentos se sucederam, pois, como já enfatizado, o indivíduo reconstrói o passado através de suas percepções do presente (HALBWACHS, 2006). Em relação ao tempo passado, Santos (1998) descreve:

Quando eu me lembro de um evento do passado, o faço por meio da reconstrução de uma série de imagens fragmentadas e de um conhecimento a partir das experiências

já vivenciadas. No momento exato em que expresso o passado sob a forma de imagem reconstruída, tal como a frase escolhida, dou ao passado uma localização específica no tempo e no espaço, e à memória, a rigidez que ela não possui (...). Como a imagem lembrada é sempre uma criação do presente, há sempre uma distância entre a imagem construída sobre o passado – em gestos, pensamentos ou ações – e o passado, embora este último não esteja ausente da imagem do presente (SANTOS, 1998, p.10).

Portanto, o espaço, assim como o tempo, é fundamental para o desenvolvimento da memória. A recordação sempre ocorre dentro de um quadro tempo-espacial determinado. É para o espaço que o sujeito se volta para lembrar os eventos significativos e para compor as imagens do passado através do presente. Revelador de identidades coletivas, o espaço traduz um quadro vivo, imprescindível para entender o indivíduo, suas relações familiares e afetivas e os seus diferentes tempos (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008).

### 3.2 MEMÓRIA E VELHICE

O idoso, para algumas culturas, representa a continuidade da história, pois o idoso representa o binômio memória/continuidade dos valores almejados pelo grupo social. Pode-se afirmar, ainda, que essa adequação não se restringe somente as sociedades africanas e indígenas em que o papel do idoso é de extrema importância para a manutenção e transmissão dos conhecimentos da tribo. É sabido que sociedades milenares da Ásia, como é o caso da Japão, também têm uma relação de extremo respeito aos idosos, chegando aos dias atuais (SANTOS, 2011).

Partindo para o ocidente, Bosi (1998) afirma que na sociedade industrial, a velhice é maléfica, porque nela todo sentimento de continuidade é destruído. Assim, a perda da continuidade é o fato marcante da sociedade moderna capitalista, haja vista, que a memória dos idosos não é mais valorizada, tornando-se difícil resgatar a história, crescendo o fosso entre as gerações, as quais vivem separadas, cada qual reunida em torno de atividades que lhe são específicas (FERNANDES; LOUREIRO, 2009). De acordo com Kessel (2004), esse distanciamento entre gerações limita o vínculo entre a experiência vivida por jovens e por idosos e impede que cada um possa ser alimentado pela experiência do outro, além de bloquear a interação e o compartilhamento de recordações e conhecimentos, reduzindo assim a função social da memória.

De acordo com Bezerra e Lebedeff (2012), percebe-se na sociedade ocidental contemporânea uma exagerada preocupação com o presente e com o futuro e uma espécie de luto em relação ao passado, como um passado perdido. Este modelo de sociedade é marcado

pela velocidade e pela fragmentação do tempo a partir de um ritmo industrial centrado na produção. Os idosos se encontram a meio caminho entre o passado e o presente sem grandes projeções para o futuro, e quando desconectado da vida familiar e produtiva encontra uma inadequação em relação à sociedade na qual está inserido.

É contraditório pensar que a sociedade contemporânea aprimore seus meios de armazenamento e registros do passado e, contudo, ignore o idoso como potencial arquivo vivo de memórias de um tempo ao qual não temos acesso. O tempo passado, presente na memória de idosos e em seus saberes, é muito pouco acessado na prática. Pode-se sugerir que o idoso, geralmente posto à margem da coletividade, experimente uma sensação de deslocamento temporal, um estar fora do tempo simbólico. Pois, por ele estar associado a uma série de estigmas de improdutivo e incapaz, faz-o sentir que seu futuro se tornou presente, ocorrendo uma desvalorização da sua história e da própria identidade (BEZERRA; LEBDEFF, 2012).

Para Souza (1999), os idosos podem dar uma grande contribuição à sociedade, devido à capacidade de armazenar as recordações e lembrar eventos do passado com mais frequência, visto que o registro de suas histórias de vida é um meio de construir nossa cultura. Considerando essa perspectiva, Bosi (1998), destaca que, há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: nesse momento de velhice social, resta-lhe, no entanto, uma função própria, que é a de lembrar, a de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. A transmissão do conjunto de valores e significados de uma dada cultura é realizada por intermédio do processo de socialização dos idosos com os jovens.

De acordo com Hoffmann-Horochovski (2008), a memória é socializada pelo indivíduo através da linguagem que é a instituição fundamental da sociedade, base de todas as outras instituições. As instituições “dependem de um arcabouço linguístico de classificações, conceitos e imperativos dirigidos à conduta individual; em outras palavras, dependem de um universo de significados construídos através da linguagem e que só por meio delas podem parecer atuantes” (BERGER; BERGER, 1977, p.195).

A socialização da memória, através da linguagem, é para os idosos uma espécie de obrigação social. E essa socialização é evidente, como afirma Bosi (1998), na interação que se estabelece entre crianças e idosos; nas experiências transmitidas pelos avós aos netos.

De acordo com Beauvoir (1990), esse processo de socialização entre idosos e jovens, já estava presente nas sociedades primitivas que valorizavam a magia e a religião; nelas, o

idoso era valorizado e tinha por função transmitir conselhos que garantissem a continuidade do social; era o “detentor do saber”.

Em perspectiva semelhante, Tedesco (2004) defende que a reconstituição da memória é fundamental pelo fato de que a sociedade da informação, da técnica e da racionalidade econômico-consumista faz o tempo passar mais rápido e, com isso, os significados dos objetos são esquecidos mais rapidamente. A memória do idoso, tão pouco valorizada, em nossa sociedade tem, portanto, função imprescindível na compreensão de quem somos e de como fomos forjados e de nossas materialidades e subjetividades. Tedesco (2004) afirma, ainda, que a socialização ocorrida cotidianamente, a partir da comunicação, e a narração como forma artesanal de comunicação, atualizam a memória e possibilitam uma representação da vida das pessoas, ou seja, geram novas imagens a partir do presente.

Segundo Bosi (1998), quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-a para a margem, a recordação de tempos melhores converte-se num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o idoso, alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvintes atentos, ressonância. Ademais, a ideia de um indivíduo desmemoriado vem sempre associada com a ideia de seu descolamento do mundo dos significados sociais, de sua fragmentação como sujeito em decorrência da perda de sua história pessoal, de sua trajetória social, de suas referências de pertencimento (FERREIRA, 2013).

De acordo com Nascentes (2004), é por meio da memória que percebemos e sentimos a noção de pertencimento e continuidade, assim como, é pela memória que se constroem os significados da vida presente, da vida cotidiana dos indivíduos. E para a construção de um conhecimento cujo informante é o idoso, a memória é a ferramenta, o recurso sem o qual seria impossível constituir uma narrativa consistente e coerente com o sentido de busca da compreensão da existência humana, cuja história se inscreve no tempo, na dinâmica inafastável do presente que se torna pretérito na espera do porvir (NASCENTES, 2004).

Bosi (1998) vê no idoso a função social própria de rememorar, de fazer longos voos em direção ao passado e com maturidade seleciona aspectos que considera importantes no presente. Na opinião de Bosi (1998), o idoso não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro: a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente, alargando suas margens. Portanto, para os idosos, a prática de

recordar pode contribuir para fortalecer ou restituir o senso de identidade e a autoestima. A capacidade de manter o passado vivido, principalmente na presença de um ouvinte solidário, pode ser um dos mecanismos que as pessoas idosas encontram para manter a sua integridade psicológica.

De acordo com Hoffmann-Horochovski (2008), as memórias tornam os idosos agentes privilegiados no exercício de recordação e, conseqüentemente, no trabalho com memórias coletivas; revivem os eventos passados e os transmitem com a experiência e a propriedade de quem muito viveu. Suas vozes dão vida aos fatos, como um elemento para compreender as mudanças e permanências presentes em diversas esferas sociais. A memória, musa da narrativa, pode ser transmitida por eles com esmero, afinal são detentores de lembranças de muitos fatos que remetem a histórias passadas, imprescindíveis para um detalhamento do presente (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008).

A memória busca a construção e reconhecimento da identidade do que viveram no passado, fatos que, ao envelhecer, se perdidos o idoso perde sua identidade individual ou coletiva. Não conseguindo lembrar-se de alguns momentos, faz com que o idoso se sinta angustiado, imperfeito, incapaz (NASCENTES, 2004).

Assim, através do discurso, os idosos atuam como narradores privilegiados e não só ajudam a manter a história, como conferem a ela significações. Seus relatos que resgatam o passado no presente, como um elemento imprescindível para entender suas identidades e a memória da coletividade; como possibilidade de entender uma época ou uma determinada temática (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008).

## 4 IDENTIDADE E ENVELHECIMENTO

Neste capítulo aborda as definições de identidade individual e coletiva e discute-se a identidade do idoso na contemporaneidade, a articulação dos conceitos de identidade e memória, além da identidade e a memória familiar. Recorreu-se, assim aos aportes teóricos das obras de Candau (2011), Pollak (1989; 1992) e Campedelli (2009).

Existe uma diversidade terminológica e teórico-metodológica sobre o tema identidade, e assim como a velhice, sua complexidade expõe os autores a algumas dificuldades conceituais. Existem diversos termos que são tidos como referentes ao conceito de identidade, tais como: representação, imagem, conceito de si, conjunto de traços, de imagem, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele mesmo; self (corrente americana); representação de si (corrente europeia) (JACQUES, 2003).

Segundo Vieira (2011) a identidade é entendida como uma (re) construção individual e coletiva resultado de fatores intrínsecos do indivíduo, nomeadamente dos mecanismos psicológicos e fatores extrínsecos, o meio envolvente, incluindo a experiência de vida.

Corroborando com Vieira (2011), Giddens (2009) define a identidade a partir da superação da dicotomia individual/social. A identidade individual é entendida como o processo de desenvolvimento pessoal através do qual o sujeito formula uma noção intrínseca de si mesmo e do relacionamento como o mundo à sua volta, ou seja, a identidade individual está relacionada com a trajetória, vivências e experiências de vida de cada sujeito. Já a identidade social esta é atribuída a um determinado indivíduo através dos outros. Dessa maneira, a identidade social assume determinadas categorias que se tornam generalistas e aceitas na sociedade, e assim, o indivíduo assume diversas identidades sociais, tais como: “estudante, mãe, advogado, católico (...)” entre outras (GIDDENS, 2009, p.29).

Já para Berger e Luckmann (2004) a identidade é construída e remodelada por processos sociais e sendo assim, ela é sempre um fenômeno social, pois constrói-se na interação entre o indivíduo e a sociedade. Posto isto, Ciampa (2011), propõe um conceito de identidade social.

Não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo do da sociedade. As possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações da ordem social. (...). É do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade (CIAMPA, 2006, p.72).

Desse modo, a identidade é “social também porque ela é construída nos e pelos grupos de que os indivíduos fazem parte, pelos papéis sociais que eles desempenham e pelo modo como desempenham” (ALMEIDA, 2005, p.55). A identidade é determinada segundo Silva (2006, p.122) pelas “experiências singulares que têm lugar na interação com outros numa sociedade de mudança”. A construção da identidade não é estanque, sendo que a mesma evolui com o indivíduo, acompanhando os processos de evolução, quer do próprio crescimento inerente ao processo de envelhecimento, através das vivências e das aprendizagens na trajetória de vida, quer através da evolução da própria sociedade (SILVA, 2006).

Assim, a identidade está em constante negociação devido às transformações ocorridas na sociedade que influenciam as atitudes e a maneira de ser dos sujeitos. Viegas e Gomes (2007) discorrem sobre a “negociação de identidade”, enquanto uma relação entre o eu e o outro, sendo que esta negociação se faz continuamente no decorrer da vida.

De acordo com Ciampa (2011) a formação da identidade é um processo determinado e dinâmico que ocorre com o indivíduo durante toda a sua vida e o determina com expressão e interação com o mundo. Para Ciampa (2006) a identidade é um processo de constante metamorfose, pois o ser humano como um ser ativo está em constante processo de transformação, em um processo não linear em que os fenômenos são considerados e analisados em seus movimentos recíprocos e contínuos de interação.

Sendo assim, a identidade assume um caráter mutável (tanto social, grupal quanto pessoal), já que a sociedade e seres humanos encontram-se sempre em movimento, como pontua Berger e Luckman (2004), a identidade é um contínuo processo de interiorização e exteriorização que constitui a base para a compreensão de nossos semelhantes e diferentes, garantido assim, a possibilidade de aprender o mundo como realidade social dotada de sentido.

Segundo Ciampa (2005) a identidade é a articulação da diferença e da igualdade, mas diferença é igualdade, conforme se vão diferenciando e igualando os vários grupos sociais de que se parte. Exemplo: brasileiro, igual a outros brasileiros, diferentes dos estrangeiros. Assim, a identidade de um indivíduo está em relação com os diversos grupos de pertencimento, e nesta relação existe a igualdade e a diferença. No caso do idoso, sua identidade se diferencia e se iguala em relação aos diversos grupos de que faz parte, pela sua história e pela sua memória, tanto dos fatos do presente, quanto dos fatos do passado. Assim,

não é possível pensar o conceito de identidade para o idoso sem pensar na sua relação com o reconhecimento social.

Campedelli (2009) explica essa relação indivíduo/categoria/sociedade de maneira muito clara ao falar da formação de identidade:

É difícil falar de identidade sem fazer referências às suas raízes relacionais e sociais, portanto, a identidade define a nossa capacidade de agir e de falar, diferenciando-nos e nos igualando uns aos outros. A construção da identidade se produz e se mantém na possibilidade de autoidentificação, encontra-se apoiada no grupo ao qual pertencemos e nos situa de acordo com o sistema de relações que vamos produzindo e efetivando ao longo do tempo, portanto, a identidade é, em cada caso, uma relação que compreende nossa capacidade de nos reconhecermos e na possibilidade de sermos reconhecidos pelos outros. (CAMPEDELLI, 2009, p.15)

Portanto a construção da identidade se produz e se mantém na possibilidade de auto identificação, encontra-se apoiada nos grupos ao qual o indivíduo pertence, grupo ao qual pertencemos e nos situa de acordo com o sistema de relações que vamos produzindo e efetivando ao longo do tempo. As relações sociais são fundamentais na formação identitária, pois é neste convívio com os outros que o sujeito adquire ideias, comportamentos e hábitos, ao mesmo tempo em que disponibiliza e oferece aos demais, características dele que poderão ser apropriadas pelos outros indivíduos (CAMPEDELLI, 2009).

Assim, podemos falar de muitas identidades nos quais pertencemos: a pessoal, a familiar, a social, a relacional, e assim por diante dependendo do grau de sua complexidade, portanto, a identidade é, em cada caso, uma relação que compreende nossa capacidade de nos reconhecermos e na possibilidade de sermos reconhecidos pelos outros.

#### 4.1 IDENTIDADE E VELHICE

A construção da identidade do idoso, em termos sociais, se entende como a maneira pela qual ele se vê e deseja ser visto pelos outros. Desta forma, sua identidade nunca poderá ser vista como sendo puramente individual. Assim, a identidade do idoso, em si, já é coletiva, pois existe nela uma construção social, e é a partir daí que a ideia de identidade do idoso remete aos processos de interação entre indivíduos numa sociedade.

Contudo, os tempos mudam e os idosos precisam aprender a viver de acordo com o tempo, a época e a capacidade de compreensão dos valores e dos padrões a que são submetidos. Assim, novas aprendizagens se impõem no processo de metamorfose para o

envelhecimento no sentido de atender as novas demandas da sociedade (CAMPEDELLI, 2009). Conforme Campedelli (2009), indica:

O idoso sempre existiu identificado como o avozinho querido na sua função acolhedora aos mais novos, com laços afetivos bastante sólidos entre ambos, a despeito do progressivo afrouxamento dos laços afetivos sociais e das inúmeras perdas advindas do envelhecimento. Durante algumas décadas, o idoso foi reduzido a um ser sem voz e de opinião não relevável, visto como um ser de ideias ultrapassadas, justamente pela precedência etária e pelo fato de estar, via de regra, fora do mercado de trabalho e dos avanços científicos e tecnológicos; reserva-se, assim, um lugar triste ao idoso, despojado de sua condição de sujeito, sendo criada uma imagem negativa e equivocada de velhice (CAMPEDELLI, 2009, p.16).

Assim, houve uma mudança na imagem do idoso, tal fato se deu basicamente em consequência da escalada de uma lógica consumista em nossa sociedade, quando ser jovem, ativo e bem sucedido passou a ser o foco do mercado. A valorização exacerbada da beleza e da juventude, veiculadas pela mídia; passou a incidir diretamente na questão identitária dos idosos (DUFOUR, 2005).

O corpo expõe claramente a chegada da velhice, pois além de tornar-se mais lento e susceptível a doenças, adquire rugas e perde a sua firmeza e vigor, e como tal modelo de corpo não é considerado belo na nossa sociedade atual, passando o idoso a perder o valor social (CALDAS; THOMAS, 2010). Nessa perspectiva, percebe-se a tentativa da sociedade atual de inserir e excluir o idoso, dando-lhe a opção de fazer parte da juventude (interessante ao Mercado) ou assumir a condição natural da velhice (desinteressante ao Mercado). Na primeira opção, o sujeito é inserido na sociedade, através da profusão de produtos destinados a “conter” a velhice. Na segunda, o indivíduo é rejeitado, uma vez que a sociedade atual descarta o que é considerado “velho”, o que não apresenta estatuto de mercadoria<sup>33</sup> (CASSANA, 2011).

A partir da constatação do aumento da população idosa, configurou-se a possibilidade de um novo nicho de mercado consumidor – o idoso. Esta virada pode ser observada a partir da década de 90, quando grande parte das empresas que representam o mercado de bens de consumo, como cosméticos, bancos, agências de turismo para terceira idade, dentre outras passaram a visar o velho em suas propagandas (CALDAS; THOMAS, 2010).

Começa então a vivência de um conflito de identidade, evidenciado na ambiguidade entre o querer ser jovem e a consciência de que está ficando idoso. Uma vez que todas as características da velhice ou a maioria delas, já se encontrem presentes, como o surgimento do

---

<sup>33</sup> O idoso que possui acesso às ofertas da mídia e do sistema capitalista, é acolhido socialmente, enquanto o idoso pobre é cada vez mais rejeitado e excluído pelo sistema (CASSANA, 2011).

cabelo branco, diminuição da força e vitalidade, os idosos continua tentando suprir as expectativas sociais (ANDRADE, 2012).

E dessa forma, os idosos passam a celebrar os valores, o comportamento, a aparência e a moda dos jovens (MASCARO, 2004, p. 21). E assim “velho” passa a ser “idoso”, criando-se assim novas representações do que é ser sujeito nessa idade, ressignificando suas identificações, comportamentos e modos de pensar (DEBERT, 2003). Esta dualidade velho/idoso, baseada no desejo dos idosos em manter a juventude ou o “espírito jovem” tem como intuito escapar às generalizações e ao estigma da velhice, conforme apontando abaixo:

A existência de uma identidade construída, a partir de um modelo estigmatizador de velho e a verificação de fuga desse modelo pelos próprios idosos que, como indivíduos, como seres singulares, não se sentem incluídos nele, aponta para o fundamento mesmo, próprio da construção de uma identidade social paradoxal: o velho não sou ”eu”, mas é o “outro”. (MERCADANTE, 2005, p.33).

Assim, surge uma nova imagem do idoso; uma pessoa idosa, ativa, participativa, autônoma, que se preocupa com a aparência. Como consequência, observa-se uma modificação na visão anteriormente negativa da velhice e outro contorno passa a ser dado sobre a imagem do idoso. Portanto, é esse “idoso moderno”, pautado num modelo de envelhecimento ativo, que tem contribuído para a transformação da identidade individual e social do idoso (CALDAS; THOMAS, 2010).

Dessa maneira, as imagens sociais e individuais da velhice estão ligadas por um movimento constante de criação que é responsável pela construção da identidade do idoso. Quando o idoso se depara com uma determinada imagem social, ele é capaz de se apropriar de características que compõem esta imagem, modificando sua identidade pessoal, se apresentando ao mundo de uma nova forma, agora transformado por estes novos significados sociais (CALDAS; THOMAS, 2010).

Assim, ele mostra para a sociedade um novo idoso, que pode modificar também o significado social de velhice, criando um ciclo de constante movimento. Este ciclo contínuo e interminável vai contribuir na construção da identidade dele como sujeito idoso e na imagem social de idoso que o restante da população terá, ou seja: “idoso e mundo passam a estabelecer entre si uma integração que cria e recria, permitindo assim uma identificação mútua” (CAMPEDELLI, 2009, p.66).

Assim, na questão psicossocial da identidade do idoso é importante pensar de um outro jeito a velhice, pois isso tem a ver com as mudanças culturais, com as mudanças sociais e políticas e com a sua intersubjetividade. Contudo compreender sua identidade como

intersubjetividade e como transformadora de uma realidade historicamente metamorfoseada é de certa forma ir ao encontro das pesquisas, de uma nova autoimagem, de um olhar a mais para este idoso e sua identidade (CAMPEDELLI, 2009).

O que se percebe, é que o idoso, na sua interação com o mundo, vem construindo sua identidade intersubjetivamente, isto é, se antes ele estava mais sob a tutela da família ou das instituições, num processo de aculturação o que lhe era passado como dependência, agora ele está mais exposto ao mundo e tem interagido de uma forma diferente com essas instituições, buscando uma maior autonomia, um sentido diferente e um maior reconhecimento em sua identidade etária. Atualmente podemos perceber que o idoso é fruto da sociedade e faz da mesma uma sociedade em transformação (CAMPEDELLI, 2009).

Assim, é imprescindível ressaltar, as contribuições das políticas públicas para os idosos, que são frutos das tensões promovidas pelos movimentos sociais, que deram visibilidade aos problemas que tangem ao envelhecimento da população. A influência das políticas públicas possibilitou aos idosos novas formas de se perceber e sentir o seu processo de existência, constituindo identidades cujas referências escapam das imagens estereotipadas (idoso inútil e recluso socialmente) (OLIVEIRA; AGUIAR, 2014).

De acordo com Lima (2008) no decorrer da década de noventa, os enfoques dados ao envelhecimento, que antes destacavam a população idosa como segmento vulnerável e, necessariamente, como um componente de risco para o desenvolvimento econômico e social dos países, foram sendo substituídos por visões políticas mais otimistas. Passou a enfatizar a necessidade de reformulação das políticas que incidiam em pontos como: a continuação do idoso nas atividades econômicas, o incentivo aos trabalhos voluntários, o acesso aos meios de sustentação (moradia, medicamento, alimentação, etc), dentre outros que refletem a condição de independência e produtividade dos idosos. Essas concepções estabeleceram que a realização do idoso está imbricada com a realização coletiva da sociedade e vice-versa (LIMA, 2008).

As políticas públicas contribuem para a formação e a manutenção das identidades por meio de mecanismos de regulação, garantido direitos coletivos. A Política Nacional do Idoso, por exemplo, objetiva colocar em prática ações voltadas para os idosos, no sentido de garantir a eles melhor qualidade de vida, e isto, aparece no contexto da identidade do idoso na busca da sua aposentadoria, dos seus direitos, na previdência social, nas políticas públicas e outros (ANDRADE, 2012).

De acordo com Lima (2008) os movimentos sociais, assim como as políticas públicas favorecem novos estilos de vida para os idosos, em geral viabilizados por agentes institucionais atuam de forma direta, tanto no campo político como no sociocultural, de modo imbricado, buscando conquistas para os idosos na legislação e trabalhando para a valorização social, a fim de que eles possam exercer sua cidadania. Desse modo, em 1994 foi aprovada a Política Nacional do Idoso (PNI) configurando mais nitidamente o segmento social dos idosos como categoria social diferenciada e que, por isso, demanda tratamento diferenciado.

A PNI fundamenta-se em basicamente seis diretrizes orientadoras: viabilizar formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, proporcionando-lhe integração às demais gerações; promover a participação e a integração do idoso, por intermédio de suas organizações representativas na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos; dar condições à família para atender ao seu idoso, reduzindo o confinamento deste em instituições asilares; incentivar e dar suporte à capacitação dos profissionais do envelhecimento, em destaque os geriatras e gerontólogos; garantir a prioridade do atendimento ao idoso nas repartições de serviços públicos; apoiar estudos e pesquisas sobre questões do envelhecimento (BRASIL, 1994).

Em 2003 foi sancionado o Estatuto do Idoso. O Estatuto do Idoso agregou várias leis em pró do idoso de forma integrada, propondo que estas leis, muitas já deferidas e em vigor, funcionassem de forma mais orgânica, sem o risco de se contradizerem. Sua composição conta com 118 artigos que tocam nos direitos fundamentais da população idosa. A consolidação das políticas de seguridade social na velhice estabeleceu a possibilidade de o velho experimentar novas maneiras de viver a velhice, conferindo maior mobilidade para transitar nos espaços sociais. Surge então no campo político e social o movimento “terceira idade”, em que surgem novos parâmetros para se determinar os padrões ideais para os estilos de vida na velhice. O objetivo inicial do movimento terceira idade é apontar o caminho mais viável e digno para o idoso trilhar no momento do seu afastamento da vida produtiva (LIMA, 2008).

Para Debert (2004), a terceira idade é uma construção social que institucionalizou e categorizou a velhice, ao qual passa a ser um contraponto à representação de envelhecimento até então proposta. A velhice, antes entendida como decadência física, invalidez, momento de repouso, silêncio, isolamento afetivo e social, passa agora a ser significada como o momento da realização pessoal e do lazer com o incentivo da participação cidadã do idoso em seu meio

social. E assim, os idosos passam a moldar e construir suas identidades baseadas nos movimentos sociais e nas políticas públicas (ARGIMON et al., 2011).

Segundo Debert (2004) a identidade do idoso vem se transformando e se metamorfoseando na inscrição de sua história, conquistando, por meio das políticas de seguridade social, em conjunto com a invenção social da terceira idade, novos capitais sociais que estão até os dias atuais recriando, redefinindo e negociando a sua posição e a sua permeabilidade política nos espaços sociais. Diante do exposto, é possível afirmar que a grande tendência das políticas públicas é a de buscar incorporar o idoso no processo de desenvolvimento social, explorando as suas qualidades de agente, indivíduo plenamente atuante e produtivo, que deve afastar-se cada vez mais da ideia de vulnerabilidade. Assim, atualmente defrontamo-nos com um novo olhar para o envelhecimento, para uma nova identidade do idoso.

#### 4.2 IDENTIDADE E MEMÓRIA: SOMOS O QUE LEMBRAMOS

De acordo com Bobbio (1997) “somos aquilo que lembramos”. Para Izquierdo (2004) nada somos além do que recordamos, mas também do que esquecemos, seja as lembranças silenciadas (voluntária ou involuntariamente) sejam os não ditos. Para Brandão e Mercadante (2009), a identidade está vinculada às recordações que cada um tem de si, tais como: o seu nome, os dos seus ancestrais, o lugar de nascimento e os espaços territoriais e sociais, que o sujeito ocupou ao longo da vida.

Segundo Souza (2014), a memória é um dos pilares que se funda a identidade, visto que todo ato memorial dispõe de intenções identitárias, ao passo que conferir um sentido atual ao passado, pautado pelas preocupações do presente, é necessariamente um trabalho de revisão crítica do passado e de si mesmo, ou seja, “não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes” (CANDAUI, 2012, p.150).

Portanto, Memória e identidade não se dissociam, não há busca identitária sem memória e de forma inversa, a busca memorialística está sempre acompanhada de um sentimento de identidade (CANDAUI, 2012), nesse sentido:

A Memória é necessariamente anterior a identidade, enquanto a memória é uma faculdade presente desde o nascimento, a identidade é uma representação, nesse sentido, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre

acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (CANDAUI, 2012, p.19).

Para Pollak (1992) há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, e esse sentimento de identidade, diz respeito à imagem de si que o indivíduo constrói ou adquire ao longo da vida referente a ele próprio, a imagem que mostra para os outros e que precisa acreditar como sendo sua para convencer o outro.

Pollak (1992) entende que a atuação da memória na construção da identidade baseia-se em três elementos que estruturam a identidade. O primeiro refere-se à unidade física; trata-se do “sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteira de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo” (POLLAK, 1992, p.5). Portanto, o primeiro aspecto da identidade é a individualização, o sentimento de unidade: é preciso separar o sujeito dos demais para consolidar uma identidade.

Em seguida, a memória atribui à identidade a sensação de continuidade dentro do tempo, “no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico” (POLLAK, 1992, p.5). A consciência da passagem do tempo permite que o sujeito atribua sentidos às experiências vividas que o passado e a própria existência possa significar. Assim, a memória viabiliza a cristalização de valores e de tradições, que está estritamente ligada ao sentimento de pertencimento, à sensação de unidade e à demarcação de fronteiras individuais e coletivas.

E por último, há o sentimento de coerência que corresponde, à unificação dos elementos constituintes do indivíduo, ou seja, faz com que o sujeito perceba “que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados” (POLLAK, 1992, p.5). Portanto, pode-se considerar a memória como “um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 5).

Ao rememorar o indivíduo seleciona aquilo que deve ou não ser lembrado escolhe algumas recordações e exclui outras. É partindo desse pressuposto que se pode afirmar que a memória é constituída sempre de um sentimento de identidade, seja no coletivo, seja no individual, o indivíduo lembra apenas das coisas que se identifica, sejam boas ou ruins. Pollak (1989) utiliza o conceito de “enquadramento da memória” para explicar essa seletividade, em que o indivíduo seleciona ou enquadra algumas imagens em sua visão, focalizando umas e ignorando outras, ou evidenciando certos significados e encobrindo outros tantos que poderiam surgir a partir da mesma imagem:

Conforme as circunstâncias ocorrem a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras e de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos (POLLAK, 1989, p.8-9).

Esse caráter seletivo implica numa relação dialética entre lembrança e esquecimento, haja vista que a memória atua selecionando o que será rememorado num processo de negociação (POLLAK, 1992). Portanto, não há identidade sem memória, tampouco, memória sem identidade. As duas estão diretamente ligadas e entrelaçadas. “Memória e identidade se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra, para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (GANDAU, 2012, p.16).

#### 4.4 IDENTIDADE E MEMÓRIA FAMILIAR

De acordo com Candau (2012) a memória mobilizada para reafirmar uma identidade pressupõe uma memória familiar, haja vista que, envolve uma organização e releitura do passado compartilhado pela família. Desse modo, é neste ambiente que estão as bases identitárias do indivíduo, onde as primeiras delimitações identitárias são construídas. É também, onde nasce a consciência da individualidade, ou seja, as identidades pessoais encontram no grupo familiar suas referências, mas cada membro do grupo traça uma posição identitária diferente, individualizando-se.

Em consonância com a abordagem de Candau (2012) acerca da memória familiar, Pollak (1992) refere-se à memória herdada: as memórias transmitidas de geração para geração, dentre as quais as familiares, são as principais. Assim segundo Pollak (1992) essas memórias são, as mais importantes fontes de conexão entre memória e identidade:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado em seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p.5).

De acordo com Barros, (1989), a importância do grupo familiar como elemento referencial para a construção do passado vincula-se ao fato de ser a família ao mesmo tempo

objeto de recordação e o espaço no qual essas recordações são avivadas. Os idosos reconstróem suas vidas, recordando a trajetória familiar, e estabelecendo na memória, o espaço familiar, a representação da família, e suas relações internas (BARROS, 1989).

Assim, os idosos ao reconstruírem suas histórias de vida, reconstróem a história do modelo familiar, através de caminhos já marcados por lembranças suas e de seu grupo familiar (BARROS, 1989). Por conseguinte, a memória familiar se mostra, como um dos fatores de união entre memória e identidade, por mobilizar as recordações compartilhadas, nas quais se apoiam as origens comuns, os saberes coletivos e outros referenciais.

## **5 RE(VIVENDO) O PASSADO: A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS IDOSOS LONGEVOS**

Neste capítulo, inicialmente, apresentamos o perfil sociodemográficos dos idosos longevos entrevistados. Em seguida são apresentadas as categorias e a análise das mesmas à luz do referencial teórico construído.

De acordo com o Quadro 1, os 10 (dez) participantes da pesquisa eram idosos longevos com independência funcional, na faixa etária compreendida entre 80 e 85 anos, sendo oito do sexo feminino e dois do sexo masculino. Em relação às características étnico-raciais, cinco eram pardos, quatro brancos e um preto. Dos entrevistados, apenas dois nasceram em Vitória da Conquista, quatro nasceram em cidades próximas, localizadas na região do sudoeste da Bahia, uma na região da chapada diamantina no centro-norte da Bahia, uma na região metropolitana de Salvador, um na região do recôncavo baiano e um na região do norte de Minas Gerais.

Em relação ao estado civil, os dois homens são casados e das oito mulheres entrevistadas, três são casadas, uma vive em união estável e quatro são viúvas. Os idosos entrevistados tiveram 4,5 ( $\pm 3,4$ ) filhos, sendo que cinco residiam com os seus cônjuges, uma com o filho, uma com dois filhos e uma neta, uma com o companheiro e duas, sozinhas. No momento da pesquisa, todos os idosos eram aposentados e a maioria recebia em média um salário mínimo. Em relação as atividades profissionais exercidas anteriormente, um trabalhou como pedreiro e depois como comerciante, um como policial, uma como manicure e empregada doméstica, uma como costureira e empregada doméstica, uma como professora de culinária e cinco não exerceram atividades remuneradas (Quadro 1).

Em relação ao nível de escolaridade, dois idosos eram analfabetos, duas alfabetizadas, três tinham o ensino fundamental I incompleto e três tinham o ensino fundamental I completo. Em relação a religião, o número de idosos evangélicos, católicos e sem religião era igual, respectivamente, a quatro, cinco e um (Quadro 1).

**Quadro 1.** Perfil sociodemográficos dos idosos longevos. Vitória da Conquista/BA, 2015.

<b>Nome fictício</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Raça/etnia</b>	<b>Nasceu</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Filhos</b>	<b>Reside com</b>	<b>Profissão que exercia</b>	<b>Renda</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Religião</b>
<b>Cravo</b>	80	M	Pardo	Tremedal	Casado	8	Cônjuge	Pedreiro e comerciante	Aposentado com 1 salário mínimo	Analfabeto	Evangélico
<b>Margarida</b>	82	F	Branco	Poções	União estável	3	Companheiro	Manicure e doméstica	Aposentada com 1 salário mínimo	Ensino Fundamental I completo	Católica
<b>Camélia</b>	83	F	Preto	Jequié	Viúva	4	Filho	Costureira e doméstica	Aposentada com 1 salário mínimo	Alfabetizada	Evangélica
<b>Angélica</b>	83	F	Pardo	São Felipe	Viúva	14	Dois filhos e uma neta	Dona de casa	Aposentada com 1 salário mínimo	Ensino Fundamental I incompleto	Evangélica
<b>Rosa</b>	81	F	Branco	Rui Barbosa	Casada	2	Cônjuge	Dona de casa	Aposentada com 1 salário mínimo	Ensino Fundamental I incompleto	Católica
<b>Lírio</b>	85	M	Pardo	São Félix	Casado	2	Cônjuge	Policial	Aposentado com 2 salários mínimos	Ensino Fundamental I completo	Sem Religião
<b>Hortência</b>	85	F	Branco	Vitória da Conquista	Viúva	6	Sozinha	Dona de Casa	Aposentada com 1 salário mínimo	Analfabeta	Católica
<b>Violeta</b>	82	F	Pardo	Vitória da Conquista	Casada	5	Cônjuge	Dona de casa	Aposentada com 1 salário mínimo	Ensino Fundamental I incompleto	Católica
<b>Girassol</b>	81	F	Pardo	Almenara	Casada	8	Cônjuge	Dona de casa	Aposentada com 1 salário mínimo	Alfabetizada	Evangélica
<b>Jasmim</b>	80	F	Branco	Poções	Viúva	4	Sozinha	Professora de culinária	Aposentada com 1 salário mínimo	Ensino Fundamental I completo	Católica

Fonte: Dados da pesquisa

As narrativas dos idosos foram repletas de significados sobre determinada época, cultura ou grupo social com os quais tiveram contato durante a sua vida. Nessas histórias, os tempos e os espaços são reveladores de identidades (HALBWACHS, 2006). Os tempos da infância, da juventude, do trabalho, da produtividade em diferentes espaços, entre eles, o da família, da religião e o do trabalho desembocam no que são e no que pensam. Afinal, como afirmou Halbwachs (2006), a memória é fruto de uma “rede” de relações e interações que integram a “história vivida”.

É especialmente na história vivida que a memória coletiva está ancorada. É para ela que os idosos longevos se voltaram para realizar o trabalho de reconstruir os eventos que lhe foram significativos. Um minucioso trabalho que exige a localização das recordações dentro de um quadro espaço-temporal determinada, o apoio de testemunhas que vivenciaram aqueles acontecimentos, independentemente de estarem vivas ou não e, a releitura dos eventos com base em referenciais do presente. Nesse sentido, considera-se que recordar é um trabalho individual que só é possível devido à participação de diferentes grupos, que retrata o coletivo (HALBWACHS, 2006).

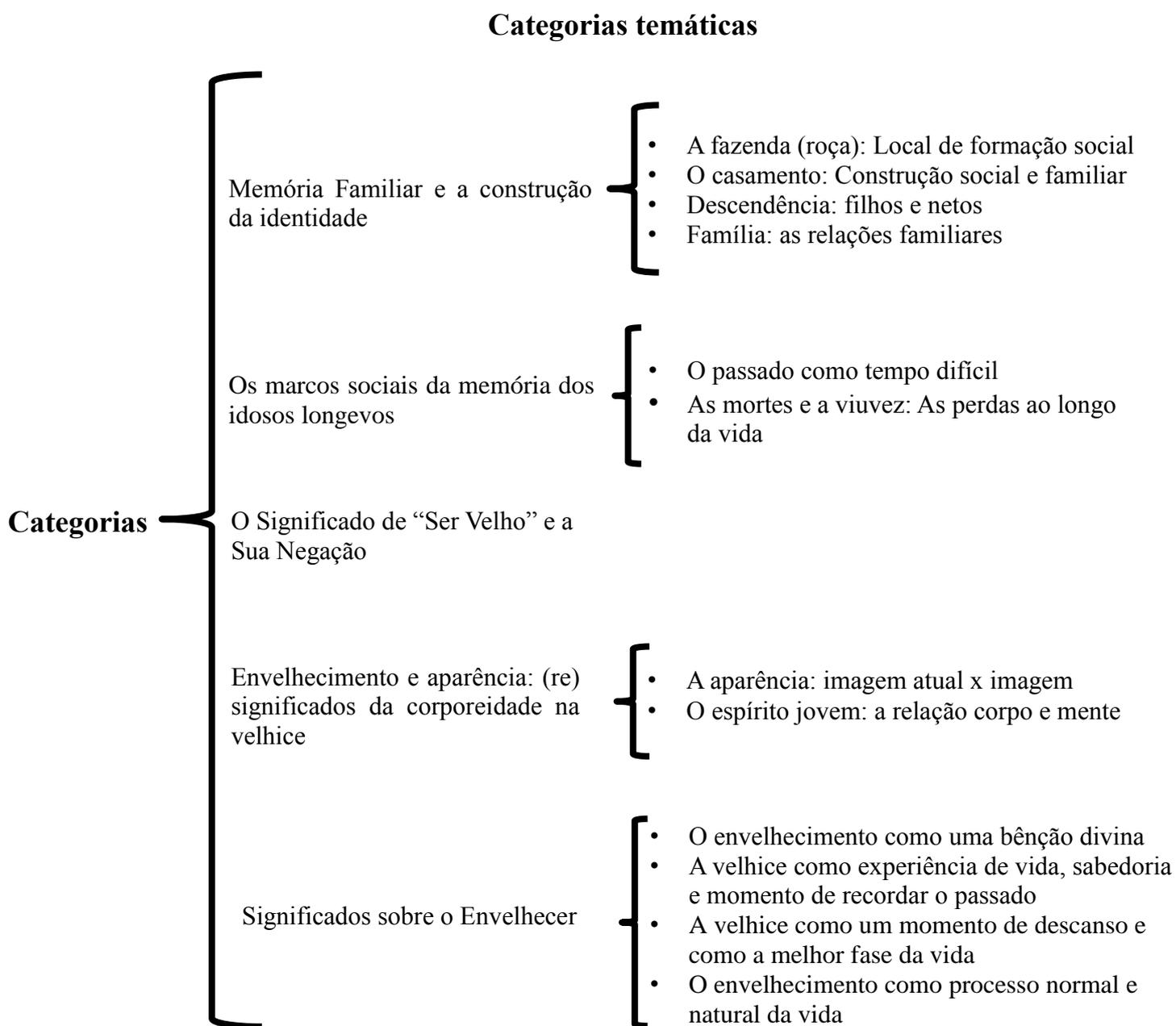
Ao analisar as narrativas dos idosos longevos, mantem-se em contato com histórias de pessoas que vivenciaram suas vidas articuladas às de outros, seja no ambiente doméstico, familiar, de trabalho ou de religião. Durante as narrativas de suas trajetórias de vida, os idosos perceberam o movimento que fizeram durante a sua existência, entendendo que mesmo diante dos obstáculos e dificuldades, suas histórias são de lutas e dignidade e que merecem ser lembradas, contadas e ouvidas.

Ao desvelar os significados sobre o envelhecer, os idosos falam de si, revelando através de suas trajetórias de vida, não só como ele próprio vê a sua vida, mas também como se vê através dos outros. De acordo com Cassana (2011), essa ideia de alteridade está sempre presente na concepção de identidade, pois todo indivíduo se constitui a partir do outro, através daquilo que uma pessoa nomeia o que o outro diz ser. Assim, as narrativas dos idosos são atravessadas por aspectos ideológicos, afetivos e sociais que se fundem no discurso de cada sujeito, tornando cada relato único. Nesse sentido, ao narrar sobre si, o sujeito fala também sobre o outro, que o determina na sua construção identitária (SCHONS; GRIGOLETTO, 2008).

Ao serem entrevistados os idosos longevos falaram sobre o envelhecer, voltando os seus olhares para o passado em busca de recordações que sustentaram e se tornaram relevantes nas suas vidas. Ao se recordarem do passado, emoções, acontecimentos e

sentimentos foram despertados em um processo de recordação do vivido e suas identidades reelaboradas.

Assim, nesta fase ocorreu a comparação das narrativas em busca de características, semelhantes ou não na trajetória coletiva dos idosos. Desenvolveu-se uma comparação de diferentes trechos das entrevistas e construiu-se uma visão coletiva das trajetórias e experiências de vida dos longevos. As semelhanças encontradas nas narrativas dos idosos longevos foram agrupadas e descritas, em seguida, em cinco categorias temáticas:





### 5.1.1 A fazenda (roça<sup>34</sup>): Local de formação social

As narrativas de duas idosas vieram contextualizadas nos espaços onde viveram com suas famílias originárias até se casarem. Embora a maioria das mulheres idosas deste estudo terem sido oriundas da zona rural, apenas duas relataram a vida no campo e o trabalho para ajudar os pais, quer na fazenda (roça), nos afazeres domésticos ou no cuidado com os irmãos menores. Naquela época, todos os membros da família precisavam trabalhar desde cedo, não sendo possível que os pais enviassem os filhos para a escola.

Nesse sentido, Halbwachs (2006) comenta que as primeiras recordações da infância se localizam e se fortalecem nas relações familiares. Hoje, fazendo o exercício de releitura, essas duas idosas, Hortência e Girassol, recordam do trabalho na fazenda (roça) como elemento central na constituição de suas identidades. Seguem alguns fragmentos das narrativas dessas idosas em que as fases mais significativas de suas vidas são demarcadas em poucas palavras: a infância na fazenda, o casamento, o nascimento dos filhos e ida para a cidade:

*Eu morava na fazenda, me lembro demais da conta, era muito bom, vixe, tive uma infância muito boa, sou apaixonada por roça, trabalhei muito, e no tempo que meu pai me criou eu plantei muita coisa, muita coisa, muito mesmo, feijão, arroz, milho, eu sei fazer isso tudo, eu sei plantar, sei colher, sei cozinhar, eu não fui pra escola porque naquela época os pais da gente não dava importância pros estudos né?!, eu sei assinar o nome, mais pouco, meu irmão que me ensinou, aí eu me casei muito nova, e continuei morando na fazenda durante muito tempo, tive dois filhos lá, depois fomos morar em Divinópolis, eu me mudei em dezoito de fevereiro de sessenta e quatro, então isso aí me marcou de mais, vixe, nunca esqueço (**Girassol, 81 anos**).*

*Eu morava na fazenda, fui criada na fazenda, ajudei muito meus pais na fazenda, cuidava dos meus irmãos mais novos, meu pai, era um homem muito bom, trabalhador, ele sempre botava a gente para trabalhar, porque ele era pobre, por isso não tive estudo. Casei com dezenove anos e depois que eu tive meus filhos que eu vim pra Conquista, e coloquei eles na escola (**Hortência, 85 anos**).*

Observa-se que os aspectos da formação social em que foram criadas, através da menção à infância são revelados nas narrativas dessas idosas. Nota-se que esse período de suas vidas foi marcado pelas atividades rurais, ou seja, uma infância atrelada ao trabalho e a vida escolar posta em segundo plano. Isso ocorreu, pois elas deviam, primeiramente, ajudar a família na atividade rural, afazeres domésticos e cuidado dos irmãos menores.

---

<sup>34</sup> Segundo Macêdo (2011) é comum, um conjunto de roça ser denominado por um único nome de fazenda. Fazendas e roças, embora façam parte de um mesmo espaço geográfico, vivenciam experiências distintas, a partir de diferentes origens demarcadoras de modos específicos de lidar com o real. Entretanto, se, no tocante a origem, a valores, atitudes, formas de estar no mundo, enfim, de lidar com o real, a roça e a fazenda guardam distâncias que as diferenciam, ambas se encontram entrelaçadas em certos aspectos (MACÊDO, 2011).

Dessa maneira, percebeu-se alguns valores sociais que atravessaram a construção identitária de Girassol e Hortência e que permitem não só entender algumas relações sociais do passado, mas também ajudam a compreender como os elementos do passado são ressignificados no presente. Entre as relações sociais, observou-se a desvalorização e dificuldade de acesso das mulheres à escola e uma educação familiar, intrinsecamente, voltada para a formação de boas esposas, mães e donas de casa.

Assim, as narrativas dessas idosas demonstram que a tradição era educar as meninas para ajudar nos serviços domésticos, prepará-las para o casamento, com poucas preocupações em ensinar a leitura, sendo que uma das principais preocupações quanto à educação das mulheres, tanto de famílias mais abastadas como de classes populares, era ensinar-lhes a cozinhar, a bordar e a realizar outros afazeres domésticos (CUNHA; ALVES, 2014).

#### 5.1.2 O casamento: Construção social e familiar

A saída da filha do âmbito familiar originário e sua entrega ao casamento foi um fato marcante nos discursos das idosas participantes deste estudo, o que induziu a reflexão sobre o valor atribuído ao casamento pelas idosas longevas entrevistadas. De acordo com Del Priore (2005), em meados do século XX, o casamento representava o objetivo mais importante na vida das mulheres, pois ser mãe, esposa, dona de casa, era o destino natural das mulheres (CUNHA; ALVES, 2014).

Assim, o temor das moças daquela época era não realizar esse objetivo, pois assim, não teriam cumprido o “destino feminino” e sofreriam constrangimentos com esse estigma social (CUNHA, ALVES, 2014). Ainda de acordo com Cunha e Alves (2014) o ideal da maior parte das mulheres era casamento por livre escolha, tendo por objetivo a busca da felicidade e da constituição de uma família moldada dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade.

As narrativas das idosas longevas entrevistadas comprovam essa afirmativa, pois ao narrarem sobre o casamento, os depoimentos de Violeta e Jasmim ilustraram histórias de amor, felicidade e realização pelo casamento consumado. Violeta lembrou da primeira vez que pegou na mão de seu futuro marido, assim como o dia do seu noivado e festa de seu casamento, tal como descrito abaixo:

*Quando a pessoa fica velho e tem essa idade, tem saudade daquela alegria que tinha, dois pais porque tinha aquele maior amor né?!, agora marcar assim... foi o*

*dia que eu noivei com ele (aponta para o marido, que está doente e deitado no sofá), o dia do noivado que ele veio pedir em casamento ao meu pai, eu lembro da primeira vez que ele pegou em minha mão, eu nunca esqueci. Ele chegou muito alegre, aí meu pai falou assim “olha, minha filha tá muito nova, não queria que ela casasse agora”, aí meu pai falou assim, “daqui a um ano a gente faz o casamento”, aí ele falou assim, “tá certo!”, ele chamava zé, “tá certo seu zé!”, aí passou assim, um mês, ele chegou assim e falou “ô seu zé, eu quero casar é longo!”, aí foi e nos casamos, eu tinha dezessete anos, casei na Igreja, fizemos uma festa, me lembro como hoje, chamamos os parentes, os amigos, vizinhos, e estamos aí, vivemos até hoje graças a Deus, tivemos 5 filhos. É uma história de amor e isso eu nunca esqueço. Do dia que ele chegou, do noivado, minha mãe gostava muito dele, era aquele maior amor (Violeta, 82 anos).*

É possível perceber nesse processo de reconstrução dos acontecimentos vivenciados por Violeta, o predomínio a memória coletiva, pois, em toda a sua recordação, o apoio dos testemunhos da mãe, pai, familiares, amigos, vizinhos é evidenciado. São para essas testemunhas que Violeta se volta para reconstituir sua memória, demonstrando que quanto maior o vínculo com o grupo, mais nítidos são os fatos rememorados (HALBWACHS, 2006).

Na reconstrução do passado efetuada por Jasmim, isso também é claramente percebido ao narrar seu casamento.

*Eu casei só uma vez na minha vida, essa foto aqui foi no dia do meu casamento, foi lindo, eu mesma fiz o bolo do casamento porque eu fiz o curso de culinária na época, então como eu era boleira, eu mesma fiz o bolo do meu casamento, eu fazia cada bolo lindo, para aniversário, mas eu gostava mesmo era de fazer bolo de casamento, hoje eu não faço mais. O casamento foi na Igreja Católica, eu sou católica fervorosa, nasci, cresci, casei na Igreja Católica, e no dia do meu casamento foi tudo muito bonito, a igreja ficou linda, minhas irmãs me ajudaram a arrumar a igreja, depois meus filhos foram batizados nessa Igreja, meus netos [...] eu falei que não queria casar com baiano, mas eu acho que anjo falou amém, e graças a Deus, eu casei com um gaúcho, eu fui muito feliz, ele era muito bom comigo, a gente tinha um casamento estável, feliz, a gente nunca separou nenhum dia, ele viajava muito mas voltava pra casa, tivemos quatro filhos maravilhosos, hoje estão tudo casados, suas vidas feitas, três moram em São Paulo e Márcia que é doutora mora em Salvador (Jasmim, 80 anos).*

As recordações de Jasmim, a princípio parecem individuais, mas com um olhar mais atento é possível perceber o seu caráter coletivo. Os costumes e a religiosidade do seu grupo social induziram o casamento e o batizado dos filhos dessa idosa na Igreja Católica, pois para ela, essas ações, além de ser uma demonstração de fé individual, é uma obrigação social. Dessa maneira, apesar das recordações do casamento serem refeitas individualmente, estão impregnadas de memórias coletivas (HALBWACHS, 2006).

Ao se recordarem do casamento, essas duas mulheres idosas destacaram diversos momentos e os papéis sociais que foram adquirindo ao longo da vida. Assim, nota-se nas duas narrativas que a menina moça se transformou na esposa e posteriormente, mãe de família.

Esse processo de metamorfose permanente está de acordo com Cavalcanti (2009, p.138), ao descrever que o ritual do casamento “funciona como autorização para a mulher exercer os seus principais papéis capazes de lhe dar identidades sociais, como o de esposa, de mãe e de mulher espiritualizada”.

### 5.1.3 Descendência: filhos e netos

A “história vivida” com a família e, principalmente, com os filhos, dão sentido e razão à existência de duas idosas entrevistadas, pois a criação e a dedicação à educação dos filhos foram aspectos sinalizados no ato de lembrar. É possível observar nas narrativas, o cuidado, o amor maternal e a realização enquanto mulher, expressas em relação aos filhos e a necessidade de suportar sofrimentos e uma carga excessiva de trabalho para ajudar no que for preciso.

De acordo com Rocha-Coutinho (1994) as características de dedicação, docilidade e outras vinculadas à feminilidade e ao conceito de boa mãe favoreceram a naturalização das funções femininas. A identificação entre feminilidade e maternidade fortaleceu a discriminação das mulheres, negando-lhes a opção por optar por atividades socialmente valorizadas. Isso garantiu por muito tempo a primazia dos homens na vida pública. Assim a mulher, para ser considerada boa esposa e boa mãe, deveria dar suporte ao homem para que este pudesse trabalhar fora de casa e deveria ser responsável pela criação e educação dos filhos (MELCA, 2013). Essa afirmativa pode ser comprovada nas narrativas de Camélia e Margarida, a seguir:

*Eu tive que trabalhar muito em casas de família para formar minha filha, eu coloquei ela na melhor escola de inglês de São Paulo, porque ela é secretária bilíngue, eu coloquei ela na cultura inglesa, uma das melhores escolas de São Paulo, era supercara, e eu trabalhava para manter ela naquela escola, também num colégio de freiras lá em São Paulo e eu também paguei, do meio pro fim quando foi ficando meio pesado eu pedi para a madre superiora para ela dividir, eu levei meu olerite, falei pra ela que pagava aluguel, e ela falou assim “você vai pagar só meia bolsa”, e ela se formou nesse colégio, com meia bolsa, naquela época tudo era muito difícil, mas eu te digo uma coisa viu Maykon, valeu a pena o sacrifício, hoje minha filha é secretária de um empresa muito grande, importante de São Paulo (Margarida, 82 anos).*

*Eu me considero muito feliz, ter realizado a maioria dos meus sonhos e educar a minha família até onde eu pude, eu trabalhei por muito tempo na casa dos outros como doméstica, costurando também, para dá uma boa educação para meus filhos, não tive uma vida fácil, trabalhei pesado, mas como mãe eu sempre ajudei naquilo que estava ao meu alcance, porque hoje estão tudo criado, em suas casas, com suas famílias e até hoje no que for preciso eu ajudo meus filhos (Camélia, 83 anos).*

Observamos que Margarida e Camélia narraram trajetórias de vidas marcadas pela atividade laboral e pela dedicação aos filhos, na qual a maternidade foi importante na construção de suas memórias, demonstrando a construção de uma identidade materna.

De acordo com Kimura (1997), a identidade materna implica mudança no relacionamento consigo e com o filho, existindo um processo de “identificação” com o modelo de ser mãe. Apesar de, rigorosamente, estar relacionada à identidade materna, a aquisição ou incorporação do papel materno envolve representações culturalmente definidas de comportamentos associados com o papel materno (RUBIN, 1984). Assim, corroborando com o referencial teórico, as narrativas dessas mulheres idosas evidenciam a importância e o sacrifício do papel de mãe.

Assim como Margarida e Camélia falaram dos filhos, Jasmim falou dos netos como uma continuidade da vida, um motivo para viver e fazer planos. A longevidade, o envelhecimento com saúde e a qualidade de vida tem contribuído para que avós tenham uma contribuição mais direta nos cuidados com seus netos (MELCA, 2013). Para Jasmim está com os netos lhe rejuvenesce e dá sentido a sua vida, tal como descrito abaixo:

*Quando minha filha mudou pra Salvador ela acabou de me enterrar viva, porque ela foi embora com meus netos, eles traziam alegria pra essa casa, eu senti muita falta deles, foi uma coisa muito pesada pra mim, eu brincava muito com meus netos, um dia eu tive uma dor no quadril, mas fiz fisioterapia e melhorei, porque eu brincando com meu neto ele caiu em cima de mim, e eu não tenho mais idade. Aí o doutor disse “dona Ivonete, a senhora não pode, a senhora não tem mais idade, a senhora pode quebrar os ossos!”, aí eu disse “ô doutor no dia que quebrar os ossos eu quero morrer!”, ele ficou rindo. Aí no carnaval, ele veio aqui, ficou três dias aqui comigo, me levou no shopping aí eu falei “ô Lipe, eu não vou no shopping sozinha, primeiro que eu tenho medo de sair de noite, depois que tenho medo de ir no shopping sozinha, mas eu amo de mais meus netos (Jasmim, 80 anos).*

Este relato possibilita a compreensão da memória, em sua dimensão afetiva, como produtora intrínseca, de efeitos, “de sentido”, na identidade da mulher idosa, no presente, constituindo a imagem da mulher como provedora e reforçada pela função de ser avó. Essa imagem provedora da mulher idosa corrobora com Salgado (2002) ao relatar que as avós exercem uma função importante dentro do sistema familiar amplo, promovendo uma gama de apoio tanto aos filhos (as) quanto aos netos (as), pois esta função de avó serve de meio para a expansão da identidade pessoal e social, haja vista, que ser avó para muitas idosas, pode representar a continuidade da identidade de mãe que desempenharam na maior parte de suas vidas.

De acordo com Melca (2013) atualmente, as avós são mais participantes, mais divertidas e menos preconceituosas e buscam ser joviais e estar bem para a idade, sem que isso interfira no afeto que sentem pela terceira geração, afinal elas são apaixonadas pelos netos, e, portanto, as avós podem ter mudado seu posicionamento social, mas o amor pelos netos não mudou.

#### 5.1.4 Família: as relações familiares

A vida familiar, como palco da vida cotidiana, aciona através da recordação, noções de felicidade e bem viver. Os papéis familiares estão fortemente marcados nas trajetórias desses indivíduos e são em torno do qual se articulam as representações do passado, sempre contrastantes com o presente (FERREIRA, 2013).

Assim, os filhos e os netos figuram entre as grandes alegrias dos idosos pesquisados e todos os entrevistados revelaram ter boa integração com seus familiares e contatos frequentes com os mais próximos. Estar em companhia dos filhos e netos adquire um valor especial na velhice, como descrito nas narrativas abaixo:

*A relação com a minha família é muito boa, pena que eu vim morar aqui, meus filhos falam “ahh mãe”, agora nos dias das mães mesmo eles ficaram veio me ver, me levaram pra almoçar no restaurante, minha vida com a minha família é maravilhosa. Eu tenho minha tias que são bem velhinhas que moram na Arcelino de Freitas e eu visito também, tem meu irmão que mora na Raul Ferraz e eu visito também ele quase não sai de casa aí eu falo “ohh, já que Maomé não vai até a montanha, a montanha vem até Maomé” eles dão rizada, ela fala “ahhh, tava faltando você aqui, porque você alegre essa casa!”, quando eu chegou lá você precisa ver, então eu tenho um relacionamento muito bom (Margarida, 82 anos).*

*O relacionamento com a família sempre foi bom, sempre tive muito diálogo com a minha família, né?! Sempre dei muito bem com os meus filhos, sempre me relacionei muito bem, né?! São todos presentes, apesar de só ter uma que mora fora, mas mesmo assim ela não deixar de estar presente, de estar sempre ligando, entrando em contato, né?! Todos estão presentes na minha vida, isso é muito bom, eu gosto de ver a casa cheia, quando os netos vêm a gente faz a festa né?! (Cravo, 80 anos).*

*Minha família gosta muito de mim, não tem o que dizer, minha família nunca me deu trabalho, todo mundo tá nas suas casas, só tem duas meninas que mora mais eu, mas eu sempre peço a Deus pra elas terem um cantinho delas, porque virou de herança agora essa casa, mas meus filhos não perturba em nada, não vou lhe dizer que minha vida é ruim não, minha vida é boa graças a Deus, eu tenho meus filhos, que são bons, me ajudam, toda semana eu vou pra casa de minha menina lá em frente ao hospital de base, ficar mais ela, ver meus netinhos (Angélica, 83 anos).*

*Meus filhos moram tudo longe, eu tenho muita saudade dos meus filhos, preocupo muito com eles, toda mãe preocupa né?!, a gente ficar distante da família é muito ruim, muito mesmo, muita saudade, mas eu vou pra lá fico uma mês com eles, e em todo natal eles vem pra cá passar comigo (Girassol, 81 anos).*

É perceptível nas narrativas dos idosos a satisfação de estarem próximos dos membros familiares, sendo que a presença dos filhos e netos ajudam a manter e fortalecer os laços afetivos com a família e os encontros familiares são considerados como importantes na vida destes idosos. Isso ocorre, pois, os idosos relacionam as suas vidas com os acontecimentos familiares, pois permanecem vivas em suas memórias as recordações de festas e comemorações, fazendo assim, parte de suas histórias de vida e sendo momentos marcantes de suas trajetórias.

Em uma tentativa de demonstração de veracidade às suas narrativas e apresentação dos seus familiares ao pesquisador, Jasmim mostrou alguns retratos do casamento que estava fixado na parede da sala, ao lado de retratos mais recentes das filhas e dos netos. Além desses, mostrou três álbuns familiares antigos e um recente e um álbum com fotos de bolos que ela fazia quando jovem. Nessas fotografias, ela apontava datas de aniversário, dia das mães e formatura do neto, tal como descrito abaixo:

*Eu tenho a foto aqui que minha filha tirou quando eu fiz oitenta anos, essa aqui foi no ano passado nos oitenta anos, essa é minha filha que é enfermeira, eu falei “ô Márcia, eu quero tirar foto dos oitenta anos”, aí ela tirou comigo, porque todo mês de junho é aniversário dela, ela vem prá cá, porque no são João ela vem pra cá e fica aqui comigo. Essa daqui foi quando eu fiz setenta anos, setenta!, sete ponto zero, essa daqui foi do meu casamento, casamento é sempre uma coisa assim, sei lá, é uma emoção, nem sei como é que te digo. É uma coisa que a gente guarda, lembra bem, é um dia muito especial a vida mesmo. Meu marido morria de ciúmes de mim, mas eu falava pra ele que eu só tinha olhos pra você, eu casei só uma vez na minha vida. Essa foto aqui foi no dia das mães. Aqui tem a foto da formatura da menina que morou comigo quando eu tinha o pensionato, ela é minha amiga, hoje ela é enfermeira, tinha uma de Guanambi que eu não coloquei a foto dela. Essa foto aqui é da formatura de Gui, ele já é doutor, ele é biomédico e farmacêutico, ele passou em duas faculdades, aí ele fez uma e depois fez a outra (Jasmim, 80 anos).*

Para essa idosa, esses materiais imagéticos apresentados são como um convite à narração e à visita da história de sua família. Nota-se que ao falar de si por meio das relações com os familiares, os idosos evidenciam a construção de suas identidades em tais relações, se posicionando como filho, mãe, pai, avô (a). A ligação entre os idosos entrevistados e seus familiares foi mencionadas em todas as narrativas. A família exerceu uma importância em todas as fases da vida, exercendo uma importância fundamental no fortalecimento das relações e na constituição de suas identidades.

Assim, constatou-se que os idosos longevos, com olhos de quem já percorreu um longo caminho no grupo familiar, voltaram-se para o passado, valorizando a instituição familiar, resgatando a importância dos momentos e das histórias familiares, estabelecendo relações de continuidade e permanência, mostrando os papéis familiares, a sua presença como



Os idosos longevos pesquisados fizeram confluír instâncias coletivas e sociais das suas recordações de episódios vividos. As recordações estão na dependência de marcos sociais<sup>35</sup>, a partir dos quais, elas são evocadas e localizadas. Como os contextos sociais em que as recordações de cada um estão inseridas são diferentes, o indivíduo tende a ter uma identidade socialmente diferenciada.

É preciso considerar o gênero dos sujeitos que compõem este estudo e não só a idade. Pois, enquanto as recordações das mulheres longevas remeteram para as perdas de familiares, as recordações dos homens longevos foram relacionadas ao posicionamento profissional. Apontando que o domínio da mulher é o espaço doméstico e familiar, denominação imposta tanto para a mulher burguesa como para a operária. Esta configuração marca a constituição de espaços distintos: o privado para as mulheres e o público para os homens (CUNHA, ALVES, 2014). Assim, duas subcategorias emergiram: a primeira, o passado como tempo difícil e a segunda, as mortes e a viuvez.

### 5.2.1 O passado como tempo difícil

De acordo com Lírio, o que mais lhe marcou durante o processo de envelhecimento foram os tempos difíceis na cidade de São Paulo. Esse idoso constrói sua narrativa em níveis sucessivos de detalhamento e complexidade, marcados pela presença das diferenças entre o ontem e o período atual.

Lírio utilizou um estilo de narrativa factual, demonstrado pela alternância entre períodos positivos e negativos em sua história. Esse estilo de narrativa é definido por Pollak (1992) como sendo um estilo temático, no qual o narrador organiza a sua história por eventos, lidando com as dimensões de tempo de forma dinâmica, onde presente, passado e futuro são utilizados para explicar e apresentar os eventos.

Esse idoso conduziu o seu discurso para a sua época, seu tempo, seu passado de mocidade, sua chegada a cidade de São Paulo, conforme descrito abaixo em fragmentos de sua narrativa:

---

<sup>35</sup> Segundo Halbwachs (2004), as memórias individuais se constituem a partir de “marcos” fornecidos ou impostos pelo meio social. Esses são os chamados “marcos social da memória”, que funcionam como pontos de referência para a construção subjetiva de lembranças. Eles determinam o que deve ser lembrado, esquecido, silenciado ou comemorado pelos indivíduos. Halbwachs (2004) ainda enfatiza o papel dos marcos sociais na memória social, ou seja, a memória se remeta a marcos do espaço, tempo e relações sociais, como a família, a escola, o trabalho, a classe social, a religião, a linguagem e a cultura, entre outros.

*Os velhos tempos já se foram, e resta hoje a saudade, a recordação do passado, o tempo da mocidade. O que marcou a minha vida foi os tempos da minha mocidade. Hoje esses tempos estão apodrecidos, porque nós estamos em uma época que está de pior a pior. Nós estamos em uma época em que a cada dia que passa, aqui em nossa país está igual a cantiga da perua, é de pior a pior, não existe mais homens de caráter, de brio e vergonha, que venha sustentar a arquitetura deste país, mas não, acabou, depois que entrou aí uma camunhona com ideias diferentes, dando uma de brasileira sem ser. Olha pra mim foi muito sofrimento, porque o meu passado, é um passado muito espinhoso, doença, sou diabético, sou hipertenso, tenho problema de colesterol, ácido úrico, glicemia, sou proibido de andar sozinho, mas anda eu e Deus, aonde eu estou ele está ao meu lado. Cheguei em São Paulo em mil novecentos e sessenta e três, procurava serviço para trabalhar e ninguém me dava, me tornei um morador de rua, tive o meu primeiro patrão, que tirou o meu primeiro emprego, antes de amanhecer o dia eu já estava na rua, em porta de butiquinho, em porta de bares, de lanchonete, esperando o povo que ia para o trabalho de manhã e onde fazia seus lanches, e era onde eu estava ali, que quando eu ia embora eu me aproximava dos donos dos estabelecimentos e pedia aquele resto de comida que ficava, eu dormia em canto de muro, pelo lado de fora, o meu colchão era um pedaço de papelão, e cobertor era folhas de jornais, São Paulo naquele tempo tinha o nome São Paulo da garoa, hoje é São Paulo da marginalidade. Aí, o tempo foi passando, foi passando e eu acabei entrando na polícia. A gente fazia blitz, para encontrar vagabundo nos pontos de drogas, trabalhava três polícia de cada vez, dois recrutas e um praça mais velho, e eu era o praça mais velho (Lírio, 85 anos).*

Todo o testemunho desse idoso é um desabafo, pois ao olhar para o passado e refazer esses fatos parece que ele busca algo para justificar o seu sofrimento, os tempos difíceis que hoje parece ter significado de superação. Assim, a narrativa de Lírio é uma representação de fatos passados a partir da sua posição no ciclo de vida atual. Ao destacar a sua chegada em São Paulo e a entrada na polícia ele constrói um demarcador de sua identidade de militar que pode ser identificada com um trecho de sua narrativa:

*Então eu prefiro mais a morte, do que viver num mundo sem governo, num mundo desgovernado, sem segurança, só corrupção (Lírio, 85 anos).*

Durante a entrevista como um tempo de reflexão, Lírio olhou para o passado com a “legitimidade” (D’AQUINO, 2004) de uma testemunha e ao socializar sua memória através da linguagem, esse idoso cumpriu a “função social” de lembrar, de “ser a memória do grupo, da instituição e da sociedade” (BOSI, 1998, p. 63).

Cravo também narra a sua ida para a cidade de São Paulo, reconstruindo suas experiências mais marcantes. Assim, como Lírio, Cravo começou a trabalhar cedo, com dezesseis anos foi residir no município de São Paulo transportado por um pau de arara<sup>36</sup>, em busca de oportunidade de trabalho.

---

<sup>36</sup> Pau de arara é um meio de transporte irregular utilizado no Nordeste do Brasil (SILVA; PEREIRA; MAPURUNGA, 2014).

As narrativas de Lírío e Cravo corroboram com o momento histórico descrito por Telles (2008, p.70), ao descrever que as grandes cidades brasileiras por se constituírem em espaços privilegiados de educação, saúde e lazer, despertaram o interesse de um contingente alarmante de migrantes das zonas rurais “como também de regiões do país com menos infraestrutura ou probabilidades de crescimento incompatível com os grandes centros”. No início, segundo Cravo, foram muitas as dificuldades enfrentadas, o trabalho pesado como ajudante de pedreiro lhe assegurou um ofício, um “*ganha pão*”. Depois de ter trabalhado por alguns anos na cidade de São Paulo, Cravo economizou dinheiro e resolveu que estava na hora de casar, conforme descrito abaixo em um pedaço de sua narrativa:

*Ah, que eu lembro do passado; da minha infância eu lembro muito, né?! Lembro muito da minha infância, quando eu era novo, Conquista era só mato, a gente brincava na rua, não tinha muitos carros, hoje não, hoje a cidade cresceu. Com dezesseis anos eu fui pra São Paulo, nada pra mim era difícil, né?! a situação naquele tempo era difícil. Com toda dificuldade eu saí daqui, fui num pau de arara daqui até São Paulo pra trabalhar, o começo foi sofrido, trabalhei pesado como ajudante de pedreiro, trabalhei bastante num prédio da Record lá na barra funda, ganhava pouco, mas era meu ganha-pão, fiz minhas economias, morei em São Paulo durante oito anos, vinha uma vez no ano visitar minha família, depois resolvi voltar, e aqui me casei e construí minha família, e hoje estou sossegado graças a Deus (Cravo, 80 anos).*

Percebe-se no relato de Cravo que o espaço é um elemento primordial na sua narrativa. Ao rememorar, Cravo apontou o espaço nomeando os lugares por onde passou com os objetivos de contextualizar sua história e reconstruí-la. Ao falar sobre o município de Vitória da conquista, ele modificou o significado desse espaço ao comparar a cidade dos tempos antigos com a dos dias atuais.

O lugar sinaliza o que deve ser recordado através de um trabalho de enquadramento de memória, o que para Pollak (1989), consiste em uma estruturação da memória a partir de determinadas imagens, identidades ou pontos comuns com a função de reforçar sentimentos de pertencimento. A narrativa de Cravo citou lugares específicos, acontecimentos e pessoas que contribuíram com a formação da imagem que se quer recriar do passado, evidenciando, portanto, que o espaço ao mesmo tempo que é físico, é também social. É social porque demonstra as práticas culturais de cada espaço: o ritmo de vida e as práticas cotidianas. Além disso, o espaço é afetivo porque diz respeito a experiências vividas e construídas nesses diversos lugares.

O conjunto é vivido em conjunto com outros, por isso é essencial afetividade. Essa dimensão afetiva dá ao território uma noção ampliada que o espaço físico não tem.

Não se é ligado a um espaço físico: se é ligado a um território afetivo-existencial. Que ele seja bairro, lugar ou pura interioridade, não faz a menor diferença. O que o território oferece, enquanto lugar ou pura interioridade, não faz a menor diferença. O que o território oferece, enquanto lugar, é um ponto de referência, uma âncora para o grupo (BARCELLOS, 1995, p.47).

Assim, o espaço marcou não somente os lugares geográficos onde Cravo viveu a sua história, mas também as diferentes posições ocupadas ao longo dela. Esses espaços, segundo Caixeta (2006) são impregnados por afeto e significados. Por exemplo, para este idoso, estar em São Paulo significava ser empregado, ter uma profissão, um ofício, enquanto que na cidade de Vitória da conquista, Cravo se remetia a sua infância, ao seu posicionamento como um filho. Nesse sentido, não é possível separar o espaço físico do social, pois o primeiro se remete ao segundo, de forma que juntos eles resultam no espaço do cotidiano, que é o espaço tecido por Cravo. Esse posicionamento corrobora com Delgado (2010, p.121), ao citar que “diante da fragmentação da vida, os espaços e lugares são fundamentais para a construção de identidades”.

### 5.2.2 As mortes e a viuvez: As perdas ao longo da vida

Ao narrarem sobre os principais fatos que marcaram as suas vidas, as perdas surgiram nas narrativas de forma livre e espontânea. Não poderia ser diferente, afinal, os idosos por muito terem vivido, presenciaram muitas mortes ao longo do tempo (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008). As narrativas dos idosos retrataram as perdas ao longo de vida e as consequências geradas, tais como: tristeza, solidão, mudança de local e de moradia. Alguns idosos demonstraram, no momento da entrevista, os seus sentimentos e emoções contidas por muito tempo.

As situações de perda ao longo da vida são irreparáveis na vida das pessoas. De acordo com Willig (2012) as perdas podem abranger situações de morte de entes queridos, mudança de cidade, perda de emprego, condição social, separação e até mesmo a interrupção de projetos futuros. Contudo, as perdas mais sofridas são relacionadas à perda de pessoas queridas.

De acordo com Loureiro (2000) a morte é um fenômeno complexo que envolve fatores como: religiosidade, cultura, espaço e tempo. No Brasil, apesar de haver uma diversidade de compreensão e atitudes perante a morte, na maioria dos casos, esta é compreendida com sentimento de tristeza, por significar uma perda. Conforme exemplificado nas narrativas

abaixo em que a idosa Angélica, apesar de tentar disfarçar, se emociona ao lembrar do marido e dos cinco filhos já falecidos, algo que a afetou profundamente.

*A minha vida foi triste, o que marcou minha vida foi cinco filhos meu que morreu e meu marido, eu sinto saudade, muita falta deles (Angélica, 83 anos).*

Da mesma forma, a morte dos pais ocorrida por causas naturais e num tempo cronológico relativamente curto é lembrada pela idosa Rosa com muita tristeza como descrito abaixo em um fragmento de sua narrativa:

*É... tem coisas que...muita coisa assim, primeiro meus pais, perdi meu pai, e um ano depois minha mãe, eles já eram idosos também, né?! Quer dizer, são coisas que marca muito a vida da gente, eu fiquei muito triste, eles moravam comigo e eu queria até mudar dessa casa, depois da morte da minha mãe, porque tudo me lembrava ela e quando e lembro deles assim... é meio... (silêncio), e o resto a gente tira de letra, né?!, meu filho? (Rosa, 81 anos).*

Um idoso carrega consigo os sentimentos relacionados a muitas mortes, porém algumas trazem recordações marcantes (BEAUVOIR, 1990). A morte não natural, especialmente por acidentes e inesperadas que rompem bruscamente com a existência, costuma causar um desespero maior, como descrito abaixo em um fragmento da entrevista da idosa Hortência:

*O que mais marcou a minha vida, foi o dia que meu filho morreu em um acidente, marcou muito a minha vida, eu não esqueço daquela cena, né?! Foi de carro eu recebi ele no hospital morto, pra encurtar a palavra, ele chegou com um litro de sangue no corpo, eu só fiz chorar e gritar por muito socorro. Então o que marcou muito a minha vida, foi o acidente que ele vinha de moto com a namorada, da fazenda, e era a passagem de gado né?!, aí quando ele vai passando uma vaca saltou em cima deles dois, na moto, aí eu recebi... eu morava lá embaixo no hospital, morto, né?!, foi o maior sofrimento que eu já passei na minha vida, eu fiquei desesperada, sinto muita falta dele até hoje, um vazio, porque ele era muito alegre, mas Deus sabe o que faz né!?, mas o resto só foi alegria, e até hoje (Hortência, 85 anos).*

Sobreviver após a perda de um filho é algo de difícil definição. Interfere drasticamente na trajetória individual, destrói os projetos e as expectativas construídos em torno dele (BEAUVOIR, 1990) e promove um vazio que dificilmente será preenchido. Essa circunstância, pode ser observada na narrativa de Hortência que cita ainda a religiosidade como um poderoso instrumento para a aceitação e justificativa da morte precoce do filho.

A morte modifica a relação do indivíduo com o espaço. A intenção inicial da idosa Jasmim, após a morte natural, porém repentina do marido, era mudar imediatamente da casa em que viveu por mais de quarenta anos em companhia do seu cônjuge. Sair daquele espaço

era uma forma possível de se afastar, ou melhor, de amenizar o sofrimento produzido por essa perda. Nesse sentido, Motta (2004) descreve a viuvez como:

Uma condição social peculiar inesperada, não planejada, instantaneamente modificadora da vida das pessoas. Representa uma súbita quebra do equilíbrio, real ou suposto, nas relações de família e a urgência do estabelecimento de novos arranjos em grupo. Estudar a velhice é deparar-se todo o tempo com a situação de viuvez (MOTTA, 2004, p.132).

O sofrimento pela perda do marido fez com que Jasmim procurasse a convivência com os filhos, os quais foram fundamentais em seu processo de luto. Meses depois disso, ela percebeu que uma mudança seria necessária e assim, abriu um pensionato na sua casa. Hoje, ela se considera uma pessoa feliz, apesar de ainda sofrer a dor causada pela perda do marido que ocorreu há aproximadamente uns sete anos, conforme descrito abaixo:

*Uma coisa que marcou de mais na minha vida foi a viúves, porque eu nunca imaginei que meu marido fosse morrer primeiro de que eu, porque ele era bom, sadio, quando eu fiquei viúva, eu fiquei desesperada, e eu não sabia o que fazer, meus filhos tudo casado, e eu falei “como é que eu vou ficar sozinha nessa casa?”, eu me sentia sozinha, muito triste, eu não quis mais permanecer no lugarzinho que a gente ficava. Eu fui pra São Paulo e fiquei lá um mês e tanto que era novembro, passei o natal lá, passei dezembro lá, depois voltei, aí fiquei viajando, indo pra São Paulo na casa do meu filho, indo pra Salvador, depois eu falei assim “não Ivonete”, queta!, você tem que ficar na sua casa e aceitar a viúves”, eu falei eu tenho que aceitar, foi então que eu abri um pensionato, morou três moças aqui, mas elas foram passando no vestibular e foram indo embora, mas até hoje elas são minha amigas. Eu não suportava essas lembranças, faz 35 anos que eu moro aqui. Hoje já posso falar dessa perda com mais tranquilidade, e me sinto feliz, tenho mais liberdade (Jasmim, 80 anos).*

Percebe-se na narrativa de Jasmim, que a perda do cônjuge após anos de convivência constituiu um processo demorado de luto e de uma perda importante de sua identidade de “esposa”. Em alguns momentos foram perceptíveis as dificuldades em lidar com a emoção provocada pelas recordações de seu companheiro, pois, os sentimentos de dor, tristeza e saudade afloraram durante o trabalho da memória. As perdas na vida dos idosos longevos representaram mudanças no curso de vida, permeadas por momentos de angústia, tristeza, solidão desespero e que deixaram marcas, assim, a viuvez é uma das perdas mais estressantes para o ser humano, a dor de não ter mais o seu companheiro demora muitas vezes a desaparecer (TORRES, 2006).

Por outro lado, percebe-se também que a viuvez é acompanhada por Jasmim pela sensação de liberdade. Passando o período crítico do luto, a viúva idosa desperta para um novo olhar, uma proposta de recomeço no curso da vida, uma forma de aproveitar melhor a



entrevistas sobre o que é ser velho, os idosos se sentiram estimulados a descrever e rebater os estereótipos sobre esse termo, às vezes tido como pejorativo por algumas pessoas. Apesar da observação passiva das narrações pelo entrevistador, os longevos narraram suas experiências apontando (in)adequações das denominações para essa fase de suas vidas por meio de exemplos de o que é ser um “idoso” e o que é ser um “velho”, mobilizando suas memórias a partir do presente revelando as suas identidades.

O termo velho é ainda carregado de um sentido pejorativo, historicamente, ligado a ideias negativas como feio, improdutivo, inativo, criado pela sociedade moderna. Em contrapartida, o termo idoso deu outro significado ao indivíduo velho, transformando-o em sujeitos respeitados (PEIXOTO, 2013).

Assim, para os idosos longevos deste estudo, o idoso é caracterizado pelo o que faz ou deixa de fazer, por sua atividade e produtividade na sociedade. Podemos observar nas narrativas que a maioria dos idosos entrevistados afirmaram que não são velhos e sim idosos. Dessa maneira, podemos afirmar que a recusa em não se denominarem como “velhos” reflete a negação em aceitar a conotação negativa que o rótulo que essa palavra pode carregar. Essas narrativas são semelhantes ao descrito por Freitas, Queiros e Souza (2010) ao afirmarem que os estereótipos e preconceitos sociais vigentes se traduzem numa conotação negativa atribuída a palavra “velho” que imediatamente suscita uma não identificação por parte dos idosos

Para os idosos deste estudo, a ideia de ser velho é remetida a imagem de alguém que não se cuida, entrega-se a monotonia, permanece em casa, não tem lazer, é triste, é inativo e fica aguardando a chegada da morte. Por outro lado, ser idoso está vinculado a aquele que está em atividade e mesmo em idade cronológica avançada é animado, disposto, sentem-se novo e mesmo com o transcorrer dos anos, a sua condição de pessoa jovem continuou.

Esses resultados estão em conformidade com os resultados de Barros (2013), Paiva (2010), Debert (2004), já que os longevos deste presente estudo consideram “velhos”, aqueles que fazem parte de um grupo de pessoas com sinais de decadência física e improdutividade. Desse modo, pode-se supor que as representações dos idosos longevos acerca de sua condição são permeadas por uma construção social e cultural que elabora significados marcados pela negação da velhice, ou seja, tentativas do sujeito de evitar determinados estereótipos que insistem em ecoar.

Assim, semelhante as conclusões de Silva-Sobrinho (2005), os idosos dessa pesquisa recusaram a denominação (velho) quando faziam referência a si, pois ser “velho” parecia não fazer parte de sua identidade, conforme descrito abaixo em fragmentos de suas narrativas:

*Velho é uma pessoa que não quer saber de nada... isso aí é ser velho, que nada tá bom e que o mundo acabou, mas pra mim não, pra mim o mundo tá começando agora (risada). [...] eu **não** me considero velha, eu acho que sou idosa sabe?! (risos), eu sou uma idosa!!!, mas uma idosa bem esclarecida. Olha, eu acho que velho é quando a pessoa não quer mais saber de nada, quer ficar encostada num canto, que não pode ir ali porque fala “ahh eu não posso andar, eu não posso fazer isso porque não aguento fazer isso”, aí a pessoa já pode se considerar velho, mas eu acho que **não** tô assim não (risada), eu **não** tô assim não, eu não tô velha ainda não vii Maykon, eu tô idosa, como eu já te falei eu tô idosa. (Margarida, 82 anos). (grifo nosso)*

*Velho é molambo, eu sou idosa, né?! eu me considero uma idosa, [...] ser velho é pessoas que não tem mais nada para fazer na vida, eu **não** me considero velha não (Camélia, 83 anos). (grifo nosso)*

*Ser velho é depender dos outros, é difícil né?! E quando você fica velho, você começa a precisar, ficar dependendo dos outros, né?! precisa pedir ajuda a alguém para muitas coisas e tudo, mas eu ainda faço as coisas sem ajuda de ninguém (Lírio, 80 anos).*

*O que é ser velho?, olha eu acho que ninguém é velho, a gente tem uma idade avançada, mas velho, velho, eu acho que é uma coisa sem importância, no meu ponto de vista. Velho é uma coisa que não presta e você joga fora, **não** é o caso dos idosos que tem muita gente idosa que tá dando um show né?!, trabalhando, e é honesto, tudo de bom!. (Rosa, 81 anos). (grifo nosso)*

*Pra mim uma coisa velha, é uma coisa que não presta mais, nós **não** pode falar véi não, né?! veí é uma coisa que não presta mais e joga lá no lixo (Girassol, 81 anos). (grifo nosso)*

Nesse mesmo sentido em relação a dualidade entre as palavras “velho” e “idoso”, a citação de Birman (1995) traz algumas reflexões a respeito destes conceitos:

Velho na percepção dos “envelhecidos” das camadas médias e superiores está associada à pobreza, à dependência e à incapacidade, o que implica que o velho é sempre o outro. Idoso, por sua vez, é a designação dos “velhos respeitados”. A expressão “idoso” designa uma categoria social, no sentido de uma corporação, o que implica o desaparecimento do sujeito, sua história pessoal e suas particularidades. Além disso, uma vez que é considerado apenas como categoria social “o idoso é alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo” (BIRMAN, 1995, p.23).

De acordo com Papaléo Netto (2002), o envelhecimento pode ser denominado como o processo e a velhice como uma etapa da vida, sendo o idoso, o resultado e sujeito destes. No entanto, esse mesmo indivíduo em sua posição de sujeito, deixa transparecer um processo conflitante, uma vez que se dizem não velhos, mas ao mesmo tempo são impedidos de dizer que são jovens. Tal processo expõe os conflitos enfrentados pelos idosos para garantir uma identidade que escape aos estereótipos e preconceitos sociais vigentes na contemporaneidade.

De acordo com Silva-Sobrinho (2005) o que está subjacente a esses processos de negação são as relações de trabalho baseadas na exploração dos homens em atividades produtoras de mercadorias que suga suas forças físicas e mentais. Quando o trabalhador chega em uma determinada idade é afastado (aposentado) porque é tido como não lucrativo para o capital. Assim, a negação (não sou velho) reflete as exigências da sociedade capitalista de louvar a jovialidade, não só das mercadorias (coisas), mas dos próprios homens, pois isso assinala um modo de reprodução das relações sociais capitalistas.

Como diz Beauvoir (1990), a velhice se inicia com a degradação da pessoa que trabalha, pois, o trabalhador é afastado de sua atividade e da sociedade sob o estigma de ser inútil e sem serventia. Ávila (2007) compartilha desse pensamento, ao afirmar que muitas das qualidades atribuídas ao velho e que definem o seu perfil identitário são estigmatizadoras e produto ideológico da sociedade que discrimina e exclui essa parcela da população.

Durante a negação os idosos em relação a serem velhos, e sim, idosos, nota-se que há uma memória norteada por um discurso preconceituoso que considera o velho como um indivíduo doente, inativo, inútil, dependente, molambo e sem serventia. Assim, o funcionamento da negação a imagem do velho, está ancorada na memória, pois é a partir dela que o indivíduo reconhece e compreende o mundo, de identificando e se diferenciado nos processos históricos (SILVA-SOBRINHO, 2005). Segundo Paulino (2007), a figura do velho geralmente está atrelada a características desagradáveis como sisudo, feio e mau e em histórias infantis como pessoas sozinhas, doentes, degradantes, dependentes, improdutivas ou incapazes, frágeis e com papéis secundários na sociedade.

Tais representações, através das relações sociais, ganham mobilidade, trafegando entre gerações através da memória (ROSA et. al., 2000). A memória social, então, faz perpetuar representações e, simultaneamente, agrega valores segundo requisições postas no presente. Assim, ser velho, na atualidade, ainda é portar estereótipos negativos relacionados a esse termo.

Dessa forma, alguns idosos buscam desvincular a imagem do ser idoso desse modelo estigmatizado e excludente, conforme descrito abaixo:

A existência de uma identidade construída, com base em um modelo estigmatizador de velho e a verificação da fuga desse modelo pelos próprios idosos, que como indivíduos, como seres singulares, não se sentem incluídos nele, apontam para o mesmo fundamento, próprio da construção de uma identidade social paradoxal: velho não sou “eu”, mas é o “outro” (MERCADANTE, 2005, p.33).

A percepção de que velho é sempre o outro também foi observada nas narrativas de duas longevas deste estudo, como descrito a seguir:

*Eu tenho umas amigas mais novas do que eu que tão derrubadas, fumaram muito, beberam muito, perderam noite, então isso para mim... eu acho que elas estão velhas, eu não to velha, eu tô idosa viu Maykon (**Margarida, 82 anos**).*

*Eu me enxergo como uma idosa muito bem, você não tá achando não?, porque eu vejo muitas pessoas velhas que vai levantar e reclama “ai”, não!, todo mundo fala pra mim “á, a senhora não tem oitenta anos não!”, eu falo, “eu tenho!, porque eu sou bem cuidada e não fico me apegando a velhice, tem pessoas que se apega na velhice pra pedir coisa, pra queixar, não é assim?, mas eu não sou assim!. (**Jasmin, 80 anos**).*

Para Blessmann (2004), para não portar os estereótipos negativos relacionados a velhice, os idosos na atualidade estão buscando mudanças radicais no comportamento, como a maneira de vestir-se, relacionar-se, viver a vida. Nesse sentido, observou-se que os idosos participantes deste estudo são engajados em um estilo de vida com atividades voltadas para a família, atividade física e o lazer. Esse modo de viver é utilizado para negar a velhice, de forma que se engajar em projetos não pertencentes à velhice, fosse um meio de ter características e vantagens típicas e exclusivas da juventude, a independência é um marco da não velhice, como podemos observar nas narrativas abaixo:

*[...] eu vou ali, resolvo qualquer problema de banco, eu vou na prefeitura, eu vou em qualquer lugar, eu sei resolver tudo, eu já saí daqui numa viagem terrível para São Paulo para resolver uns problemas lá, e é assim, eu resolvo qualquer coisa, então eu acho que a velhice não chegou pra mim não, eu sou idosa viu Maykon (risada), eu sou idosa!! não que eu não queira ser velha, mas eu me considero uma idosa, uma idosa que é bem danada, faz tudo, olha eu bordo, faço crochê, eu bordo coisas para as minhas netas e tudo na mão, tudo bem feito, tudo muito bonito... bordo fronha, bordo isso bordo aquilo, bordei um enxovalzinho para minha neta que ganhou neném, e deu pra ela quando ela foi casar (risos), quer dizer... eu não me considero velho, eu sou uma idosa, sou uma idosa da cabeça bem esclarecida (risos) (**Margarida, 82 anos**).*

*Eu não me considero velha, porque eu faço tudo, eu lavo minha roupa, eu faço minha comida eu tenho um filho que dou conta dele, eu lavo a roupa dele, quando eu não posso, ele lava, e assim por diante. Eu não sou uma idosa inútil, sedentária, eu faço caminhada, eu faço minhas coisas, e assim por diante, a vida continua né?!. (**Camélia, 83 anos**).*

*Eu tenho disposição para fazer tudo... eu faço caminhada, vou na rua, resolvo isso, resolvo aquilo, vou no banco e resolvo tudo que é problema, então eu acho que não to velha ainda não. (**Angélica, 83 anos**).*

*Tem pessoas que é velho e que se desfavorece “Eu não vou fazer isso porque eu tô velho”. É cheio de doença. Não!, tem coisas que a gente não pode fazer, mas eu faço quase tudo, eu arrumo minha casa, hoje está suja porque eu estou meio doente, tô com vergonha, mas eu arrumo minha casa, eu passo minha roupa, eu guardo*



característica ocorre, pois, as idosas utilizam a ideia de espírito jovem para dissociar o corpo velho da maneira em que vivem. Assim, duas subcategorias emergiram: a aparência: imagem atual X imagem do passado e o espírito jovem: a relação corpo e mente.

#### 5.4.1 A aparência: imagem atual x imagem do passado

Foi possível observar neste estudo que a questão em torno da aparência foi apenas mencionada pelas mulheres entrevistadas, os homens não mencionam qualquer tipo de relevância sobre este assunto. Não havendo assim, a representatividade de suas narrativas na nuvem de palavras.

A exaltação da juventude apareceu de diferentes maneiras nas narrativas das idosas, tanto pela preocupação com a beleza quanto pela manutenção do estilo de vida e comportamento da juventude, pois para essas mulheres é difícil querer ser ou parecer velhas. Portanto, exaltar e copiar o que é considerado como próprio da juventude gera sentimentos de pertencimento.

Segundo Blesmann (2004), mesmo que se queira negar a velhice, seus primeiros e mais evidentes sinais se manifestam na aparência, e isto ninguém ignora, de forma que o espelho passa a ser o principal acusador de sua manifestação. Então, a velhice se confirma externamente, através do espelho, pois através dele é possível perceber as marcas do tempo, os caminhos trilhados, os movimentos vividos, as marcas que hoje se encontram no corpo e na memória (PAIVA, 2010).

E dessa forma, os idosos passam a celebrar os valores, o comportamento, a aparência e a moda dos jovens (Goldenberg, 2010; Sibilia, 2013), ao passo que, o corpo velho sem essas características passa, então, a ser reconhecido como um estado corporal vergonhoso (Sibilia, 2013). E assim, surge uma nova imagem do idoso; uma pessoa idosa, que se preocupa com a aparência. Como consequência, observa-se uma modificação na visão anteriormente negativa da velhice e outro contorno passa a ser dado sobre a imagem do idoso. Portanto, é esse “idoso moderno”, pautado num modelo de envelhecimento ativo, com espírito jovem que tem contribuído para a transformação da identidade individual e social dos idosos (Caldas & Thomas, 2010).

Essas percepções, relativas as aparências das idosas entrevistadas nesse estudo, são evidenciadas pelas narrativas sobre a saudade da juventude, da pele sem rugas, conforme descrito abaixo:

*Quando eu me olho no espelho eu vejo muitas mudanças né?! Quando a gente é jovem a gente é linda e maravilhosa, quando a gente é jovem é uma uva, quando velha é um abacaxi (risos), mas eu me sinto bem, eu aceito a velhice e encaro numa boa (Camélia, 83 anos).*

*Aí é duro (risos), eu vejo uma grande diferença (risos), vixe, eu não gosto de me ver no espelho, porque quando eu me olho no espelho eu vejo que estou ficando velha, porque aquela beleza que eu tinha eu não tenho mais, eu sinto saudade do tempo que quando eu era jovem, ontem eu não tinha uma ruga e hoje eu tenho, mas eu me sinto velha só por fora, porque por dentro eu ainda me sinto jovem, eu vejo uma grande diferença de quando eu era nova, na velhice eu não sou mais aquilo que eu era, eu vejo uma grande diferença (Violeta, 82 anos).*

*Eu não me acho tão feia não, eu não sou bonita, mas hoje eu estou feia porque estou desarrumada, tô um pouco gripada porque essa vacina me derrubou! (Jasmim, 80 anos).*

*Eu percebo as rugas que aparece... (Rosa, 81 anos)*

*[...] já completei oitenta e três anos, tô muito satisfeita pela idade que eu tenho, eu não me envergonho de nada, eu também já fui jovem, eu não nasci com essa pele, com essas rugas, eu não nasci com cabelos brancos, eu nasci jovem, bonita, né?! Maravilhosa! Eu lembro muito daquela época que era jovem, quando eu tinha vinte anos, eu era bonita, né?! Maravilhosa! “Meu Deus a diferença é muito grande viu!”. Mas eu estou lúcida, me sinto jovem ainda, glória Deus, glória Deus pela vida né?! Têm coisa melhor do que a vida?! (Camélia, 83 anos)*

Percebe-se nas narrativas das idosas que a sua imagem atual é contrastada com a da juventude e o modelo idealizado pela sociedade atual. Como aponta Blessmann (2004) e Menezes (2012), como a imagem atual não corresponde mais com a imagem que da memória, as mulheres idosas admitem as transformações na aparência advindas da idade, porém sentem uma relativa inquietação referente a quem eram e como são agora.

Isso ocorre porque a imagem corporal da velhice é representada pelo declínio físico e visível e a dificuldade em aceitar este fato induz à existência de um eu visível, que envelhece, e um eu invisível que se mantém jovem, pois o desejável nos discursos sociais é manter uma aparência jovial, então a velhice é só por fora (BLESSMANN, 2004; ARGIMON et al., 2011).

#### 5.4.2 O espírito jovem: a relação corpo e mente

Para as idosas pesquisadas, o envelhecer é uma questão de corpo e de mente. Elas se sentem jovens com um estilo de vida ativo, produtivas e alegres diante da vida, semelhante às características privilegiadas daqueles que são cronologicamente jovens. Assim, as idosas

estudadas referiram adotar determinados estilos de vida para se sentirem jovens, como podemos observar nas narrativas a seguir:

*Eu me sinto linda, me sinto jovem, eu me sinto linda e maravilhosa, me cuido, faço academia (Margarida, 82 anos).*

*Eu ainda me sinto jovem, mesmo com oitenta e dois anos eu sinto a mesma de quando eu era jovem, a mesma alegria que eu tinha eu tenho hoje, o que eu fazia quando era jovem eu faço hoje, eu garanto que eu faço e muito bem (risos), eu vou pra festas, para o clube, gosto de dançar, eu sou muito alegre, eu me cuido, me arrumo (Hortência, 85 anos).*

*Eu me cuido, não como de tudo pra não engordar, tem que saber envelhecer, envelhecer bem, quero me sentir jovem, bonita (risos), [...] (Jasmim, 80 anos).*

Percebe-se nas narrativas que as idosas são mais sociáveis e realizam diferentes atividades de forma ativa e autônoma, diferente da visão antiga de uma velhice tranquila, pacata, fazendo crochê em sua casa. Isso corrobora com Nascimento e Rabêlo (2008) ao afirmar que a velhice não é mais a mesma de antigamente.

De acordo com Marcelja (2012), sentir-se jovem é a palavra de ordem do nosso tempo, é uma estratégia de sobrevivência social, passaporte intergeracional e aceitação coletiva, pois parecer-se e sentir-se jovem configura nas percepções das idosas uma forma de sobrevivência e pertencimento na sociedade. Assim, a necessidade de sentir-se jovem ao olhar do outro, instiga as idosas longevas a se preocuparem mais com a aparência, buscar cada vez mais salões de beleza e procedimentos estéticos em um processo de estetização da vida social, o qual suscita a valorização estética do corpo, da beleza, da juventude, cada vez mais objeto de uma cultura pautada sob os signos do consumo e da produção em massa (MENEZES, 2012).

A tentativa de esconder as marcas do envelhecimento vai ao encontro dos novos apelos e discursos sobre o rejuvenescimento, conforme descrito abaixo:

A imagem física do velho é igualmente desvalorizada. Numa sociedade que aposta na juventude e no seu prolongamento, ser velho é estar fora dela. Uma série de representações negativas acompanha a população que envelhece, avaliando-a pelos aspectos físicos, pela aparência do corpo: beleza, juventude e saúde aparecem como uma tríade quase inseparável nas representações sociais. O crescimento das ofertas no setor de cuidados com o corpo que vão da cosmética à cirurgia plástica, da suplementação alimentar às dietas e aos exercícios, prometem retardar o envelhecimento, isto é, os efeitos da passagem do tempo ou pelo menos algumas das suas marcas mais notórias (BRANDÃO et al., 2009, p.121).

Esse investimento e cuidado com a aparência pode ser confirmado nas narrativas das entrevistadas, revelando uma sensação de bem-estar e por sua vez, uma boa autoestima e

imagem de si e criação de significado para o seu corpo a partir do belo. Os cuidados em relação à beleza das participantes estão presentes nos seguintes fragmentos das narrativas:

*[...] eu me arrumo, vou na cabelereira, arrumo meus cabelos... meu cabelo é bem grandão, gosto de me arrumar, vixe maria, passou batom, nossa... eu me sinto linda, eu me sinto linda e maravilhosa (Margarida, 82 anos).*

*Não é porque a gente tá ficando velho que tem que se entregar, e que não vai usar um creme, tem que se cuidar mesmo né?! , aí é que precisa se cuidar pra não se acabar, porque se você se entregar porque tá velho... tem gente que não usa nenhum creme, não faz nada porque, não tira uma sobrancelha, não tinge o cabelo , é porque eu tô velha que tenho que me entregar?, isso aí não isso aí já era, esse tempo já passou, a gente tem que ir pra frente, porque eu quero chegar aos cem, e vou chegar! (Girassol, 81 anos).*

*Hoje o meu corpo não é mais como antes, mas busco me cuidar, uso filtro solar, me arrumo, passo batom, vou pra igreja bem arrumadinha, não fico me apegando a velhice, gosto de me sentir bonita (Jasmim, 80 anos).*

Observamos que na narrativa de Jasmim, ela afirma que o corpo “não é mais como antes”, demonstrando que a imagem do corpo jovem é um marcador do tempo. As narrativas dessas idosas também descrevem o prazer pelo uso de cremes, tinturas, maquiagens, os quais são considerados como não excessivos e sacrificantes, apenas necessários para torná-las mais jovens e bonitas. O cuidado com a sua aparência é identificado como um carinho consigo mesma e boa autoestima, o que contribui para a representação de suas identidades.

## 5.5 SIGNIFICADOS SOBRE O ENVELHECER

Os múltiplos significados para o envelhecimento denotam que esse processo é uma experiência ambígua em que diversos significados podem revelar aspectos positivos ou negativos, gerando reações de negação ou de aceitação (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008). Entretanto, as palavras mais frequentes para essa categoria temática foram relacionadas aos aspectos positivos do envelhecimento.

O resultado da “nuvem de palavras” da categoria “significados sobre o envelhecer” apontou elementos que caracterizam o cenário de análise deste estudo, o qual é multifacetado e semanticamente muito rico em que cada palavra significa (re) definições de identidades. De acordo com a nuvem de palavras (Figura 7), as palavras com mais destaque foram: “Deus”, “vida”, “experiência”, “sabedoria”, “passado”, “lembrança”, “descansar”, “tranquilo”, “alegre”, “feliz” e “normal”.



*Eu me sinto bem, né?! Me sinto bem, porque eu tenho muito que agradecer a Deus, porque eu já tô com meus oitentas anos e estou vivendo bem, com saúde (Margarida, 82 anos).*

*Minha vida graças a Deus eu tenho uma vida boa, peço a Deus pra ele me dá saúde pra eu viver muitos anos, minha vida é boa, graças a Deus eu tenho minha vida boa (Angélica, 83 anos).*

*A velhice eu acho que é uma coisa muito boa e agradecer à Deus por chegar aonde eu já cheguei, oitenta e um anos, não tenho o que falar da velhice não, eu acho que... pra mim tanto faz quando nova ou agora pra mim é a mesma coisa, graças à Deus eu sou sadia, não sou doente né?!, agora quando a pessoa idosa é doente, depende dos outros pra se locomover, aí é difícil né?!, mas graças a Deus eu sou uma pessoa disposta e espero ser disposta até os cem anos (Rosa, 81 anos).*

*Eu vivo alegre, graças a Deus eu vivo com Deus e vivo alegre, eu e meu esposo nós tem sessenta anos de casados, vivemos até hoje, nunca separamos, vivemos juntos até hoje e até o dia que Deus quiser e permitir, mesmo doente como ela tá, assim, na cama, mas eu não fico triste não. Ele tem problema de saúde, tem diabetes, tem um ano e meio que ele não anda, e é eu que cuido dele até quando Deus permitir (Violeta, 82 anos).*

*Eu me sinto feliz, porque se eu tô envelhecendo é porque Deus me permitiu vida até aqui (Girasso, 81 anos).*

*Vivo a velhice graças a Deus muito bem, tenho minha casa, não devo nada a ninguém, não dependo de ninguém, isso é bom, não é?! (Hortência, 85 anos).*

Percebe-se nas narrativas das longevas que o alcance da longevidade está associado com a espiritualidade e a crença em Deus, assim como relatado nos estudos de Frumi e Celich (2006). As idosas entrevistadas se consideram como privilegiadas e sob uma dádiva de Deus por serem longevas e saudáveis na velhice e além disso, possuíam a certeza da presença de Deus no prosseguimento de suas vidas com mais alegria e disposição.

Assim, as narrativas dessas idosas corroboram com os estudos realizados por Brandão e Mercadante (2009) e Biolchi, Portella e Colussi (2014) nas abordagens sobre a relação entre a longevidade e espiritualidade como meio de criação do sentido à vida na velhice.

### 5.5.2 A velhice como experiência de vida, sabedoria e momento de recordar o passado

As narrativas dos idosos denota o envelhecer como experiência de vida e sabedoria resultantes da trajetória de vida que deve ser valorizada e culmina na formação da identidade do indivíduo idoso. Segundo Simões (1995, p.114), “a experiência de vida dos idosos enriquece o sensível da vida e deixa brotar, das cicatrizes do passado, relações dialéticas entre o que já viveu, o que está vivendo e o que poderá viver”. Desse modo, os idosos estão

continuamente construindo suas identidades, alicerçada no passado e direcionando-a para o futuro.

Envelhecer significa viver um processo contínuo de adaptações e aprendizagem, onde se tem perdas e ganhos, obtenção de experiências, vivências e uma busca constante de integridade e bem-estar (NERI, 2014). É a partir desse princípio que a vida do idoso pode se tornar de uma grande riqueza interior, incluindo o autoconhecimento e a auto aceitação com qualidade que podem ser adquiridas ao longo da vida (SAD, 2001).

Para Debert (2004), os idosos que alcançaram a longevidade acumularam ao longo de suas vidas, experiências com significados diversificadas, saberes e atitudes que possibilitam trocas e estabelecimentos de novas relações positivas, traduzidas em ganhos e oportunidades, o que permite atribuir a velhice, um significado de experiência e sabedoria. Assim, em relação às experiências e vivências dos narradores do presente estudo, observa-se que os saberes e atitudes na velhice resultaram de conhecimento e experiências desenvolvidas ao longo das fases da sua vida, como é possível observar nas narrativas abaixo:

*Como pessoa eu adquiri muita experiência e sabedoria, porque eu acho que é como a palavra dos antigos “quanto mais se vive, mais se aprende”, eu digo que enquanto eu não tiver caducando, mais eu aprendo, fico mais sabido, a não ser que vem a fraqueza de acordo a idade ou o quê, e aí pode a mente falhar, mas eu acho que enquanto a pessoa num tem esse problema, eu acho que continua cada vez cumprindo a palavra que diz os antigos que quanto mais se vive, mais se aprende. Eu digo que hoje tenho muito mais experiência, conhecimento, sabedoria, sei muito mais o que eu não sabia quando tinha cinquenta anos, quando eu era mais jovem (Cravo, 80 anos).*

*Eu sou uma idosa!!!, mas uma idosa bem esclarecida, do pouco estudo que eu tenho, mas eu sei um tanto de coisa, que minha filha estudou muito e meus filhos também, e através deles eu fui ficando mais orientada, tendo mais um saber, um pouco de sabedoria, inteligência, porque eles são muitos inteligentes, e eu sempre perguntava a eles, “o que eu posso fazer para isso? E eles respondiam ahh mãe a senhora faz isso, faz aquilo” (Margarida, 82 anos).*

O significado de envelhecer associado à recordação do passado está presente nos discursos dos sujeitos deste estudo, pois quem vive e envelhece, acumula histórias de vida que podem ser resgatadas na memória. Rememorar é resgatar a história do indivíduo e de seu mundo, enquanto vivenciada, porém, na maioria das vezes, lembrar não é reviver experiências do passado, é refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado (HALBWACHS, 2006). A recordação de um acontecimento antigo,

por mais nítido que pareça, não é a mesma imagem experimentada na infância, pois nossas ideias, juízos de realidade e valor foram alterados junto com ela (BOSI, 1998).

Assim, os idosos mantêm, em seu mundo interior, a memória viva dos fatos que ficaram para trás que podem emergir em seus pensamentos e revelar a importância da sua história de vida e experiências adquiridas. Em suas narrativas percebemos uma certa nostalgia da época de quando os idosos pesquisados eram jovens, como descritas a seguir:

*O que resta hoje é só a lembra, a recordação, a lembrança do passado, e o que eu fui no passado hoje eu não sou mais (Lírio, 85 anos).*

*A velhice traz a saudade do que ficou para trás, sinto saudade daquela época, dos meus pais, da roça (Camélia, 83 anos).*

*Envelhecer eu penso quando eu era solteira, de quando eu era moça. Envelhecer é lembrar o passado (Girassol, 81 anos).*

As recordações dos momentos bons ou ruins vividos pelos idosos se perpetuam em seu existir, fortalecendo o vínculo do passado com o seu presente, promovendo muitos sentimentos em sua existência, necessários para despertar a sensação de plenitude. Nesse sentido, Bobbio (1997) aponta uma visão positiva em olhar o passado, ao reafirmar a importância da memória, do lembrar e relembrar para a obtenção de um envelhecimento satisfatório, pois essa ação demanda procurar algo nos recantos mais distantes da memória. Este mesmo autor, comenta que na rememoração encontramos nós mesmos e a nossa identidade e a velhice é o “tempo da memória”, conforme descrito abaixo:

O mundo dos velhos, de todos os velhos, é de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. [.....]. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante os muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. Encontramos os anos que se perderam no tempo, as brincadeiras de rapaz, os vultos, as vozes os gestos dos companheiros de escola, os lugares, sobretudo aqueles da infância, os mais distantes no tempo e, no entanto, os mais nítidos na memória. Eu poderia descrever passo a passo, pedra a pedra aquela estrada dos campos que percorríamos quando rapazes para chegar a uma herdade um pouco fora de mão (BOBBIO, 1997, p.30-1).

De acordo com Madureira (2004), para o idoso, não basta relembrar, é necessário contar, repassar o vivido, compartilhar a experiência como se houvesse um intenso “impulso autobiográfico”, um desejo de não apenas relatar a experiência, mas também de moldá-la, dotando-a de um sentido que lhe dê validade. Nesse sentido, Jasmim revelou preocupação com a preservação de sua memória, conforme descrição abaixo:

*[...] eu tenho oitenta anos, e agora em agosto eu faço oitenta e um, e eu rezo muito e falo muito com Deus, pra não deixar eu ficar esquecida, a gente guarda muita coisa na cabeça, muitas lembranças, eu ainda não esqueço nada, eu exercito a mente, faço palavra cruzada, caminhada para não ficar esquecida, ficar com a mente sã (Jasmim, 80 anos).*

Apesar da preocupação com a perda da memória, é sabido que o envelhecimento não diminui a memória em sua totalidade, pois reduz apenas a memória recente, enquanto mantém a memória remota, responsável pela preservação da identidade, inalterada (BLESSMANN, 2004).

### 5.5.3 A velhice como um momento de descanso e como a melhor fase da vida

Quando se comparado com outros períodos de suas vidas, os homens consideram a velhice como um momento de “tranquilidade” e “descanso”, conforme descrito na narrativa abaixo de Cravo:

*Hoje eu busco descansar, hoje eu tenho uma vida tranquila, na minha velhice tive um nível de vida melhor do que quando era novo, porque o país não deixou desenvolver e a gente mesmo que não adquiriu muita coisa, melhorou o nível de vida da gente. Hoje a gente pode ter uma casinha melhor para morar, pode ter um carrinho né?! Pode quando tem vontade, muitas das vezes fazer um passeiozinho, descansar e de primeiro, muitos anos atrás a gente trabalhava muito e não tinha esses privilégios, o nível de vida era muito mais ruim, né?! (Cravo, 80 anos).*

Da mesma forma, Lírio, atribuiu o significado de envelhecer a possibilidade de ter tranquilidade, viver sem barulho, sem a confusão de São Paulo. Para esse idoso, os níveis de estresse são menores em seu atual município de domicílio, possibilitando-o ir à praça, situada defronte à uma igreja para ter momentos de tranquilidade como observado num fragmento abaixo de sua narrativa:

*[...] eu gosto de morar aqui, porque eu não gosto de barulho, São Paulo tem muito barulho, é uma cidade muito agitada... [...] gosto de viver a velhice tranquilo, gosto daqui porque é mais tranquilo, posso ir nessa praça aqui em frente da igreja, gosto de ficar sentado, pensando na vida, pois é que nos resta né?! (Lírio, 85 anos).*

A escolha de Cravo e Lírio em vivenciar a sua velhice de forma tranquila e satisfatória corrobora com Araújo (2001) ao descrever que a velhice pode caracterizar um período de satisfação e tranquilidade para as pessoas de modo geral, pois esta etapa da vida permite a realização de atividades (descanso) que não lhes foi permitida em outras etapas de suas vidas.

Já Margarida e Hortência em suas narrativas relataram que estão vivendo a melhor fase de suas vidas, pois possuem liberdade, tempo disponível sem obrigações com as tarefas do lar, trabalho e dos cuidados com os filhos. Assim, a melhor fase da vida para essas idosas não foi nem a infância nem a juventude, época que estiveram envolvidas com o trabalho precoce, o casamento e a criação dos filhos, ou seja, com compromissos constantes e restrições da liberdade. Assim, as narrativas dessas duas idosas demonstram como viveram a maioria das mulheres da sua geração, conforme descritas abaixo:

*Eu acho que eu estou vivendo uma das melhores fases da minha vida, porque na juventude eu trabalhei muito e não tive nem tempo de viver, casei cedo também, e logo tive filhos, me privei de muitas coisas porque para criar quatro filhos naquela São Paulo não foi fácil, agora não, agora eu tenho tempo para fazer o que eu quiser! (Margarida, 82 anos).*

*[...] Sabe Maykon, eu já trabalhei muito, antigamente a gente era criada para casar, cuidar dos filhos, naquela época mulher não trabalhava fora, só os homens que podia, mulher ficava em casa, então hoje temos que aproveitar a velhice né?! Hoje eu sou muito feliz, Eu só não vivo melhor porque eu vivo só, porque meus filhos moram longe, eu não tenho companheiro pra gente bater papo, assistir televisão. Mas as pessoas me vê e dizem que sou uma pessoa alegre e sorridente, é assim que eles falam pra mim, “mas você não é triste pela idade que tem?”, aí eu, uai, “é porque eu tô velha que vou ficar encurujada lá no canto? Eu não!” Estou aproveitando a minha velhice, eu tenho som, eu tenho tudo aí, tem som, aquele que passa na televisão, como é que chama aquele?, é... o DVD e tem também o som de duas caixas e pronto, no dia que eu tô azuada mesmo, eu boto e deixo o pau quebrar, os vizinhos que se dana (risos) (Hortência, 85 anos).*

Nessas narrativas é evidente a relação da memória e o gênero com o trabalho, visto que, à mulher eram reservados alguns postos ou obrigações, como o de ser mãe, esposa e dona de casa conforme descrito por Nascimento e Rabêlo (2008).

Assim, corroborando com o estudo realizado por Blessmann (2004), pode-se afirmar que as mulheres idosas são as principais responsáveis pelas mudanças na imagem da velhice na atualidade, pois livre dos compromissos anteriores, elas passam a desfrutar de outras experiências que até então foram privadas. Portanto, a velhice é considerada, para elas, um período de realizações, uma etapa de vida mais gratificante do que outras vividas.

#### 5.5.4 Envelhecimento como processo normal e natural da vida

As narrativas dos idosos longevos deste estudo apontam que o significado de envelhecer é entendido como um processo normal e natural da vida, um fenômeno que faz parte do ciclo vital, como pode ser observado nas falas seguintes dos sujeitos entrevistados:

*Envelhecer é uma coisa normal, quando vive muitos anos e aí chega à velhice (Cravo, 80 anos).*

*Olha, para mim envelhecer eu acho que algo normal, a velhice vem mesmo, porque se você envelheceu é porque você não morreu moço (Margarida, 82 anos).*

*Depende dos anos de vida, né?! Não sei se é assim a resposta, mas envelhecer eu sinto que é a realidade, é normal, que um dia todos vão chegar a velhice, né?! (Angélica, 83 anos).*

*Nem sei lhe dizer, acredita?, mas eu acho assim, que envelhecer é uma coisa que todo mundo se viver vai passar por isso, né?!, então é uma coisa que faz parte da vida e que a gente tem que gostar. Eu sei que a gente vai perdendo o equilíbrio, tudo, mas a alegria do coração não, não perde não, a alegria do coração e a fé em Deus não perde não. Eu sei que a carne envelhece, mas o coração e o espírito não envelhece não (Violeta, 82 anos).*

O significado de envelhecer como um processo natural e fase do ciclo natural da vida está presente na literatura, não sendo possível fugir desse ciclo (MASCARANO, 2004, p.9). Beauvoir (1990, p.124) identifica isso em seu livro “A velhice”, quando cita: “morrer prematuramente ou envelhecer: não existe outra alternativa”.

Assim Fraimam (2004), ressalta que a velhice faz parte do desenvolvimento humano integral e não representa simplesmente uma predestinação ao fim, mas sim o resultado dinâmico de um processo global de uma vida durante a qual o indivíduo se modifica incessantemente. Portanto, a velhice não deve ser pensada somente como um evento isolado, dissociado de experiências vividas ao longo da vida.

De acordo com Ramos (2008), o idoso é uma pessoa que passa por constantes transformações, metamorfose, mas que não deixa de ser ele mesmo (criança, adolescente, adulto, velho) em nenhuma fase do seu processo de envelhecimento. Corroborando com Ramos (2008), Bobbio (1997) coloca que não há dissociação entre a vida precedente e a velhice, pois esta é a continuação da adolescência, da juventude, da maturidade, que pode ser vivida de diversas maneiras. Essa conotação pode ser notada nos fragmentos das narrativas abaixo de Jasmim e Hortência:

*Envelhecer é quando você já passou a infância, passou o tempo adulto e agora chegou à velhice, né?! Chegou à velhice... (Jasmim, 80 anos).*

*Envelhecer é viver muitos anos, já fez o que queria, já brincou, casou, criou os filhos, quando tem filhos e chegou nessa altura (Hortência, 85 anos).*

Desse modo, percebe-se que os idosos longevos deste estudo compreendem o envelhecer como um processo normal do ciclo da vida. Além disso, entendem o mundo com os olhos de quem já viveu muitos anos e com um lastro de experiências boas e ruins guardado em sua memória, o que os permite, portanto, atribuir o valor exato de cada instante. A rememoração de suas trajetórias de vida, trabalho na roça, ida para a cidade, criação dos filhos, enfim todas as dificuldades em tempos anteriores, não impede a busca por uma velhice saudável, tranquila e alegre.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da identidade na velhice é complexa, pois essa é decorrente da identificação de suas características nos outros, a percepção da sua imagem criada pelos outros e a manifestação da sua própria imagem na sociedade (aparência e espírito jovem). Esses fatores implicam na necessidade de ressignificação da denominação “velho”, já que os preconceitos subjacentes a esse termo favorecem a negação da própria condição e o mascaramento da velhice. Além disso, a identidade construída para a velhice é transcendida para o plano espiritual e tida como um momento clímax de experiências, sabedoria e de tranquilidade, configurando assim, a melhor da fase do ciclo da vida para esses idosos.

A representação do envelhecimento é associada com as relações familiares como forma de avivamento moral e pertencimento, a desvinculação e a inquietação com a transformação de sua imagem, exaltação da juventude e busca por estilos de vida ativos e saudáveis como forma de sobrevivência e engajamento social do idoso. Ademais, as recordações dos idosos longevos demonstraram que por mais que seja um ato individual, as recordações se articulam em marcos sociais, que estão presentes na estruturação de suas identidades, ou seja, as memórias foram selecionadas a partir da importância dada aos fatos e acontecimentos pelos idosos longevos, permitindo-nos compreender suas identidades atuais.

Percebe-se nas narrativas dos idosos algumas diferenças na maneira de viver a experiência do envelhecimento e as percepções deste processo, em função do gênero. Assim, as recordações das mulheres foram feitas por referência ao grupo familiar e a perdas familiares, enquanto os homens foram feitas por referência ao posicionamento profissional.

Dessa forma, percebe-se que as memórias apresentadas pelos idosos são oriundas de um processo de seleção e reconstrução realizada pelo sujeito no presente, delimitadas pelas relações sociais estabelecidas durante toda a sua vida. Portanto, as memórias dos idosos são portadoras de referências sociais, que reforçam a sua identidade, existência e reconhecimento através das transformações vividas com a passagem do tempo.

Assim, a partir das memórias trazidas nas narrativas dos idosos longevos, percebe-se como as identidades de cada idoso longevo foi sendo construída e se metamorfoseando no processo do envelhecimento, sendo a memória familiar imprescindível para a reconstituição do passado e construção de suas identidades.

Espera-se que as conclusões deste estudo sobre as memórias dos idosos e de suas respectivas identidades sejam consideradas, juntamente com os já conhecidos fatores

biológicos, na implantação de políticas públicas, na humanização da assistência e nas ações de promoção e cuidados nas diversas áreas profissionais, baseados especialmente no respeito as suas histórias de vida, experiências, sabedoria e, sobretudo no seu protagonismo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A. M. **Sobre a Anamorfose: identidade e emancipação na velhice.** 2005. 251f. Tese (doutorado em Psicologia social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ANDRADE, L. M. **Percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o viver/envelhecer cidadão.** 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado em enfermagem) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2012.
- ARGIMON, I. I. L. et al. Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas. **Revista Kairós Gerontologia**, v.14, n.4, p.79-99, 2011.
- ÁVILA, A. H.; GUERRA, M. Se o velho é outro, quem sou eu? A Construção da Autoimagem na velhice. **Revista Pensamento Psicológico**, v.3, n.8, p.7-18, 2007.
- BALDIN, C. B.; FORTES, V. L. F. Viuvez feminina: a fala de um grupo de idosas. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v.5, n.1, p.43-54, 2008.
- BANDEIRA, M. S. M. D. **Narrativas de envelhecimento a partir dos sentidos atribuídos por atletas olímpicos.** 2012. 432f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2012.
- BARCELLOS, J. A. S. Territórios do cotidiano: introdução a uma abordagem teórico contemporânea. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org.) **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1995. p. 40-8.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Lisboa. Edições 70, 2011.
- BARROS, M. M. L. Memória e família. **Revista Estudo Históricas**, v.2, n.3, p. 29-42, 1989.
- BARROS, M. M. L. testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed., 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 113-68.
- BEAUVOIR, S. **A velhice.** 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENJAMIN, W. **Magia e arte, técnica e ciência.** São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERGER, P. L., BERGER, B. O que é uma instituição social? In: FORACCHI, M. M., MARTINS, J. S. (Orgs.). **Sociologia e sociedade.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p.193-9.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 24. ed. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BILA, M. N. S. **O resgate da memória em hasta no verte Jesús Mio: Hibridismo e Identidade.** 2008. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BIOLCHI, C. S.; PORTELLA, M. R.; COLUSSI, E. L. Vida e velhice aos 100 anos de idade: Percepções nas falas dos idosos. **Revista Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v.19, n.2, p.583-98, 2014.

BIRMAN, J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, R. (Org.). **Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 1995. p.29-48.

BLESSMANN, E. J. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Revista Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v.6, p.21-39, 2004.

BOBBIO, N. **O tempo da memória** – de senectute e outros escritos autobiográficos. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 5. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

BOSI, E. **Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**. 3. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

BRANDÃO, V. M. A. T. A Memória Autobiográfica – reflexões. In: CORTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (Orgs.). **Velhice, Envelhecimento e Complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005. p.155-82.

BRANDÃO, V. M. A. T.; MERCADANTE, E. F. **Envelhecimento ou Longevidade?** (Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano). São Paulo: Paulus, 2009.

BRANDÃO, V. M. A. T., et al. Gerontologia: Estado da arte. **Revista Kairós Gerontologia**, v.12, n(Especial), p.100-26, 2009.

BRASIL. **Política Nacional do Idoso: Lei n°.8842**, de 4 de janeiro de 1994. Brasília: Senado Federal, 1994.

BRASIL. **Estatuto do idoso: Lei n° 10.741**, de 1° de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, 2003.

BRASIL. Resolução CNS N° 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 13 jun. 2013.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Projeção da população do Brasil por sexo e idade, 1980-2050: revisão 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2008/projecao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/projecao.pdf). Acesso em: 27 jan. 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Sinopse do censo demográfico 2010**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default\\_sinopse.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_sinopse.shtm). Acesso em: 21 dez. 2013.

BRASIL. Secretaria Municipal de Saúde de Vitória da Conquista. **Informações do Sistema de Informação da Atenção Básica-SIAB**. 2014.

BRASIL. Departamento de informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). **Informações de saúde**. 2015. Disponível em <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=01>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

BRASIL. Ministério da saúde. 2015. **PET-saúde**. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/sgtes/sgtes-gestao-da-educacao/pet-saude>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CAIXETA, J. E. **Guardiães da memória**: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos. 2006. 224f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília. Brasília, Brasília, 2006.

CALDAS, C. P.; THOMAZ, A. F. A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. **Revista Kairós Gerontologia**, v.13, n.2, p.75-89, 2010.

CAVALCANTI, R. **O casamento do sol com a lua**. São Paulo: Cultrix, 1993.

CAMPEDELLI, M. A. **A identidade do velho no mundo contemporâneo**. 2009. 237f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CASSANA, M. F. **Páginas de vida**: a discursivização do passado na narrativa do sujeito idoso. 2011. 135f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2011.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense. 2006. p.58-75.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina**: Um ensaio de psicologia social. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.

CHRISTENSEN, K. et al. Ageing population: the challenges ahead. **Lancet**, v.374, n.9696, p.1196-1208, 2010.

CUNHA, T. R. A.; ALVES, A. E. S. Educação e violência nas relações de gênero: reflexos na família, no casamento, e na mulher. **Em Aberto**, v.27, n.92, p.69-88, 2014.

D'AQUINO, N. **No bico do corvo**: nove narrativas de velhos: corpo e voz. 2004. 135f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

DEBERT, G. G. O velho na propaganda. **Cadernos Pagu**, n.21, p. 133-155, 2003.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: USP/FAPESP, 2004.

DELGADO, L. A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEL PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005

DIAS, M. S. A. et al. Intersetorialidade e Estratégia Saúde da Família: tudo ou quase nada a ver?. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v.19, p.4371-82, 2014.

DIAS, M. A. N. Um olhar sobre a velhice em “sangue da avó manchando a alcatifa” de mia couto. In: V ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E ENSINO, 2014, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize eventos científicos e Editora, 2014. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_09\\_06\\_2014\\_16\\_17\\_45\\_idinscrito\\_892\\_9342df0289e81767a18b979ebff59af.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_09_06_2014_16_17_45_idinscrito_892_9342df0289e81767a18b979ebff59af.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2015.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Caderno de Pesquisa**, n.139, p.139-54, 2002.

DUFOUR, D. R. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FALEIROS, V. P.; LOUREIRO, A. M. L. **Desafios do envelhecimento**: vez, sentido e voz. Brasília: Editora Universa, 2006.

FÉLIX, L. O. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

FERNANDES, M. G. M.; LOUREIRO, L. S.N. Memória e história oral: a arte de recriar o passado de idosos. **A Terceira Idade**, v.20, n.45, p.53-66, 2009.

FERRARI, M. A. C. Idosos muito idosos: reflexões e tendências. In: PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. **Bioética e Longevidade Humana**. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Edições Loyola, 2006. p. 423-44.

FERREIRA, M. L. M. Memória e Velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, M. L. M. (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed., 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: FGV. 2013. p. 207-22.

FERRETO, L. E. Representação social no envelhecimento humano. In: MALAGUTTI, W.; BERGO, A. M. A. (Orgs.). **Abordagem interdisciplinar do idoso**. Rio de Janeiro: Rubio. 2010. p.23-36.

FIRMINO, H. **Psicogeriatrics**. Coimbra: Psiquiatria Clínica, 2006.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artemed, 2009.

FONSECA, A. **O envelhecimento**: uma abordagem psicológica. 2. ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, v.24, n.1, p.17-27, 2008.

FRAIMAN, A. P. **Coisas da Idade**. São Paulo: Alexa Cultural, 2004.

FREITAS, M. C.; QUEIROZ, T. A.; SOUSA, J. A. V. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Revista escola de enfermagem USP**, v. 44, n. 2, p. 407-12, 2010.

FREITAS, S. M. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FRUMI, C.; CELICH, K. L. S. O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v.3, n.2, p. 92-100, 2006.

GIDDENS, A. Cultura e Sociedade. In \_\_\_\_\_. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009. p.37-58.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GOLDENBERG, M. **O Corpo como Capital**: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Rubí; Concepción; Caracas: Anthropos; Universidad de Concepción; Universidad Central de Venezuela, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. **Memórias de morte e outras memórias**: Lembranças de velhos. 2008. 284 f. Tese (Doutorado em sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

IZQUIERDO, I. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

JACQUES, M. G. Identidade. In: JACQUES, M. G. C. et al. (Orgs). **Psicologia Social Contemporânea**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p.159-67.

KESSEL, Z. Lembrar, contar, compartilhar: a memória como caminho para o diálogo intergeracional. **A Terceira Idade**, v.15, n.30, p.52-63, 2004.

KIMURA, A. F. A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v.31, n.2, p.339-43, 1997.

LACAPRA, D. **Escribir la historia, escribir el trauma**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

LIMA, G. A. C. **Vivendo a terceira idade em Vitória da conquista**: um estudo de caso a cerca do impacto do programa da terceira idade da prefeitura municipal de vitória da Conquista. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

MACÊDO, M. D. L. **Resistência cultural de estudantes negros da roça, nas escolas públicas de Santa Bárbara-BA**. 2011. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação e contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

MADUREIRA, C. S. **O ator e o autor**: Falas e escritas em narrativas autobiográficas de um informante. 2004. 210f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MARCELJA, K. G. **A beleza como passaporte intergeracional**. 2012. 139f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARCUS, M. T; LIEHR, P. R. Abordagens de Pesquisa Qualitativa. In: LO BIONDO-WOOD, G. E; HABER, J. (orgs). **Pesquisa em enfermagem**: Métodos, avaliação crítica e utilização. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

MASCARO, S.A. **O que é a velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MATOS, P. R. M. A. Ser-se mais do que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um lar. In: CONGRESSO LUSO – AFRO – BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2004, Coimbra. **Anais**, Coimbra, 2004. p.1-22. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel64/PATriciaMatos.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: edições Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral**: Como fazer, Como pensar. 2 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MELCA, F. M. A. **Ser uma avó cuidadora**: um estudo de casos. 2013. 186f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MENDES, M. R. S. S. et al. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Revista Acta paulista de enfermagem**, v.18, n.4, p.422-26, 2005.

MENEZES, K. M. G. **Corpos velhos e a beleza do crepúsculo**: um debate sobre os (re) significados da corporeidade na velhice. 2012. 170f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e sociedade) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

MERCADANTE, E.F. “Velhice: uma questão complexa”. In: CORTE, B.; MERCADANTE, E. F. e ARCURI, I. (Orgs). **Velhice, envelhecimento, complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005. p.23-34.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Revista Psicologia USP**, v.18, n.1, p.59-79, 2008.

MOTTA, A. B. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO C. E. (Org.). **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 109-44.

NASCIMENTO, A. J. R.; RABELO, F.C. Memória e envelhecimento: Narrativas sobre questões de gênero e do mundo do trabalho. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, p. 333-42, 2008.

NASCENTES, C. Memória, velhice e pesquisa. **A Terceira Idade**, v.15, n.29, p. 68-79, 2004.

NERI, A. L. **Palavras-chave em Gerontologia**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2014.

NEVES, L. A. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História Oral**, n. 3, p.109-116, 2000.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, K. P.; AGUIAR, T. M. S. Um olhar sobre o novo idoso brasileiro frente ao estigma em torno do envelhecimento e a atuação do assistente social no centro de referência da felicidade. **Seminário Integrado**, v.8, n.8, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS: **Envelhecimento ativo: Uma política de saúde**. Tradução: Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PAIVA, W. C. **Os sentidos do envelhecer: Memórias e Identidades de Idosas**. 2011. 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2011.

PAPALÉO NETTO, M. O estudo da velhice no séc. XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. V. et al. (Orgs) **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002. p.2-12.

PAULINO, L. F. **Representações sociais de velhice, cegueira e direitos sociais em Instituições especializadas em deficiência visual**. 2007. 255 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M. L. M. **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 4. ed., 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: FGV. 2013, p.69-84.

PEREIRA, C.; PENALVA, G. Mulher-Madona e outras mulheres: um estudo antropológico sobre a juventude aos 50 anos. In: GOLDENBERG, M. **Corpo Envelhecimento e Felicidade**. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira. 2011, p. 135-37.

- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Histórico**, v.2, n.3, p.3-15, 1989.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, p.200-12, 1992.
- POLIT, D. F.; BECK, C. T. HUNGLER, B. P. Compreensão do delineamento da pesquisa qualitativa. In:\_\_\_\_\_. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed; 2004. p.199-221.
- QUEIROZ, M.I.P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- QRS INTERNATIONAL. **NVivo 10 for Windows - Getting Started Guide**. Doncaster, AUS: QSR International Pty Ltd, 2013. Disponível em: < [www.qsrinternational.com](http://www.qsrinternational.com) >. Acesso em: 02/07/2015.
- RAMOS, V. **Velhos e velhas conquistam espaços nas universidades de São Paulo: Política, sociabilidade e educação**. 2008. 254f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ROSA, A. et. al. Representaciones del pasado, cultura personal e identidade nacional. In:\_\_\_\_\_. **Memoria colectiva e identidade nacional**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2000. p.41-87.
- ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ROSA, C. S. **A velhice na cultura ocidental: considerações sobre a experiência contemporânea de envelhecer**. 2014. 45f. Trabalho de Conclusão de curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Ijuí, 2014.
- RUBIN, R. **Maternal identity and the maternal experience**. New York, Springer, 1984.
- SAD, I. Revisão de vida, autoconhecimento e auto-aceitação: tarefas da maturidade. In: NÉRI, A. L. **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papirus, 2001. p.161-76.
- SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v.4, p.7-19, 2002.
- SANTOS, M. S. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.13, n.38, p.1-16, 1998.
- SANTOS, M. S. História e memória: o caso do Ferrugem. **Revista Brasileira de História**, v.23, n.46, p. 271-95, 2003.

SANTOS, A. L. P. **Educação-Cuidado de si**: Representações Sociais de Idosos Amazônidas Participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade. 2011. 208f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.

SAUR-AMARAL, I. **Curso completo de NVivo 10**: Como tirar maior proveito do software para a sua investigação. Madri: Bubok Publishing S.L., 2012.

SCHOLZE, L. **Narrativas de si**: o olhar feminino nas histórias de trabalho. 2005. 181f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SCHONS, C. R.; GRIGOLETTO, E. Escrita de si, memória e alteridade: uma análise em contraponto. In: **Anais da I Jornada Internacional de Estudos do Discurso**. Maringá: Universidade Estadual do Maringá, 2008. p. 407-418. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/ESCRITA%20DE%20SI%20schons%20e%20grigoletto.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, mídia e consumo**, v.9, n.26, p.83-114, 2013.

SILVA, M. E. V. **Se fosse tudo bem, a velhice era boa de enfrentar! Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice**: um estudo no Norte de Portugal. 2006. 227f. Tese (Doutorado em sociologia) - Universidade Abert, Lisboa, 2006.

SILVA, M. K. Uma introdução à história oral. In: NEVES, C. E. B.; CORRÊA, M. B. (Org.). **Pesquisa social empírica**: métodos e técnicas. Porto Alegre: UFRGS, 1998, p.115-42.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde**, v.15, n.1, p.155-68, 2008.

SILVA SOBRINHO, H. F. A negação da velhice: uma discursividade ancorada na memória. **Estudos Linguísticos**, v.34, n (esp), p.241-6, 2005.

SILVA, G. C. D. **A compreensão do conceito de qualidade de vida para os idosos em situação asilar**. 2010. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, 2010.

SILVA, A. R. et al., Memória e identidade coletiva em uma região de monocultura de eucalipto. **Revista Kaleidoscópio**, v.3, p.19-35, 2012.

SILVA, I. L. O.; PEREIRA, G. A. C.; MAPURUNGA, G. M. P. Pau de Arara e o vai e vêm das romarias: um estudo etnográfico do transporte no município de Canindé – Ceará. **Cenário**, v.2, n.2, p.103-20, 2014.

SIMÕES, R. Ciência e consciência: tatuagens no corpo idoso. In: MOREIRA, W. W. (org.) **Corpo Presente**. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 111-36.

SIQUEIRA, R. L.; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciência Saúde Coletiva**, v.7, n.4, p.899-906, 2002.

SOUZA, E. M. Reminiscências: o papel social das lembranças. **Gerontologia**, v. 7, n. 2, p. 28-31, 1999.

SOUZA, M. J. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, v.16, n.1, p.91-116, 2014.

TEDESCO, J. C. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TELLES, S. C. C. **A construção do campo do conhecimento sobre as atividades físicas para idosos no Brasil**. 2008. 197f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2008.

TORRES, E. M. **A viuvez na vida dos idosos**. 2006. 160 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

TOURTIER-BONAZZI, C. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 233-45.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetivos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, v.39, n. 3, p. 507-14, 2005.

UNITED NATIONS. **World Population Ageing**. New York: Population Division; DESA, 2009.

VIEGAS, S.; GOMES, C. **A identidade na velhice**. Porto: Editora Âmbar, 2007.

VIEIRA, R. A escola como espaço/tempo de negociação de identidades e diferenças. **Revistas Série-Estudos**, n.3, p.35-54, 2011.

VITÓRIA DA CONQUISTA. **Prefeitura municipal de Vitória da Conquista. História**. Disponível em: < <http://www.pmvc.ba.gov.br/v2/historia/> >. Acesso em: 18 abr 2015.

WILLIG, M. H. **As histórias de vida dos idosos longevos de uma comunidade**: o elo entre o passado e o presente. 2012. 158 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

YÚDICE, G. Testimonio y concientización. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, n.36, p.211-32, 1992.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: Questionário de caracterização sociodemográfica

1. Nome: \_\_\_\_\_ Entrevista: \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Sexo: \_\_\_\_\_

4. Etnia: \_\_\_\_\_

5. Naturalidade: \_\_\_\_\_

6. Local de residência: \_\_\_\_\_

7. Estado Civil: \_\_\_\_\_

8. Números de Filhos: \_\_\_\_\_

9. Reside com: \_\_\_\_\_

10. Escolaridade: \_\_\_\_\_

11. Qual era sua profissão: \_\_\_\_\_

12. É aposentado (a)? : \_\_\_\_\_

13. Renda:

Menos de 1 salário

De 1 a 2 salários

De 2 a 3 salários

De 3 a 4 salários

De 4 a 5 salários

Mais de 5 salários

14. Religião: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B:** Roteiro de entrevista

1. O que é a velhice/envelhecer?;
2. O que é ser velho para o senhor (a)?;
3. O que mudou em sua vida após a velhice?;
4. Como é a sua vida hoje?;
5. Como o senhor (a) se vê hoje sendo idoso/ Como o Senhor(a) se enxerga?;
6. Como o senhor (a) acha que sua família e as demais pessoas lhe enxergam?;
7. O que marcou sua vida durante o envelhecimento?.

## APÊNDICE C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012, sendo o Conselho Nacional de Saúde.

O presente termo em atendimento à Resolução 466/12, destina-se a esclarecer ao participante da pesquisa intitulada “**Narrativas Sobre o Envelhecer: Memória, vivência e Identidade**”, sob responsabilidade dos pesquisadores **Maykon dos Santos Marinho e Luciana Araújo dos Reis**, do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade-PPGMLS/UESB, sob os seguintes aspectos:

**Objetivos:** Compreender como a memória contribui para a construção da identidade de idosos longevos. E como objetivos específicos: desvelar o significado de envelhecer para os idosos longevos; identificar os marcos ou quadros sociais que interferem na construção da identidade dos idosos longevos e descrever como o idoso longevo representa o seu processo de envelhecimento e, a partir daí, constrói sua identidade.

**Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, com uma abordagem da pesquisa qualitativa e que será realizada com idosos acima de idade de 80 anos usuários de uma Unidade de Saúde da Família de Vitória da Conquista/BA. Para coleta de dados serão utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: um formulário semiestruturado com questões de caracterização dos idosos que serão colhidas a partir das fichas dos usuários; um Roteiro temático que será composto por 7 questões norteadoras para entrevista em profundidade (sentido do discurso). Os dados serão obtidos através da gravação, as entrevistas serão transcritas, lidas, separadas, respeitando-se a singularidade de cada sujeito.

**Justificativa e Relevância:** faz-se necessário a realização de estudos de campo com o intuito de compreender o significado do envelhecimento, a partir das memórias dos idosos, pois talvez seja um caminho para entender o significado real da “velhice” e desta forma, será possível que os profissionais de saúde, cuidadores de idosos, familiares planejem estratégias fundamentadas na realidade e, conseqüentemente, proporcionem a manutenção da autonomia e a independência funcional do idoso, oferecendo-o melhor qualidade de vida.

**Participação:** Os sujeitos participarão do estudo por meio da verbalização de suas percepções e experiências no que diz respeito ao envelhecimento, suas histórias de vida, vivências. Os relatos obtidos por meio das entrevistas que serão gravadas e posteriormente analisadas.

**Desconfortos e riscos:** De acordo com a Resolução 466/2012, toda pesquisa envolvendo seres humanos pode causar riscos e/ou desconfortos. Porém esse estudo será realizado de maneira que os desconfortos sejam minimizados, desse modo, os encontros com os idosos serão previamente agendados com os participantes.

**Confidencialidade do estudo:** O estudo terá a confidencialidade dos participantes mantida sendo que serão atribuídos nomes fictícios aos participantes.

**Benefícios:** Espera-se que a realização desse estudo denuncie o equívoco do trabalho isolado de muitos profissionais da saúde que não recorrem a ciências humanas e sociais como meio de compreensão da subjetividade que circunda o processo de envelhecimento.

**Dano advindo da pesquisa:** A pesquisa não resultará em qualquer tipo de dano.

**Garantia de esclarecimento:** Caso necessário, os sujeitos da pesquisa obterão acesso a informações adicionais a qualquer momento da pesquisa podendo entrar em contato com o discente e orientador responsável pelo estudo quando acharem pertinente.

**Participação Voluntária:** A participação dos sujeitos da pesquisa no projeto é voluntária e livre de qualquer forma de remuneração e o mesmo pode retirar seu consentimento em participar da pesquisa a qualquer momento.

**Consentimento para participação:** Eu estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional que eu venha solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique em qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados

referentes a minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico.

Eu, \_\_\_\_\_, aceito livremente participar do estudo intitulado “Narrativas Sobre o Envelhecer: Memória, vivência e Identidade”, desenvolvido pelo mestrando Maykon dos Santos Marinho, sob a responsabilidade da Professora Dr<sup>a</sup> Luciana Araújo dos Reis do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade-PPGMLS/UESB.

---

Assinatura do Participante

### **COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Eu discuti as questões acima apresentadas com cada participante do estudo. É minha opinião que cada indivíduo entenda os riscos, benefícios e obrigações relacionadas a esta pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Vitória da Conquista, Data: \_\_/\_\_/\_\_

Assinatura do Pesquisador

Para maiores informações, pode entrar em contato com:

Luciana Araújo dos Reis. Fone: (77) 91427894

Maykon dos Santos Marinho: (77) 91058526

## **APÊNDICE D:** Narrativas do idosos longevos

### **Entrevista: Margarida**

#### **O que é a velhice/envelhecer?**

Olha, para mim a velhice é algo maravilhoso, porque se você envelheceu é porque você não morreu moço, e se você envelhece com a mente saudável, assim... Quer dizer, pra mim a velhice é maravilhosa, eu não me considero velha, eu acho que sou idosa sabe?! (risos), eu sou uma idosa!!!, mas uma idosa bem esclarecida, do pouco estudo que eu tenho mas eu sei um tanto de coisa, que minha filha estudou muito e meus filhos também, e através deles eu fui ficando mais orientada, tendo mais um saber, um pouco de sabedoria, inteligência, porque eles são muitos inteligentes, e eu sempre perguntava a eles, “o que eu posso fazer para isso?”, e eles respondiam ahh mãe a senhora faz isso, faz aquilo”, e assim eu fui ficando esclarecida, eu não me considero velha, eu me considero uma idosa!, (risos), uma idosa que dá para o der e vier.

#### **Para a senhora quando começa a velhice?**

Olha, eu acho que quando começa a velhice Maykon, é quando a pessoa não quer mais saber de nada, quer ficar encostada num canto, que não pode ir ali porque fala “ahh eu não posso andar, eu não posso fazer isso porque não aguento fazer isso”, aí a pessoa já pode se considerar velho, mas eu acho que não tô assim não (risada), eu não tô assim não, eu vou ali, resolvo qualquer problema de banco, eu vou na prefeitura, eu vou em qualquer lugar, eu sei resolver tudo, eu já saí daqui numa viagem terrível para São Paulo para resolver uns problemas lá, e é assim, eu resolvo qualquer coisa, então eu acho que a velhice não chegou pra mim não, eu sou idosa viu Maykon (risada), eu sou idosa!! Eu acho que a velhice ainda tá... deixa ela pra lá... não que eu não queria ser velha, mas eu acho que se a pessoa ficou velha é porque não morreu moço, eu me considero uma idosa, uma idosa que é bem danada, faz tudo, olha eu bordo, faço crochê, eu bordo coisas para as minhas netas e tudo na mão, tudo bem feito, tudo muito bonito... bordo fronha, bordo isso bordo aquilo, bordei um enxovalzinho para minha neta que ganhou neném, e deu pra ela quando ela foi casar (risos), quer dizer... eu não me considero velho, eu sou uma idosa, sou uma idosa da cabeça bem esclarecida (risos).

#### **O que é ser velho para a senhora?**

É uma pessoa que não quer saber de nada... “ahh sei o que lá... eu não posso comer isso, eu não posso ir ali porque eu não aguento, reclama de tudo, nada tá bom, quando ver uma pessoa jovem diz que esse menino é assim...”, aí a pessoa já tá velha, sai pra lá, que você tá velho, isso aí é ser velho, que nada tá bom e que o mundo acabou, mas pra mim não, pra mim o mundo tá começando agora (risada).

#### **O que mudou na vida da senhora depois da velhice?**

Pouca coisa viu Maykon, porque eu continuo ativa, eu continuo fazendo as coisas, eu viajo sozinha, quando eu vou daqui para São Paulo, quando eu chego lá, o meu filho que mora em Ribeirão Preto liga e fala “mão tem como a senhora vim pra cá esse final de semana?” Aí a Rô fala assim: “ahh mão fala com ele se ele não pode vim buscar a senhora aqui?” Eu falo que não precisa, eu pego a viação cometa aqui e vou e falo “ohh me espera na rodoviária tal hora que eu chegou lá”... eu pego dez horas da noite e amanheço o dia lá; então eu acho que eu não tô velha, eu tô bem lúcida, e a velhice tá custando a chegar pra mim (risos) tá custando a chegar pra mim, porque pense... se ele falar vem aqui... minha filha teve um problema de

saúde lá e aí o meu neto Rafael me ligou e disse “ai vó, minha mãe tá internada, ela deu uma crise de rins e tá internada, a gente tá muito preocupado com a minha mãe”; menino... eu falei tá bom! Joguei umas roupas dentro da mala, peguei um taxi fui na rodoviária, comprei a passagem e amanheci o dia lá, eu acho que velho não faz isso, velho tem que ter alguém para ir junto, velho não vai ali, tem gente que tem menos idade que eu e anda capegando aí, tem que pegar na mão pra tudo e tal... e eu não ... eu espero o farol abrir pra eu passar, se tá vermelho eu passo se não tá eu não passo, porque eu conheço muito sinalização, em São Paulo onde eu vivi a minha vida inteira eu conheço, eu não passo sem ser na faixa, então quer dizer... eu não tô velha ainda não vi Maykon, eu tô idosa, como eu já te falei eu tô idosa.

### **Como é a vida da senhora hoje?**

Boa! Minha vida é boa, porque eu não sou doente, não tenho problema, não sou hipertensa, não tenho problema, minha doença mesmo sabe o que? É artrose, porque eu trabalhei muito em São Paulo, então o reumatismo vai dando, mas isso aí vai dando pra passar, como eu te falei, eu vou na academia, eu faço caminhada, eu vou no médico a cada seis meses, eu tomo a medicação para os ossos, tudo que é medicação pra o ossos eu tomo, não faço certas extravagâncias, não bebo não fumo, por isso que eu cheguei até aqui, porque se eu sou daquelas da noitada, tem umas mulheres mais novas do que eu que tá derrubada, fuma muito, bebe muito, perde noite então isso para mim... eu acho que não tô velha, eu tô idosa vi Maykon, você pode botar aí Idoso! Minha cabeça tá mais do que boa.

### **Como tá sendo o processo de envelhecimento para a senhora?**

Muito boa. A gente vai passeia, as pessoas convidam a gente para casamento, convida a gente para aniversário, as pessoas dizem “ahh não, vocês dois não podem faltar, a gente vai esperar vocês dois lá e tal”, na época de festas juninas a gente viaja, vai pra esses lugares aí que tem forró bodó, a gente vai e tudo... quer dizer! A minha via social não abalou com a minha idade, olha a velhice não vai chegar pra mim agora não, eu sou idosa! Mas a velhice por enquanto não veio não, aí as vezes que falo “vixeee, tô velha, quando eu esqueço alguma coisa, tô caducando” aí minhas filhas falam “que nada mãe eu também esqueço, a senhora não tá caducando não, a senhora tá mais lúcida do que eu” ela fala desse jeito, mas pra mim a velhice tá chegando ou já chegou e eu não sei, eu não vejo diferença, porque eu continuo na atividade, continuo, se você falar assim “dona Ivone eu gostaria que a senhora isso aqui para mim lá no centro da cidade, ou no Alto Maron ou lá do outro lado, é pra já! Porque quem é velho não faz isso, quem é velho diz “Ah Deus me livre, eu não vou nesse lugar não, ai credo eu não vou”, eu to lá em São Paulo meus filhos falam “mãe vem pra Ribeirão” e eu vou, “mãe vamos pra Guaxupé?”, eu vou, é o lugar que o sogro dele mora lá, vixeee, eu adoro lá... e quando passa na novale Guaxupé eu digo “esse lugar aí eu conheço. Então eu acho Maykon, que eu estou vivendo uma das melhores fases da minha vida, porque na juventude eu trabalhei muito e não tive nem tempo de viver, porque para criar quatro filhos naquela São Paulo... Eu tive que trabalhar muito em casas de família para formar minha filha, eu coloquei ela na melhor escola de inglês de São Paulo, porque ela é secretária bilíngue, eu coloquei ela na cultura inglesa, uma das melhores escolas de São Paulo, era supercara, e eu trabalhava para manter ela naquela escola, também num colégio de freiras lá em São Paulo e eu também paguei, do meio pro fim quando foi ficando meio pesado eu pedi para a madre superiora para ela dividir, eu levei meu olerite, falei pra ela que pagava aluguel, e ela falou assim “você vai pagar só meia bolsa”, e ela se formou nesse colégio, com meia bolsa, naquela época tudo era muito difícil, mas eu te digo uma coisa vi Maykon, valeu a pena o sacrifício, hoje minha filha é secretária de um empresa muito grande, importante de São Paulo, quer dizer! Pra mim... eu cheguei na velhice numa boa, pode apostar que eu estou numa boa, numa boa mesmo. Eu me sinto bem, né?! Me sinto bem, porque eu tenho muito que agradecer a Deus,

porque eu já tô com meus oitentas anos e estou vivendo bem, com saúde. Eu só tenho artrose, não sou hipertensa, não tenho essa doença... como é que se chama? Essa doença diabetes, essas doenças que o idoso tem não tenho nada disso sabia?! Eu como açúcar, as vezes eu tomo adoçante para manter a linha, para não ficar gordo, aí as meninas morrem de rir “ahh ela é esperta, né?!”, eu digo “não”... quando eu tô começando a ficar meio gordinha eu coloco o pé na estrada para emagrecer, porque eu tenho medo de ficar gorda e ficar mole, aquelas velhonas bem gordas, patinhando, igual aquelas velhas gordas de São Paulo, ave maria, as mulheres andam patinhando assim de tão mole que é, Deus é pai! Então, eu fecho a boca, não é tudo que eu como, eu como pouca carne, porque a carne, o médico fala né?! Porque a carne vermelha ataca muitos o negócio dos ossos, essas coisas, pois eu prefiro mais a carne branca, e como eu te falei, não bebe, não fumo. Eu tenho umas amigas mais novas do que eu que tão derrubadas, fumaram muito, beberam muito, perderam noite, então isso para mim... eu acho que elas estão velhas, eu não tô velha, eu tô idosa viu Maykon.

### **Como é o relacionamento da senhora com a sua família?**

Muito boa, pena que eu vim morar aqui, meu filhos falam “ahh mãe”, agora no dia das mães mesmo eles ficaram “ahh mãe, a senhora podia tá aqui, a gente vai pro restaurante sem a senhora”, aí eu falei “você vai lá que eu vou aqui”, aí é assim, todos os dias eles me ligam, minha filha, meu filho lá de Ribeirão Preto, o outro que tá aqui vem aqui, mas ele me liga todo dia, quer dizer, minha vida com a minha família é maravilhosa, tenho uma irmã que mora ali... ela também é idosa, mas ela é muito esperta, ela tem 81 anos e que nem eu, ela borda, faz tudo, vixee é pior do que, é elétrica a velhinha, mas e tenho um relacionamento bom com todos, ontem mesmo eu fui visitar um primo meu que mora ali na Villa Serra, ela morava em Jequié, ela tá com problema de câncer, e eu fui lá levar umas coisas pra ele e tal. Meu relacionamento com a minha família é muito bom, eu tenho minhas tias que são bem velhinhas que moram na Arcelino de Freitas e eu visito também, tem meu irmão que mora na Raul Ferraz e eu visito também ele quase não sai de casa aí eu falo “ohh, já que Maomé não vai até a montanha, a montanha vem até Maomé” eles dão rizada, ela fala “ahhh, tava faltando você aqui, porque você alegre essa casa, quando eu chegou lá você precisa ver, então eu tenho um relacionamento muito bom.

### **Como a senhora se vê hoje sendo idosa? Como a senhora se enxerga no espelho?;**

Linda e maravilhosa!!! Linda e maravilhosa, me cuido faço academia, me arrumo, vou na cabelereira, arrumo meus cabelos... meu cabelo é bem grandão, gosto de me arrumar, vixe maria, passou batom, nossa... eu me sinto linda, eu me sinto linda e maravilhosa. Pense numa idosa assim, super feliz, eu sou, eu não tenho doença nenhuma, artrose a gente vai se virando, faz exercícios (risos), portanto, eu não tenho do que me queixar, depois que eu cheguei aqui na Bahia, com uns quatro anos que eu tava aqui eu conheci esse senhor que é viúvo também, a gente já tá junto a um tempão, e a gente se dá super bem, viaja, a gente sai, vai para o country Club, para o Clube social quando existia, então eu não posso me queixar, a vida tá boa, como de tudo e nada me faz mal.

### **Como a senhora acha que as outras pessoas e até mesmo a sua família lhe enxergam?**

Nossa, eles acham que eu sou uma deusa, eles acham que tudo eu tenho que resolver, qualquer coisa... quando é minha sobrinha ela fala “ah tia, eu estou precisando de você!”, eu tenho uma sobrinha que ela mora lá perto daquelas casinhas do shopping ali, do outro lado, tem dias que ela fala “tia”, ela é professora universitária, e ela dá aula na universidade, a Cláudia, aí ela fala assim, “ah tia eu tô precisando tanto de você, você me bota tão pra frente”, aí eu digo, “ai menina, você é tão nova, porque está acontecendo isso?”, ela fala, “ai tia, eu tô precisando da senhora!”, eu vou lá vejo ela, ela comprou um carro novo da Chevrolet e me

chamou pra eu ir lá ver “ah tia, vem cá para a senhora ver”, e eu fui, e é sempre assim, eles sempre me procuram, a minha irmã fala assim “ai mana, hoje eu estou tão pra baixo, quando você vem aqui?”, eu falo, “eu vou aí para levantar seu alto-astral”, quer dizer sou uma pessoa que pra tudo eles me procura, me procura pra uma coisa, me procura pra outra, e da melhor maneira possível eu vou servindo, meu primo que tá com câncer, a mulher dele fala assim “Ahh só você mesmo!”, aí ontem ela me ligou e disse que ela tava com a pressão alta, eu fiz um suco de pepino aqui na centrífuga e coloquei na canequinha e fui lá, levei pra ele, levei o aparelho pra medir a pressão dele, cheguei lá ele tomou eu disse pra ele ficar sentadinho que daqui a pouco sua pressão abaixa, e não deu outra, quando eu coloquei o aparelho a pressão deu doze por oito, ele disse “ahh mais você é de mais, você levanta o astral de qualquer um!”, (risos), então é assim que a pessoas me veem, e sempre me procuram, pessoas estranhas mesmo, essa Eurides mesmo, ela fala “ahh, dona Ivone, quando a gente conversa com a senhora a gente fica com o astral lá em cima!”, e eu digo “que bom”, isso é muito bom, fala a verdade!, isso não é bom?!, muito bom, porque tem gente, bem mais nova do que eu que se entrega, tem gente que diz “ahh, hoje eu tô morrendo de dor de cabeça!”, eu só sei que eu tenho cabeça porque ela está grudada no meu pescoço, Deus me livra! Eu só sei que eu não estou me sentindo velha, esse é o ponto final, eu não estou me sentindo velha.

### **O que mais marcou a sua velhice?**

Olha o que mais marcou a minha vida, foi quando eu me separei do pai dos meus filhos, que Deus o tenha porque ele já foi embora, que eu fiquei com quatro filhos, ainda jovens, que não tinha profissão, que não sabia o que era trabalho, ele era muito rico e a gente tinha de tudo. No início eu parecia um peixe fora d’água, eu não sabia o que era trabalho, eu não sabia o que era nada. Mas foi aí que eu amadureci muito, eu tive muita coragem de tomar a decisão e me separar, dar uma basta no meu sofrimento. Eu me valorizei naquele momento, e com isso eu acho que ganhei respeito da minha família, dos meus amigos. Passei a ser mais independente, foi uma reconstrução, um processo longo e complicado, porque deixa de ser dois, e assim eu pude me conhecer melhor, conheci uma outra pessoa aqui dentro de mim, comecei a reconhecer as coisas boas que tenho sem precisar dos outros mais segurança em mim, então isso aí foi uma coisa que me marcou muito, a separação né?! Mas eu consegui superar muito bem.

### **Entrevista: Camélia**

#### **O que é a velhice/envelhecer?**

A velhice pra mim é... é o seguinte... tem muitas pessoas que não querem ser velho não é?!, mas eu encaro a velhice numa boa, pra mim o importante é que eu estou vivendo, e graças à Deus eu estou ótima. Agora assim, a velhice traz a saudade do que ficou para trás, sinto saudade daquela época, dos meus pais, da roça.

#### **Quando a senhora acha que começa a velhice?**

Eu acho que a velhice começa aos quarenta! Eu acho... porque a gente começa a sentir tanta dor, tanta coisa né?!, depois dos quarenta, minha mãe sempre dizia quando ela era viva, ela falava assim “ó minha filha depois dos quarenta aparece tanta dor no corpo da gente”, aí você sabe que depois dos quarenta você começa a envelhecer né?!, mas eu não fico triste porque sou idosa, não! Porque velho é molambo, eu sou idosa, né?! eu me considero uma idosa, e eu agradeço a Deus pela vida que ele está me dando, muito obrigado Senhor!.

#### **O que é ser velho?**

O que é ser velho? É pessoas que não tem mais nada para fazer na vida, eu não me considero velha não, porque eu faço tudo, eu lavo minha roupa, eu faço minha comida eu tenho um filho que dou conta dele, eu lavo a roupa dele, quando eu não posso, ele lava, e assim por diante. Eu não sou uma idosa inútil, sedentária, eu faço caminhada, eu faço minhas coisas, e assim por diante, a vida continua né?! Nós temos que dá graças a Deus pelos anos de vida que Ele está nos dando, eu agradeço. Ele muito, porque viver é muito bom, a coisa melhor que existe é a vida, ninguém quer morrer, quer?!, ninguém quer! Ninguém quer morrer! Melhor de tudo é a vida, porque Deus dá a vida com abundância né?!, e eu tô viva, já completei oitenta e três anos, tô muito satisfeita pela idade que eu tenho, eu não me envergonho de nada, não tenho de jovem porque eu também já fui jovem, eu não nasci com essa pele, eu nasci jovem, bonita, né?! Maravilhosa! Eu tenho um retrato na minha casa quando eu tinha vinte anos, e eu falo “meu Deus a diferença é muito grande”, mas eu estou lúcida, glória Deus, glória Deus pela vida né?! Têm coisa melhor do que a vida?!

### **O que mudou na sua vida após a velhice?**

Muitas coisas, muitas coisas muda, porque não é quando a gente é nova né?! Quando nós somos jovens é de um jeito, quando a gente envelhece, fica idoso, é de outro né?!

### **Como é a vida da senhora hoje?**

A minha vida é ótima! Eu caminho, eu faço caminhada, eu bordo eu faço pano de prato, eu bordo vagonite, ponto de cruz, devagarinho né?! Eu fui costureira por quarenta anos, depois eu deixei porque tenho problema de coluna lombar, bico de papagaio, hoje eu tenho problema de saúde, mas eu não ligo porque em vista das pessoas que eu vejo, eu não tenho nada, eu tenho ácido úrico, eu tenho artrose, mas eu estou bem, tô viva! Eu me considero muito feliz, convivi, ter realizado senão todos, a maioria dos meus sonhos e educar a minha família até onde eu pude, fazer o que pude com a minha família, né?!, eu trabalhei por muito tempo na casa dos outros como doméstica, costurando também, para dá uma boa educação para meus filhos, não tive uma vida fácil, trabalhei pesado, mas como mãe eu sempre ajudei naquilo que estava ao meu alcance, então pra mim foi muito bom!, porque hoje estão tudo criado, em suas casas, com suas famílias e até hoje no que for preciso eu ajudo meus filhos.

### **Como a senhora se ver hoje sendo idosa?**

Eu me sinto bem sendo idosa, porque eu vejo que os jovens de hoje não tem coragem de fazer o que a gente faz.

### **Como a senhora se enxerga?**

Eu me enxergo linda e maravilhosa na velhice né?! Ainda me sinto jovem, com disposição para fazer as coisas, ótima. Só isso.

### **Quando a senhora se olha no espelho o que ver?**

Muitas mudanças né?! Quando a gente é jovem a gente é linda e maravilhosa, quando a gente é jovem é uma uva, quando velha é um abacaxi (risos), mas eu me sinto bem, eu aceito a velhice e encaro numa boa.

### **Como a senhora acha que as outras pessoas e até mesmo sua família lhe enxergam?**

Eu acho que muitos veem a gente como velho mesmo, viu?! “ Ah fulano tá velho”, quer dizer... o velho pra muitos jovens não serve pra nada, mas é ignorância deles, porque os anos não passa só pra gente, passa pra você, hoje você tá jovem, amanhã você é velho, tá entendendo?!, os anos não passa só pra mim e nem passa pra você também, porque hoje você

é jovem, amanhã você tem mais um dia né?! Com fé em Jesus que você vai viver, e vai ficar mais velho né?!, e eu encaro assim.

### **O que mais marcou a sua vida durante o processo de envelhecimento?**

O que mais marcou a minha vida é que quando a gente é jovem a gente pensa diferente né?! E quando a gente envelhece é uma outra coisa, né?! Quando a gente envelhece a gente não tem mais a beleza, né?!.

### **Entrevista: Angélica**

#### **O que é a velhice/envelhecer?**

Depende dos anos de vida, né?! Não sei se é assim a resposta, mas envelhecer eu sinto que é a realidade, é normal, que um dia todos vão chegar a velhice, né?! A velhice o que eu acho pior é a pessoa velhinho e doente (risos), né?! Se estando velhinho e doente, é uma velhice muito grande.

#### **Para a senhora quando começa a velhice?**

A velhice começa, estando tudo bem, não, mas a partir do cinquenta anos a cima começa a velhice, você já começa a cair, a idade vai chegando, aí você adocece, vai enfraquecendo, pra mim é isso aí, que eu entendo é isso aí, porque quando você está na flor da terra, e você é novinho e fala que nunca eu vou ficar velho!, nunca que eu vou adoecer!, mas não é assim, eu já fui muito forte, eu fui uma pessoa criada na roça, fui muito forte, mas de certos tempos pra cá, que pegou diabetes é um inferno, você não poder comer isso, não pode comer aquilo, e aí só pode ficar velho, né?!, muito triste!. Ter essa doença é triste, tem doenças muito ruim, mas essa diabetes é duro, voce tem vontade de comer as coisas e não pode, aí você se sente véi.

#### **O que é ser velho?**

É rejeitado! É muito humilhante gente véi. Às vezes, a família até não, mas os de fora a gente sempre ver, em fila de banco a gente ver as coisas como é que é, eu acho que isso aí, humilhado! Mas eu ainda tenho disposição para fazer tudo... eu faço caminhada, vou na rua, resolvo isso, resolvo aquilo, vou no banco e resolvo tudo que é problema, então eu acho que não tô velha ainda não.

#### **O que mudou da vida da senhora depois da velhice?**

Mudou como assim? Minha vida graças a Deus eu tenho uma vida boa, peço a Deus pra ele me dá saúde pra eu viver muitos anos, minha vida é boa, graças a Deus eu tenho minha vida boa, eu tenho meu dinheiro, eu faço o que quero, meus filhos não me pertuba, pra mim tá tudo bem. Se não fosse a doença, mas eu tô lutando pra ela subverter da minha vida.

#### **Mas o que melhorou?**

Melhorou assim.. de viver bem, a gente só acha ruim a doença né?! A gente fica triste por causa da doença, porque a gente ver hoje a pessoa tá ali e de repente não tá mais. Mas eu peço a Deus, agora eu estava sentindo uma veia entupida, Deus me ajudou que eu operei, eu tô bem, mês que vem eu vou no médico passar de novo para ver como é que tá, eu tô bem graças a Deus, eu tô vivendo a vida aí.

#### **Como foi o processo de envelhecimento para a senhora?**

Eu tô véia, mas tô levando a vida. Se pudesse eu trabalha muito e estudava, vontade de estudar e eu não tive oportunidade, mas eu não posso, as escolas é longe e eu tenho medo de ir de noite.

### **Como é a relação da senhora com a família?**

Muito bem, graças a Deus, minha família nunca me deu trabalho, todo mundo tá nas suas casas, só tem duas meninas que mora mais eu, mas eu sempre peço a Deus pra elas terem um cantinho delas, porque virou de herança agora essa casa, mas meus filhos não perturba em nada, não vou lhe dizer que minha vida é ruim não, minha vida é boa graças a Deus, eu tenho meu dinheiro, não preciso tá pedindo, não preciso tá se humilhando, não!, eu tenho meus filhos, que são bons, me ajudam, toda semana eu vou pra casa de minha menina lá em frente ao hospital de base, ficar mais ela, ver meus netinhos.

### **Como a senhora se enxerga sendo idosa?**

Eu sinto que é a realidade, que um dia nós vamos chegar a tudo isso, ne?! Aqueles que tem sorte de ficar muitos anos, e aqueles que não tem, mas é a realidade, foi Deus que deixou, eu não sinto triste não, eu só tenho tristeza da doença, isso aí eu sinto triste, mas outras coisas não. Eu olho no espelho e falo que tá chegando mesmo a idade, e nós tem que conformar, que isso aí foi Deus que marcou né?!, e é isso. Eu me sinto nova, pelo tanto que já sofri, eu sinto que tô nova ainda, oitenta e três anos, minha mãe morreu com setenta e quatro anos, tava nova, nova, meu marido morreu com oitenta e seis anos, tava novo também, mas é assim mesmo.

### **Como a senhora acha que as outras pessoas e até mesmo sua família lhe enxerga, lhe veem?**

Minha família gosta muito de mim, não tem o que dizer “ahh minha mãe tá velha!”, não, eles gostam, eles cuidam de mim, e os de fora eu não sei, se me humilham, mas eu também não tenho essas amizades, eu tô dentro de minha casa, se chegar um amigo, um vizinho na minha casa eu recebo, tudo, mas eu não ando em porta de casa, é muito difícil, quando eu saio daqui e casa eu vou pra casa de minha menina lá em frente ao hospital de base, trabalhar mais ela, mas se o povo acha eu velha, eu ruim, sei lá, eu também não dou motivo.

### **O que marcou a sua vida durante esse período de envelhecimento?**

O que marcou foi cinco filhos meu que morreu e meu marido, eu sinto saudade, muita falta deles (choro e silêncio).

### **Entrevista: Rosa**

#### **O que é a velhice/envelhecer?**

A velhice eu acho que é uma coisa muito boa e agradecer à Deus por chegar aonde eu já cheguei, oitenta e um anos, não tenho o que falar da velhice não, eu acho que... pra mim tanto faz quando nova ou agora pra mim é a mesma coisa, graças à Deus eu sou sadia, não sou doente né?!, agora quando a pessoa idosa é doente, depende dos outros pra se locomover, aí é difícil né?!, mas graças a Deus eu sou uma pessoa disposta e espero ser disposta até os cem anos.

#### **O que é ser velho?**

O que é ser velho? Olha eu acho que ninguém é velho, a gente tem uma idade avançada, mas velho, velho, eu acho que é uma coisa sem importância, no meu ponto de vista. Velho é uma coisa que não presta e você joga fora, não é o caso dos velhos que tem muita gente idoso que tá dando um show né?!, trabalhando, e é honesto, tudo de bom!, então eu não tenho nada contra os velhos, sou muito a favor dos velhos, respeito os velhos, eu também sou velha né?!, oitenta e um, e não é brincadeira, e eu acho assim... que é igual uma criança, se você não

gosta de uma criança, você não gosta do velho, eu acho que tem que ter muito respeito, eu fico muito triste quando chego num lugar e vejo as pessoas com grosserias com criança ou então com a pessoa idosa, porque são as pessoas sem defesa, tem gente que tá tão fraquinho, e os outros não respeitam, eu sou contra isso aí viu?!

### **O que mudou na vida da senhora após a velhice?**

O que mudou mesmo, deixa eu ver meu Deus... muda muita coisa né?!, a gente ... esse negócio de tá saindo... eu não sou muito assim... a gente fica mais caseira, mas mesmo assim eu não perco o pique de sair não viu?!, negócio de ficar em casa, eu não aguento ficar muito tempo em casa, porque toda a vida eu trabalhei, então a gente não aguenta ficar muito, e é isso aí que deixa os velhos se acabando, se a pessoa se entregar, sentar, porque eu tá velho, aí morre rápido né?!, então a gente tem que levar a vida, como a vida tá levando a gente né?! (risos).

### **Como é a vida da senhora hoje?**

Minha vida hoje tá bem, graças a Deus, tô viva, tô conseguindo fazer tudo o que eu quero, tudo o que eu consigo eu faço, não mudou nada, em matéria de... eu não muito o que queixar não, só os problemas da vida que todo mundo tem né?!, uma coisa, outra, família, sempre tem alguma coisa, que todo mundo tem, e o resto a gente tira de letra, é só confiar em Deus né?!.

### **E em relação a sua saúde?**

Tá mais difícil! Toda vida foi mais difícil a saúde, muito difícil né?! e cada dia que passa vai piorando, então, o que a gente vai fazer?, morrer a gente não vai morrer pra ficar livre, então vamos levando a vida, enquanto nós puder e aguentar nós estamos aí, é isso meu filho.

### **E a sua família?**

Graças a Deus eu tenho duas filhas maravilhosas, não tenho queixa das minhas filhas, eu tenho é orgulho, graças a Deus, eu tenho é muito orgulho.

### **Como a senhora se ver sendo idosa? Como a senhora se enxerga no espelho?**

Eu percebo as rugas que aparece, mas sempre tem um cremezinho que dá um jeitinho melhor, né?!, e a gente se cuida, a gente tem que se cuidar, né?!, não é porque a gente tá ficando velho que tem que se entregar, e que não vai usar um creme, tem que se cuidar mesmo né?!, aí é que precisa se cuidar pra não se acabar, porque se você se entregar porque tá velho... tem gente que não usa nenhum creme, não faz nada porque, não tira uma sobrancelha, não tingem o cabelo, é porque eu tô velha que tenho que me entregar?, isso aí não isso aí já era, esse tempo já passou, a gente tem que ir pra frente, porque eu quero chegar aos cem, e vou chegar!.

### **Como você acha que as pessoas e até mesmo sua família lhe enxerga?**

Aí é difícil né?!, muito difícil a gente analisar os outros, eu noto que as pessoas gostam muito de mim, tem muito respeito por dona Alice, dona Alice... aonde eu vou, tem gente que eu não tô nem lembrada quem é, é uma consideração muito grande, cê vê que eles tem tanta consideração com a gente, que quando eu morava em São Paulo, eu vim pra aqui, a minha filha mais nova casou aqui, meus vizinho lá, muita gente vinheram pra o casamento da minha filha, é sinal que eu vivo com todo mundo, me dou com todo mundo, respeito todo mundo, o que posso fazer pra ajudar eu ajudo, se eu não também não puder não vai me criticar, cada um vive a sua vida, porque eu acho que pra viver a gente tem viver a nossa vida, e ajudar quem precisa, se não precisa e não ocupa a gente, então a gente vai levando, e com isso eu estou aqui tranquilo, gosto muito daqui, meus vizinho são maravilhosos, eu não tenho queixa de ninguém, sou uma pessoa que não tenho inimigos, me dou com todo mundo, vou dizer que

tem umas pessoas que o anjo de guarda não bate muito, mas não é por isso que eu vou fechar a cara, deixar de falar, não!, cada um vive a sua vida, faça o que quiser né?! Meu filho?!

### **O que marcou a sua vida durante o processo de envelhecimento?**

É... tem coisas que...muita coisa assim, primeiro meus pais, perdi meu pai, e um ano depois minha mãe, eles já eram idosos também, né?! Quer dizer, são coisas que marca muito a vida da gente, eu fiquei muito triste, eles moravam comigo e eu queria até mudar dessa casa, depois da morte da minha mãe, porque tudo me lembrava ela e quando e lembro deles assim... é meio... (silêncio), e o resto a gente tira de letra, né?!, meu filho?

### **Entrevista: Lírio**

#### **O que é a velhice/envelhecer?**

A velhice é o resto da mocidade, que resta hoje é só a lembra, a recordação, a lembrança do passado, e o que eu fui no passado hoje eu não sou mais, então eu prefiro mais a morte, do que viver num mundo sem governo, num mundo desgovernado não dá meu filho, não. Os velhos tempos já se foram, e resta hoje a saudade, a recordação do passado, e assim a vida continua, e a gente vai vivendo aqui, estamos aqui emprestados, passando os dias, porque a vida não é fácil, pra quem sabe leva-la, agora pra quem não sabe é um transtorno, é uma derrota. Eu sou uma pessoa que não tenho muito amor a vida não, porque viver em um mundo em que nós estamos vivendo é melhor que Deus já o levasse.

#### **O que é ser velho?**

Ser velho é depender dos outros, é difícil né?!, E quando você fica velho, você começa a precisar, ficar dependendo dos outros, né?!, precisa pedir ajuda a alguém para muitas coisas e tudo, mas eu ainda faço muitas coisas sem ajuda de ninguém.

#### **Como é a vida do senhor hoje?**

Minha vida tá toda bagunçada, porque tem muitas coisas erradas que eu não posso dá jeito, sou brasileiro e me sinto revoltado, eu sou um camarada que não quero nada de ninguém, eu não quero nada que é não é meu, eu não sou de usurpar nada que é dos outros, se você tem alguma coisa na vida, você adquiriu com garra com esforço, com força de vontade para adquirir aquilo ali, e ter um futuro melhor na vida, agora eu vou procurar lhe derrubar?, só porque o senhor está lá em cima e eu estou aqui em baixo?, não!, cada um trabalha, cada um ganha a sua parte formal, e não tá enganado a um e a outro, eu não engano não, porque engana o outro é Judas, e o cabra que menti, ele rouba, é ladrão puro e verdadeiro, o homem de caráter olha pro senhor e visto olho no olho, não desvia a atenção não que é problema, bateu na minha frente eu já conheço se o bicho é atrapalhado ou não é.

#### **Como é que o senhor se enxerga sendo idoso?**

Eu me vejo como um ser irredutível, não tenho mais aquela força que eu tinha, tudo muda, muda, hoje eu tomo muito remédio, as pernas dói, os ossos dói, não tenho mais aquela capacidade de fazer muitas coisas quando era jovem, de arrastar um móvel. Não tenho mais aquelas esperanças que eu tinha, que quando você tem esperanças e pensa que vai realizar e aparece alguém com a finalidade de lhe derrubar, tudo muda, muda, as coisas fica em uma extrema necessidade que a pessoa fica aéreo, há momentos assim, que vou andando, que quando pensa que não, tô ficando leve, não tenho mais aquela teoria que eu tinha, eu tomo muito remédio, eu tô cegando, tem uma praga de um médico, um safado, um pilantra, um vagabundo um tal de doutor Luiz Filipe que me cegou, minha vista direita está praticamente perdida, onde eu fiz quatro cirurgias de raio laser nas duas vistas, depois ele achou por bem de

cancelar da vista esquerda e ir para a vista direita, porque ele já estava sentindo alguns sintomas diferentes, ele não estava sabendo do acontecimento, aí ele inventou uma tal de injeção, para mim tomar duas injeções no fundo do olho direito, me cobrou três mil reais nessas duas injeções... queria aplicar três, eu disse “três não!”, “mas porque não?”, eu disse “porque sim!”, “vou fazer uma base, se eu sentir melhoras, eu completo a terceira dose, e se eu não tiver melhora, vai ficar por isso aí, foi quando eu fui vendo cada vez pior, por isso voltei de São Paulo, mas eu gosto de morar aqui, porque eu não gosto de barulho, São Paulo tem muito barulho, é uma cidade muito agitada... [...] gosto de viver a velhice tranquilo, gosto daqui porque é mais tranquilo, posso ir nessa praça aqui em frente da igreja, gosto de ficar sentado, pensando na vida, pois é que nos resta né!?”

### **Como o senhor acha que as pessoas e até mesmo a sua família lhe enxergam?**

Olha, família é uma coisa muito preciosa na vida de cada um, quem entende e sabe o que é família, a família é um símbolo do amor de Deus.

### **Mas como o senhor acha que eles veem o senhor?**

Cada um tem o seu jeito de ser, o seu jeito de amar, o seu jeito de sofrer, porque quem sofre, ama, e quem não ama, não sofre. Eu filho, a vida tem tantas coisas pela frente, mas vou te dizer uma coisa eu sou um sujeito preparado, só tem uma coisa que eu sei que vou morrer e que não vou realizar que era o meu direito de ser um elemento formado nos direitos autorais de meu país, porque se eu fosse advogado, cachorro nenhum ia ter...

### **O que foi que mais marcou a sua vida durante o processo de envelhecimento?**

O que marcou a minha vida foi os tempos da minha mocidade, hoje esses tempos estão apodrecidos, porque nós estamos em uma época que está de pior a pior, hoje esses tempos estão apodrecidos, porque nós estamos em uma época que está de pior a pior. Nós estamos em uma época em que a cada dia que passa, aqui em nossa país está igual a cantiga da perua, é de pior a pior, não existe mais homem de caráter, de brio e vergonha, que venha sustentar a arquitetura deste país, mas não, acabou, depois que entrou aí uma camunhona com ideias diferentes, dando uma de brasileira sem ser. Olha pra mim foi muito sofrimento, porque o meu passado, é um passado muito espinhoso, doença, sou diabético, sou hipertenso, tenho problema de colesterol, ácido úrico, glicemia, sou proibido de andar sozinho, mas anda eu e Deus, aonde eu estou ele está ao meu lado. Cheguei em São Paulo em mil novecentos e sessenta e três, procurava serviço para trabalhar e ninguém me dava, me tornei um morador de rua, tive o meu primeiro patrão, que tirou o meu primeiro emprego, antes de amanhecer o dia eu já estava na rua, em porta de butiquinho, em porta de bares, de lanchonete, esperando o povo que ia para o trabalho de manhã e onde fazia seus lanches, e era onde eu estava ali, que quando eu ia embora eu me aproximava dos donos dos estabelecimentos e pedia aquele resto de comida que ficava, levava para os maloqueiros e pra mim também que já era maloqueiro, e a noite tava eu dormindo em canto de muro, pelo lado de fora, o meu colchão era um pedaço de papelão, e cobertor era folhas de jornais, São Paulo naquele tempo tinha o nome São Paulo da garoa, hoje é São Paulo da marginalidade. Aí, o tempo foi passando, foi passando e eu acabei entrando na polícia. A gente fazia blitz, pra encontrar vagabundo nos pontos de drogas, trabalhava três polícia de cada vez, dois recrutas e um praça mais velho, e eu era o praça mais velho. O que marcou a minha vida foi os tempos da minha mocidade, hoje esses tempos estão apodrecidos, porque nós estamos em uma época que está de pior a pior. Eu lembro da revolução de mil novecentos e trinta, quando Getúlio Vargas foi eleito, e em mil novecentos e trinta e dois quando ele se deparou com a segunda revolução brasileira, brigou Rio Grande do Sul, brigou Minas Gerais, brigou São Paulo, quando chegou a vez da Bahia, deram por termino a segunda revolução brasileira. Continuou Getúlio no poder e em trinta e

quatro terminou, ele se candidatou a reeleição e ganhou com a maioria extraordinária. Só existia dois partidos políticos, a antiga Arena e o PMDB, só existia esses dois. O PMDB começou um passou contra o Getúlio, porque o Getúlio foi o melhor presidente do Brasil, aí o Getúlio se revoltou foi ao Congresso, fechou o Congresso e liderou a ditadura no Brasil, e de mil novecentos e trinta e quatro a mil novecentos e trinta e cinco, na terceira guerra mundial, e de lá pra cá o troço é só pelo contrário.

**Entrevista: Cravo**

**Para o Senhor, o que é a Velhice/envelhecer?**

Depende dos anos de vida, né?! Não sei se é assim a resposta.... Quando vive muitos anos e aí chega à velhice.

**O que é ser velho? Qual a ideia que o Senhor tem de ser velho?**

É... Uma pessoa velha é uma pessoa bem amadurecida, que já viveu muito, é bem vivido e já não aguenta mais trabalhar. Chega a idade e depende muito da ajuda dos outros, né?! Começa a depender de filho pra a ajuda em muita coisa, né?! Porque já começa a não ter muito confiança nele mesmo, em certas coisas e já começa a depender de alguém para ajudar.

**No seu ponto de vista, quando o Senhor acha que começa a velhice?**

Olha, no meu caso, eu já comecei depois dos 70 anos, que comecei a sentir umas certas dificuldades para muitas coisas, né?! Até os 70 eu me achava muito preparado até para trabalhar no pesado e tudo, mas depois dos 70 a gente começa a sentir já diferente, né?! Mas até os 70 pra mim não tinha diferença, não tinha muita diferença da idade que eu era novo não, em tudo a gente ainda tinha disposição.

**Quando é que uma pessoa pode começar a perceber que ela está começando a ficar velha?**

É, justamente ela começa a sentir como eu falei agora. Eu já não enxergo muito bem, já não tenho a mesma esperteza que tinha, a mesma destreza para as coisas, né?! Então ele começa a sentir dificuldades para muitas coisas já, né?! E aí começa a sentir que já tá ficando velho.

**O Senhor acredita que é possível envelhecer bem?**

Olha, quando uma pessoa tem saúde e tem nível de vida razoável toda, acho que é boa vida.

**Então o que é o Envelhecer bem?**

Envelhecer bem é ter saúde, é ter uma condição financeira que dá para viver tranquilo, né?! Suprindo as suas necessidades diárias e tudo, né?! Eu acho que viver bem é isso, ter saúde, ter... Continuando ser ter certas dificuldades para não passar aperto com as coisas, então... Ter um nível de vida razoável, viver bem pra mim é isso, principalmente, ter saúde.

**Nesse processo de envelhecimento, o que o Senhor acha que conservou?**

Eu conservei desde novo foi o eu comportamento de vida, né?! Eu sempre tive minha vida tranquila, sempre tive... procurando... é, fazer tudo direitinho, fazer tudo dentro cumprindo as leis. Então pra mim isso foi muito bom, cheguei na velhice contente sobre esses assuntos, né?!

**E o que o Senhor adquiriu?**

Você fala adquiriu sobre bens... assim?

É, como pessoa.

Como pessoa eu adquiri muita experiência, é... na minha velhice tive um nível de vida melhor do que quando era novo, porque o país não deixou desenvolver e a gente mesmo que não adquiriu muita coisa, melhorou o nível de vida da gente. Hoje a gente pode ter uma casinha melhor para morar, pode ter um carrinho né?! Pode quando tem vontade, muitas das vezes fazer um passeiozinho, e de primeiro, muitos anos atrás a gente trabalhava muito e não tinha esses privilégios, o nível de vida era muito mais ruim, né?!

### **O que o Srº conservou, adquiriu ou perdeu em relação ao aspecto físico?**

Aspecto físico, logicamente, quando a gente chega nessa idade perde muita coisa, né?! Você perde as forças em tudo, né?! Você vai perdendo as forças, vai se sentindo deficiente em muitas coisas, né?! E isso eu acho que é natural da vida, né?! Tudo quando vai ficando véi vai enfraquecendo, né?!

### **Como é o relacionamento do senhor com sua família?**

O relacionamento com a família sempre foi bom, sempre tive muito diálogo com a minha família, né?! Sempre dei muito bem com os meus filhos, sempre me relacionei muito bem, né?! São todos presentes, apesar de só ter uma que mora fora, mas mesmo assim ela não deixar de estar presente, de estar sempre ligando, entrando em contato, né?! Então eu acho que todos estão presentes na minha vida, isso é muito bom, eu gosto de ver a casa cheia, quando os netos vem a gente faz a festa né?!

### **Hoje eles são presentes?**

São todos presentes, apesar de só ter uma que mora fora, mas mesmo assim ela não deixar de estar presente, de estar sempre ligando, entrando em contato, né?! Então eu acho que todos estão presentes na minha vida, isso é muito bom, eu gosto de ver a casa cheia, quando os netos vêm a gente faz a festa né?!,

### **Durante todo esse processo de envelhecimento, o Senhor tem alguma dependência? Depende de alguém?**

Não, no momento eu não dependo muito não, né?! Na vida assim... na convivência do dia-a-dia eu não dependo de ninguém ainda não, porque tudo que necessário fazer assim, no meu nível de... que tá no meu alcance de força e da minha sabedoria e do que eu sei fazer e fazia, eu ainda faço.

### **É... Como você se sente com seu envelhecimento?**

Eu me sinto bem, né?! Me sinto bem, porque eu tenho muito que agradecer, porque eu já tô com meus oitentas anos e estou vivendo bem, tenho saúde, alimento bem, né?! Acompanho minha saúde, procuro tratar de minha saúde direitinho e tudo, então eu me considero bem ainda.

### **Quem é você hoje? Como você se ver?**

Eu acho que sou o mesmo que eu era há tempos atrás, né?! Como eu já disse; muitas coisas eu não tenho mais a força física que eu tinha e tudo, às vezes a gente vai diminuindo as forças em tudo, em toda área, mas em tudo eu me considero que sou o mesmo, né? E muitas coisas eu já não era o que era antes, né?! Mas eu tive muita resistência até os setenta anos assim, eu não sentia; eu viajava a noite, tudo eu tinha força para trabalhar, o que eu trabalhava antes se fosse preciso eu trabalhava, né?! A mente pra mim era a mesma coisa, então... Hoje eu busco descansar, hoje eu tenho uma vida tranquila, na minha velhice tive um nível de vida melhor do que quando era novo, porque o país não deixou desenvolver e a gente mesmo que não adquiriu muita coisa, melhorou o nível de vida da gente. Hoje a gente pode ter uma casinha

melhor para morar, pode ter um carrinho né?! Pode quando tem vontade, muitas das vezes fazer um passeiozinho, descansar e de primeiro, muitos anos atrás a gente trabalhava muito e não tinha esses privilégios, o nível de vida era muito mais ruim, né?!

### **O que faz a pessoa se sentir velha?**

É, justamente, o que faz a pessoa se sentir velha é quando começa... como eu falei aqui, quando começa a sentir fraqueza pra alguma coisa, já não considera que ele pode fazer o que fazia antes tudo, né?! Então aí considera que já está ficando velha, né?!

### **Quais são as principais mudanças que você percebeu durante o seu envelhecimento?**

Como pessoa eu adquiri muita experiência e sabedoria, porque eu acho que é como a palavra dos antigos “quanto mais se vive, mais se aprende”, eu digo que enquanto eu não tiver caducando, mais eu aprendo, fico mais sabido, a não ser que vem a fraqueza de acordo a idade ou o quê, e aí pode a mente falhar, mas eu acho que enquanto a pessoa num tem esse problema, eu acho que continua cada vez cumprindo a palavra que diz os antigos que quanto mais se vive, mais se aprende. Eu digo que hoje tenho muito mais experiência, conhecimento, sabedoria, sei muito mais o que eu não sabia quando tinha cinquenta anos, quando eu era mais jovem.

### **Quais são as maiores dificuldades que o envelhecimento lhe trouxe?**

Até agora, até agora o que me trouxe mais foi o problema de vista, que eu às vezes já não leio bem, eu já não leio bem, já não posso ler muito bem e tem coisa que eu vou ler a noite e já não lê. Eu vou ler uma receita e não consigo ler, porque as letras é pequena, e a noite eu já não consigo mais guiar, né?! Então, as maiores dificuldades são essas.

### **O que mais marcou sua vida durante seu envelhecimento?**

O que mais marcou minha vida depois que eu envelheci... eu não sei nem o que eu gostaria de responder, né?! Mas o que marca sempre a velhice da gente, justamente, é isso que eu falei, né?! Você começa a pensar nessas coisas, né?! Começa a pensar que você já vai precisar depender dos outros, começa a não fazer mais um certo projetos, você não tem mais animo pra fazer o que você fazia quando era novo, porque você vê que não tem muito futuro mais, e aí você começa ficar meio parado, né?! Começa a parar, querer encostar que é natural, né?!

### **Mais na sua vida o que mais marcou? O que marcou? O que você sempre lembra?**

Ah, que eu lembro do passado; da minha infância eu lembro muito, né?! Lembro muito da minha infância, quando eu era novo, Conquista era só mato, a gente brincava na rua, não tinha muitos carros, hoje não, hoje a cidade cresceu. Com dezesseis anos eu fui pra São Paulo, nada pra mim era difícil, né?! A situação naquele tempo era difícil. Com toda dificuldade eu saí daqui, fui num pau de arara daqui até São Paulo pra trabalhar, o começo foi sofrido, trabalhei pesado como ajudante de pedreiro, trabalhei bastante num prédio da Record lá na barra funda, ganhava pouco, mas era meu ganha-pão, fiz minhas economias, vinha uma vez no ano visitar minha família que morava na roça, depois resolvi voltar, aqui casei e construí minha família, e hoje estou sossegado graças a Deus.

## **Entrevista: Hortência**

### **Para senhora o que é a velhice?**

A velhice... é a pessoa não saber envelhecer, ficar amuado, malcriado, ficar emproado num canto, a velhice pra mim é que a pessoa deve continuar alegre com a vida, e agradecer muito a Deus por chegar naquela altura. Eu lembro de quando eu morava na fazenda, fui criada na

fazenda, ajudei muito meus pais na fazenda, cuidava dos meus irmãos mais novos, meu pai, era um homem muito bom, trabalhador, ele sempre botava a gente para trabalhar, porque ele era pobre, por isso não tive estudo. Casei com dezenove anos e depois que eu tive meus filhos que eu vim pra Conquista, e coloquei eles na escola, a velhice é isso, alegria. Vivo a velhice graças a Deus muito bem, tenho minha casa, não devo nada a ninguém, não dependo de ninguém, isso é bom, não é?! Envelhecer é isso, é viver muitos anos, já fez o que queria, já brincou, casou, criou os filhos, quando tem filhos e chegou nessa altura.

### **O que é ser velho?**

Velho é uma pessoa que já viveu muitos anos, fica encostado no canto.

### **O que mudou na vida da senhora após a velhice?**

Nada!!!, porque eu sou a mesma, tenho a mesma alegria que eu tinha, e a mesma vontade que eu tinha de amar, gente bonita, nova, de abraçar, beijar, morder no nariz (risos), que eu sou viúva!

### **Como é a vida da senhora hoje?**

Sabe Maykon, eu já trabalhei muito, antigamente a gente era criada para casar, cuidar dos filhos, naquela época mulher não trabalhava fora, só os homens que podia, mulher ficava em casa, então hoje temos que aproveitar a velhice né?! Hoje eu sou muito feliz, Eu só não vivo melhor porque eu vivo só, porque meus filhos moram longe, eu não tenho companheiro pra gente bater papo, assistir televisão. Mas as pessoas me vê e dizem que sou uma pessoa alegre e sorridente, é assim que eles falam pra mim, “mas você não é triste pela idade que tem?”, aí eu, uai, “é porque eu tô velha que vou ficar encurujada lá no canto?, eu não!”, estou aproveitando a minha velhice, eu tenho som, eu tenho tudo aí, tem som, aquele que passa na televisão, como é que chama aquele?, é... o DVD e tem também o sonzão de duas caixas e pronto, no dia que eu tô azuada mesmo, eu boto e deixo o pau quebrar, os vizinhos que se dana (risos).

### **E como é a sua relação com a sua família?**

A família é tudo bem, nunca tive problema com meus filhos, tenho seis filhos e dois de criação, nunca tive problema.

### **E a sua saúde?**

Tá beleza, eu com essa idade que eu tenho, nunca tive internada nem nada, a não ser pra parir, mas doença não, até hoje de doença que eu tenho é só a pressão alta, né?!.

### **Como a senhora se ver hoje sendo idosa? Como a senhora se ver no espelho?**

Eu ainda me sinto jovem, mesmo com oitenta e dois anos eu sinto a mesma de quando eu era jovem, a mesma alegria que eu tinha eu tenho hoje, o que eu fazia quando era jovem eu faço hoje, eu garanto que eu faço e muito bem (risos), eu não vou falar “vixe, mas eu tô velha!”, eu vou pra festas, pro clube, gosto de dançar, eu sou muito alegre, eu me cuido, me arrumo. Tenho vontade de sair assim no mundo, passeando num cavalo... porque eu morava na fazenda, fui criada na fazenda, minha velhice é essa, quando eu vejo um velho triste eu penso que tá com fome ou doente, não gosto.

### **Como a senhora acha que as pessoas e a sua família lhe enxergam?**

Vê, e dizem que sou uma pessoa alegre e sorridente, é assim que eles falam pra mim, “mas você não é triste pela idade que tem?”, aí eu, uai, “é porque eu tô velha que vou ficar encurujada lá no canto?, eu não!”, vamos ver!

### **O que mais marcou a sua vida?**

O que mais marcou a minha vida, foi o dia que meu filho que morreu de um acidente, marcou muito a minha vida, eu não esqueço daquela cena, né?! foi de carro eu recebi ele no hospital morto, pra encurtar a palavra ele chegou com um litro de sangue no corpo, eu só fiz chorar e gritar por muito socorro, atrás de gente pra doar sangue, o meu sangue não era igual o dele, o dele é O negativo, e o meu é Opositivo, não dava, e eu atrás de gente e gritando, e chorando, e falta pouco quando eu sentada assim, chorando muito, chegou uma mulher assim, que eu nem olhei pra cara, do jeito que eu tava chorando, ela falou assim, “eu vou doar o sangue para seu filho”, eu só olhei assim, e vi as pernas dela assim, e ela foi lá e doou o sangue que ela precisava, e até hoje eu tenho uma vontade de conhecer essa mulher e não sei quer é, não foi maravilhoso?, uma benção!. Então o que marcou muito a minha vida, foi o acidente que ele vinha de moto com a namorada, da fazenda, e era a passagem de gado né?!, aí quando ele vai passando uma vaca saltou em cima deles dois, na moto, aí eu recebi... eu morava lá embaixo no hospital, morto, né?!, uma pessoa só com um litro de sangue, foi o maior sofrimento que eu já passei na minha vida, mas o resto só foi alegria, e até hoje.

### **Quando começa a velhice?**

A velhice começa quando a pessoa começa a falar bobagem, não sabe mais o que ta falando, não conhece mais ninguém.

### **A senhora faz atividade física?**

Faço, falo caminhada, falo pulada, faço tudo. Pois é meu filho, aí minha filha fala assim “mais mãe pra que a senhora que um velho?”, eu falo assim, “velho comigo não!”, eu falei, “velho já basta eu, eu quero um jovem”. Pois é meu filho, é isso, vivo graças a Deus muito bem, tenho minha casa, não devo nada a ninguém, não dependo de ninguém, isso é bom, não é?!.

### **Entrevista: Violeta**

#### **O que é a velhice/envelhecer?**

Nem sei lhe dizer, acredita? Mas eu acho assim, que envelhecer é uma coisa que todo mundo se viver vai passar por isso, né?!, então é uma coisa que faz parte da vida e que a gente tem que gostar. Eu sei que a gente vai perdendo o equilíbrio, tudo, mas a alegria do coração não, não perde não, a alegria do coração e a fé em Deus não perde não. Eu sei que a carne envelhece, mas o coração e o espírito não envelhece não.

#### **O que é ser velho?**

Ser velho, eu não sei não, não sei lhe responder. A pessoa velha é a pessoa que na terceira idade, que tem um jeito de vestir de sair, eu acho que é isso aí.

#### **O que mudou na vida da senhora depois da velhice?**

Muda muito né?! Depois dos sessenta anos, muda muitas coisas que a gente fazia, a força que eu tinha já não tenho mais né?!, muda muita coisa, muita coisa.

#### **Como é a vida da senhora hoje?**

Eu vivo alegre, graças a Deus eu vivo com Deus e vivo alegre, tem eu e meu esposo nós tem sessenta anos de casados, vivemos até hoje, nunca separamos, vivemos juntos até hoje e até o dia que Deus quiser e permitir, mesmo doente como ela tá, assim, na cama, mas eu não fico triste não. Ele tem problema de saúde, tem diabetes, tem um ano e meio que ele não anda, e é eu que cuido dele até quando Deus permitir.

### **Como é a relação da senhora com sua família?**

A minha família graças a Deus é muito unida, meus filhos é tudo na minha vida, meu esposo e meus filhos, ai de mim se não tivessem eles, eles são tudo pra mim.

### **E como está a sua saúde?**

A minha saúde é estável, eu tenho mais problema de coluna, pegando peso com ele e por isso sinto dor. Agora outras coisas assim eu não tenho não.

### **Como a senhora se ver sendo idosa? Como a senhora se enxerga nesse espelho?**

Aí é duro (risos), eu vejo uma grande diferença (risos), vixeee, eu não gosto de me ver no espelho, porque quando eu me olho no espelho eu vejo que estou ficando velha, porque aquela beleza que eu tinha eu não tenho mais, eu sinto saudade do tempo que quando eu era jovem, ontem eu não tinha uma ruga e hoje eu tenho, mas eu me sinto velha só por fora, porque por dentro eu ainda me sinto jovem, eu vejo uma grande diferença de quando eu era nova, na velhice eu não sou mais aquilo que eu era, eu vejo uma grande diferença.

### **E como a senhora se sente?**

Eu me sinto velha por fora, porque aquela beleza que eu tinha eu não tenho mais, eu sinto saudade.

### **Como a senhora acha que as pessoas e até mesmo a sua família lhe enxergam? Vê a senhora?**

Meus filhos me enxergam como uma pessoa de trinta a quarenta anos.

### **O que mais marcou a sua vida durante o processo de envelhecimento?**

Quando a pessoa fica velho e tem essa idade, tem saudade daquela alegria que tinha, dois pais porque tinha aquele maior amor né?!, agora marcar assim... foi o dia que eu noivei com ele (aponta para o marido, que está doente e deitado no sofá), o dia do noivado que ele veio pedir em casamento ao meu pai, eu lembro da primeira vez que ele pegou em minha mão, eu nunca esqueci. Ele chegou muito alegre, aí meu pai falou assim “olha, minha filha tá muito nova, não queria que ela casasse agora”, aí meu pai falou assim, “daqui a um ano a gente faz o casamento”, aí ele falou assim, “tá certo!”, ele chamava zé, “tá certo seu zé!”, aí passou assim, um mês, ele chegou assim e falou “ô seu zé, eu quero casar é longo!”, aí foi e nós casamos, eu tinha dezessete anos, casei na Igreja, fizemos uma festa, me lembro como hoje, chamamos os parentes, os amigos, vizinhos, e estamos aí, vivemos até hoje graças a Deus, tivemos 5 filhos. É uma história de amor e isso eu nunca esqueço. Do dia que ele chegou, do noivado, minha mãe gostava muito dele, era aquele maior amor.

### **Entrevista: Girassol**

#### **O que é a velhice/envelhecer?**

Nem sei lhe dizer, acredita? Mas eu acho assim, a velhice é uma coisa que todo mundo se viver vai passar por isso, né?!, então é uma coisa que a gente tem que gostar, a gente tendo saúde né?!, pra poder lucrar das coisas... eu tenho muita saudade assim, do tempo que eu era nova, sabe?, daquele tempo que eu morava na fazenda, mas hoje eu não posso mais, fazer o que né?!, é conformar. Eu morava na fazenda, me lembro de mais da conta, era muito bom, vixe, tive uma infância muito boa, sou apaixonada por roça, trabalhei muito, e no tempo que meu pai me criou eu plantei muita coisa, muita coisa, muito mesmo, feijão, arroz, milho, eu sei fazer isso tudo, eu sei plantar, sei colher, sei cozinhar, eu não fui pra escola porque

naquela época os pais da gente não dava importância pros estudos né?!, eu sei assinar o nome, mais pouco, meu irmão que me ensinou, aí eu me casei muito nova, e continuei morando na fazenda durante muito tempo, tive dois filhos lá, depois fomos morar em Divinópolis, eu me mudei em dezoito de fevereiro de sessenta e quatro, então isso aí me marcou de mais, vixe, nunca esqueço. Envelhecer eu penso quando eu era solteira, de quando eu era moça. Envelhecer é lembrar o passado.

### **O que é ser velho?**

Pra mim uma coisa velha, é uma coisa que não presta mais, nós não pode falar véi não, né?! veí é uma coisa que não presta mais e joga lá no lixo.

### **O que mudou na vida da senhora durante esse processo de envelhecimento, que a senhora entrou na velhice, depois dos sessenta anos?**

Pra mim, não mudou muitas coisas não, o que eu acho agora assim, que eu não tô muito aguentando, é fazer o meu serviço que eu fazia, limpar minha casa que eu gosto muito de limpeza, então eu não tô aguentando isso aí, e só isso aí que eu acho ruim, mas outras coisas eu faço, eu lavo minhas roupas, eu passo, eu faço comida, eu fico conservando, eu não me sinto velha, eu não sinto velha não! Só quando começa a dor muito a coluna que eu falo “á”, eu acho assim.

### **Como está sendo o processo de envelhecimento para a senhora?**

Pra mim tá normal. Normal. A saúde que não tá muito boa, eu sinto muita dor na coluna, tem vez que que fico a ponto de remédio, agora se não fosse isso aí, eu me sentia com vinte anos pra limpar essa casa toda? Acredita?

### **E como é relação da senhora com a sua família?**

Meus filhos moram tudo longe, eu tenho muita saudade dos meus filhos, preocupo muito com eles, toda mãe preocupa né?!, a gente ficar distante da família é muito ruim, muito mesmo, muita saudade, mas eu vou pra lá fico uma mês com eles, e em todo natal eles vem pra cá passar comigo.

### **Como a senhora se enxerga sendo idosa?**

Eu me vejo normal, porque a gente não ver a gente ficando velho, a gente não vê, eu me vejo normal, não penso assim, que quando eu era nova não, o tempo não volta mais, então pra que pensar não é?!, pra mim é normal não é só pra uns é pra todo mundo, só aqueles que morrem antes do tempo, né?!.

### **Como a senhora se sente?**

Eu me sinto bem, eu não me sinto melhor porque eu sinto muita dor, como já te falei, problema de coluna né?! Mas eu me sinto feliz, porque se eu tô envelhecendo é porque Deus me permitiu vida até aqui.

### **Como a senhora acha que as outras pessoas e a sua família lhe enxergam? Veem a senhora?**

Eu não sei né falar?!, mas eu acho assim... que eles acham que pela minha idade eu tô nova, e acha assim, que eu faço muito serviço né?!, se o serviço que eu tiver não dê pra mim fazer eu tenho que ir pra máquina que eu tenho ali, vou fazer um lençol, uma fronha, alguma coisa eu vou fazer pra poder passar o tempo, eles acham que eu tô nova, mas quando eu vou ver eu não tô nova assim, agora mesmo em dezembro eu vou fazer oitenta e um anos. Mas tem que se cuidar, não é porque a gente tá ficando velho que tem que se entregar, e que não vai usar um

creme, tem que se cuidar mesmo né?!, aí é que precisa se cuidar pra não se acabar, porque se você se entregar porque tá velho... tem gente que não usa nenhum creme, não faz nada porque, não tira uma sobrancelha, não tingem o cabelo, é porque eu tô velha que tenho que me entregar?, isso aí não isso aí já era, esse tempo já passou, a gente tem que ir pra frente, porque eu quero chegar aos cem, e vou chegar!

### **O que marcou a sua vida durante o processo de envelhecimento?**

Á, pra mim foi no tempo que eu morava na fazenda, me lembro de mais da conta, era muito bom, vixe, sou apaixonada por roça, trabalhei muito, e no tempo que meu pai me criou eu plantei muita coisa, muita coisa, muito mesmo, feijão, arroz, milho, eu sei fazer isso tudo, eu sei plantar, sei colher, sei cozinhar, desse que me casei eu morei na roça durante muito tempo, então isso aí me marcou de mais, vixe, nunca esqueço. Eu sinto muita saudade! Se fosse pra eu morar numa roça hoje e se não fosse esse negócio de ter muito ladrão em roça eu morava, mas com esse negócio de ter tanto ladrão a gente não tá podendo não moço, a gente fica morrendo de medo, as coisas que vem acontecendo nas fazendas mesmo, mas agora naquele tempo que eu me criei, não, naquele tempo que eu criei meus filhos era outra coisa, agora não, hoje é muito perigoso, até aqui na rua é perigoso, mas pelo menos a gente tá perto dos vizim.

### **Entrevista: Jasmim**

#### **O que é a velhice/envelhecer?**

Envelhecer é quando você já passou a infância, passou o tempo adulto e agora chegou à velhice, né?! Chegou à velhice... A velhice é assim... se você saber envelhecer, você envelhece bem! Porque tem véi que é preconceituoso, tem mania de doença, eu sei eu todo velho tem doença, mas certas doenças graves eu não tenho, eu tenho dor no braço, esses dias eu tive uma distensão nos músculos, que eu tô fazendo tratamento. Mas você saber envelhecer vive bem, eu não como de tudo porque sei que velho não deve comer de tudo, eu nunca bebi, nunca fumei, aí todo mundo fala “você é forte né?!” eu ia nas festas com o meu marido ele enchia a cara e eu lá olhando, nunca bebi, eu não sei que gosto tem whisky, eu não sei que gosto tem a cerveja, eu tenho nojo! E meus dois filhos também nem bebe e nem fuma. A minha filha que é doutora, ela gosta e tomar vinho, e o gaúcho gosta de tomar muito vinho e nem de vinho eu gosto. Nunca bebi, nunca fumei, eu acho que a pessoa sabendo envelhecer, tem uma velhice feliz, eu só não programei ficar viúva, mas eu programei ficar junto com ele, a gente tinha um casamento estável, a gente nunca separou nenhum dia, ele viaja muito mas voltava pra casa. Eu acho que envelhecer é isso, eu acho que a pessoa... tem pessoas que é velho e que se desfavorece “Eu não vou fazer isso porque eu tô velho”. Não!, tem coisas que a gente não pode fazer, mas eu faço quase tudo, eu arrumo minha casa, hoje está suja porque eu estou meio doente, tô com vergonha, mas eu arrumo minha casa, eu passo minha roupa, eu guardo minhas roupas no guarda roupa, até dois mil e treze eu viajei sozinha para São Paulo, meu filho ia fazer uma festa lá na casa dele, e eu tenho medo de avião, eles ficam bravo, e eu fui na salutar no leito, eles foram me buscar na rodoviária, eu passei o natal lá, chegou lá ela me perguntou se eu fazia comida eu falei “faço!, o que você quer que eu faça?”, “eu quero que você faça um salpicão de arroz”, todo mundo adorou meu arroz, e sou professora de culinária, então envelhecer é isso. Agora a gente tem os problemas, tem dor no braço, mas não vamos nos apegar a isso pra ficar incomodando meio mundo. Eu vou no médico sozinha, marco minhas consultas sozinha, eu pago minhas contas sozinhas, porque eu não tenho quem paga, e minha irmã ajuda muito, hoje mesmo ela veio aqui pra tirar a roupa da máquina, porque eu não tô podendo levantar a roupa por causa do braço, minha irmã é muito colada em mim.

### **O que é ser velho?**

Ser velho é que já viveu esse tempo todo, como eu te disse eu tenho oitenta anos, e agora em agosto eu faço oitenta e um, e eu rezo muito e falo muito com Deus, pra não deixar eu ficar esquecida, a gente guarda muita coisa na cabeça, muitas lembranças, eu ainda não esqueço nada, eu exercito a mente, faço palavra cruzada, caminhada para não ficar esquecida, ficar com a mente sã, porque tem gente que esquece mala em viagem, esquece bolsa, eu não esqueço ainda nada. Eu só não quero mais viajar sozinha, porque eu tenho medo de avião, e de ônibus eu não quero ir mais, eu já viajei muito pra São Paulo, já fui milhões de vezes pra Salvador, que minha filha mudou pra Salvador que ela era daqui, aí o marido dela abriu uma empresa lá, uma firma que nem deu certo, e eu ia pra Salvador direto, e eu gosto de viajar de noite, viajava de noite pra Salvador, e chegava lá... ela mora no Costa azul, é pertim da rodoviária, eu pegava o taxi e ia pra casa dela. Agora eu também deixei de ir porque ela trabalha também viajando, e eu não quero ficar sozinha no apartamento. Só tem uma coisa que eu não gosto, que é de elevador, eu tenho medo de elevador! Como eu tenho medo de avião, eu não entro num elevador sozinha nem.... não sei se isso é bobagem, mas eu tenho medo, e quando eu lembro que a irmã de Glauber Rocha caiu no poço de um elevador, eu vi a mãe dela dando entrevista, aí mesmo é que eu fiquei com medo, e no prédio da minha filha o véi caiu lá de cima e morreu, com oitenta anos, e quando eu vou entrar no elevador lá em São Paulo quando eu tô na casa do meu filho, eu fico olhando se tá o elevador ali, aí eles fala “á, a senhora tem medo?”, claro, porque se o elevador tá afundado lá, você morre, essas coisinhas, que eu tenho de elevador, não gosto de apartamento, nunca morei em prédio, sempre morei em casa ampla, minha casa em São Paulo era enorme, essa aqui não é pequena porque tem três quartos, não tá arrumada porque eu tô meio doente. Então, envelhecer é isso, é desde o começo você e ir trabalhando. Agora quando você é nova, e você bebe, você fuma, faz tudo e depois que você fica velho e não pode, você fica um trapo. Eu gosto de comer bem, eu sie cozinhar, hoje mesmo eu fiz um purê de aipim, uma delícia (risos), eu adoro cozinhar, e é assim a vida de velho, tem que saber envelhecer. Agora eu conheço muita senhora idosa que gosta de beber, aí ela fica doente, é isso aí.

### **E o que mudou na vida da senhora depois da velhice?**

Na velhice não mudou muito, o que mudou foi quando eu fiquei viúva, eu fiquei desesperada, e eu não sabia o que fazer, meus filhos tudo casado, e eu falei “como é que eu vou ficar sozinha nessa casa?”, eu abri um pensionato, morou três moças aqui, mas elas foram passando no vestibular e foram indo embora, mas até hoje elas são minha amigas, aqui tem a foto de uma que é enfermeira, olha!, ela era de Caetité, tinha uma de Guanambi que eu não coloquei a foto dela. As meninas de Caetité que moravam aqui eram minhas amigas, pois é eu tive esse pensionato, depois minha filha falou assim, “mãe, a senhora tá ficando idosa, tem que cozinhas pra as meninas, tem que arrumar a casa porque a senhora não gosta de casa desarrumada, gosta de roupa bem passada”, minha sobrinha levou os colchões pra o casamento lá, levou os colchões tudo, minhas camas estão tudo sem colchão, aí eu parei. Mas quando elas veem aqui pra Conquista elas ficam na minha casa. Quer dizer, eu acho que tenho boa convivência, e todo mundo falou “você vai colocar um pensionato?, elas vão trazer namorados”, eu falei não, eu vou colocar minhas leis, “pode trazer namorado, só não pode dormir junto”, ninguém trouxe, tinha uma que tinha um noivo, ele vinha, ai de noite ele ia pra o hotel e ela ficava aqui. Depois ela se formou, eu tenho o convite dela aí, ela é de Guanambi, ela falou “ô irmã, eu vou formar agora em dezembro e vou casar em janeiro”, ela trouxe o convite e eu disse “eu não posso ir não porque eu não viajo mais sozinha”. Então eu tive o pensionato, aqui na minha casa ficou quatro moças e um rapaz, o rapaz eu não queria, mas ele não tinha onde ficar e ficou um ano, mas era um menino tão bom, que ele meu Deus!, Tarcício cozinhou, eles tinha um fogãozinho aí no quintal, tudo isso eu fiz pra sobreviver.

Quando eu fiquei viúva, eu fiquei com medo de não acertar, mas minhas coisas foi acertando, e minha filha que mora em Salvador me ajuda, eu tenho um aluguelzinho lá em cima, é pouco mas a gente não gasta muito. Eu não tenho uma vida social, eu só saio assim quando ... no dia das mães mesmo me proporcionam um almoço muito lindo, pena que não me deram fotos, as minhas sobrinhas fizeram um almoço no sítio, foi muito bonito, mas eu não tenho vida social porque eu tenho medo de andar de noite, eu só saio assim, quando vou em algum aniversário, na casa de minha irmã, na casa de minhas sobrinhas. Quando minha filha vem pra aqui, quando ela vem de Salvador aqui enche de gente porque ela moro em Conquista durante muitos anos, aí a gente sai, pra falar a verdade eu só vou no shopping quando minha filha vem aqui, porque eu não vou no shopping sozinha, não que eu tenha medo de escada rolante, é porque eu tenho medo de andar sozinha. Eu só vou na missa domingo, terça, quando tem alguma festa da igreja eu vou com minha irmã, minha irmã até pouco tempo ela fazia muita festa na casa dela, mas depois que o marido dela ficou doente, ela fazia muito São João lá, e eu ia ajudar, fazer quentão... essas coisa de baiano né?!, que em São Paulo não tem essas coisas!

### **Como é a relação da senhora com a família durante esse processo de envelhecimento?**

Eu me dou muito bem com a minha família, só que eles ficam muito na casa deles e eu na minha, e quando eles vão sair e me chama eu vou, até pra Salvador mesmo eu já tenho ido em festa, porque minha filha faz umas festinhas lá, a primeira comunhão dos meninos, agora, eu só não pude ir na formatura de Lipe porque eu estava doente. Quando minha filha mudou pra Salvador ela acabou de me enterrar viva, porque ela foi embora com meus netos, eles traziam alegria pra essa casa, eu senti muita falta deles, foi uma coisa muito pesada pra mim, eu brincava muito com meus netos, um dia eu tive uma dor no quadril, mas fiz fisioterapia e melhorei, porque eu brincando com meu neto ele caiu em cima de mim, e eu não tenho mais idade. Aí o doutor disse “dona Ivonete, a senhora não pode, a senhora não tem mais idade, a senhora pode quebrar o ossos!”, aí eu disse “ô doutor no dia que quebrar os ossos eu quero morrer!”, ele ficou rindo. Aí no carnaval, ele veio aqui, ficou três dias aqui comigo, me levou no shopping aí eu falei “ó Lipe, eu não vou no shopping sozinha, primeiro que eu tenho medo de sair de noite, depois que tenho medo de ir no shopping sozinha, mas eu amo de mais meus netos. Eu não fui na formatura dele e ele me cobra até hoje, ele já é doutor, ele já é médico, ele tem duas formatura, ele é biomédico e farmacêutico, ele passou em duas faculdades, aí ele fez uma e depois fez a outra. Ele trabalha no hospital tratando de idoso, ele tem vinte e seis anos. Essa semana eu perdi um casamento do neto da minha irmã, porque eu tive... eu sai do salão, fui fazer as unhas e comecei a passar mal com dor de cabeça e com febre, aí eu falei que não posso ir num casamento doente, aí hoje ela me ligou e eu falei “eu fiquei doente, tô levantando hoje”, mas eu vou em casamento, vou em aniversário, eu tenho assim, boa amizade na clinica onde eu me trato, as meninas gostam de mim, elas me tratam muito bem, quer dizer!, eu tenho uma boa convivência, porque assim... tem gente que não suporta velho, e eu acho que eu não sou esse tipo de velho, eu procuro não ser uma velha!, porque tem gente que você encontra e já começa assim “á dói aqui, dói ali!”, o pessoal enjoa, não é verdade?, eu sei... eu tenho esse problema no braço, eu não vou ficar me apegando a isso pra as pessoas ter pena de mim. Então eu sou assim, eu sou falante, eu sei ler, sei escrever, eu vou fazer meus pagamentos sozinhas, pago meu plano de saúde, agora no dia que eu vou fazer uma feira maior, minha irmã vai comigo.

### **E como é a sua saúde? o que mudou?**

Minha saúde é boa, porque como eu já disse pra você eu não tenho doença de velho!, que é diabete, pressão alta, que é esse negócio (risos), que doença de velho não é essa?, eu tenho dor no braço, porque soltou o tendão, eu já trabalhei muito!, mas eu não tenho doenças dos ossos,

osteoporose, que é doença de velho né?!, eu tenho essa dor no braço, mas o medico disse que foi outra coisa, eu fui estender a colcha no varal né?!, eu esqueço que tenho oitenta anos, aí quando eu estendi deu aquela dor, aí ele disse “dona Ivonete, a senhora não pode levantar os braços!”, ele briga comigo direto, “a senhora não tem mais idade pra ficar levantando o braço!”, aí ele me fez comprar um varal baixo pra que estender a roupa num varal baixinho, e quando eu vou lavar roupa mesmo, minha irmã veio aqui hoje estender um cobertor, e amanhã ela vem tirar a roupa da máquina.

### **Como a senhora se vê sendo idosa?**

Eu me enxergo como uma idosa muito bem, você não tá achando não?, porque eu vejo muitas idosas que vai levantar e “ai”, não!, eu tô com dor no braço, mas não tenho dor no joelho, não tenho dor na coluna, eu tive dor no quadril mas fiz fisioterapia mas melhorei, porque meu neto caiu em cima de mim, ele correndo caiu em cima de mim, e eu não tenho mais idade, aí o doutor disse “dona Ivonete, a senhora não pode, a senhora não tem mais idade!”, a senhora pode quebrar o ossos, aí eu disse “ô doutor no dia que quebrar os ossos eu quero morrer!”, ele ficou rindo.

### **E quando a senhora se olha no espelho?**

Eu não me acho tão feia não, eu não sou bonita, mas hoje eu estou feia porque estou desarrumada, tô um pouco gripada porque essa vacina me derrubou! tô um pouco gripada porque essa vacina me derrubou!, todo mundo fala pra mim “á, a senhora não tem oitenta anos não!”, eu falo, “eu tenho!, porque eu sou bem cuidado e não fico me apegando a velhice, tem pessoas que se apega na velhice pra pedir coisa, pra queixar, não é assim?, mas eu sou assim!.

### **Como a senhora acha que as pessoas e a sua família lhe veem?**

Enxergam eu... minha irmã fala que eu sou uma velha ousada, porque eu faço tudo, eu faço bolo, eu faço pão, que meu neto emprestado que é casado com a minha sobrinha, ele fala assim, “ô dona netinha!”, que o meu apelido em casa é netinha, “ô dona netinha, a senhora tá folga, faz um bolo aí”, eu vou pra cozinha, faço bolo, faço pão, tudo numa tarde. Eles me acham assim, que eu sou o máximo! Mas eu não sou o máximo não, eu sou assim... agora pra quem tem oitenta anos, as senhoras da igreja falam assim, porque eu vou pra igreja bem arrumadinha “mas você tá bonita hoje!, arranjou um namorado?”, eu falo “não!, não quero ninguém mandando em mim”, eu tenho a foto aqui que minha filha tirou quando eu fiz oitenta anos, essa aqui foi no ano passado nos oitenta anos, essa é minha filha que é enfermeira,. Eu me arrumo direitinho, mas hoje eu tô feia porque estou desarrumada, eu falei “ô Márcia, eu quero tirar foto dos oitenta anos”, aí ela tirou comigo, porque todo mês de junho é aniversário dela, ela vem prá cá, porque no São João ela vem pra cá e fica aqui comigo, ela me leva no shopping, ela compra o que eu quero, besteiras, porque u não sou muito gastadeira não. Mulheres da minha época não são gastadeiras não, porque as mulheres hoje gasta mais do que o marido ganha, aí saí aquela briga! Essa daqui foi quando eu fiz setenta anos, setenta!, sete ponto zero, eu tiro pra o povo poder ver, meu marido morria de ciúmes de mim, mas eu falava pra ele que eu só tinha olhos pra você, eu casei só uma vez na minha vida, eu tinha poucos namorados porque na minha época era muito difícil , meu pai não deixava, na minha época meu filho, se a moça namorasse muito ela não casava, e os rapaz não queria, então eu casei só uma vez na minha vida, essa foto aqui foi no dia do meu casamento, foi lindo, eu mesma fiz o bolo do casamento porque eu fiz o curso de culinária na época, então como eu era boleira, eu mesma fiz o bolo do meu casamento, eu fazia cada bolo lindo, pra aniversário, mas eu gostava mesmo era de fazer bolo de casamento, hoje eu não faço mais. O casamento foi na Igreja Católica, eu sou católica fervorosa, nasci, cresci, casei na Igreja Católica, e no dia do meu

casamento foi tudo muito bonito, a igreja ficou linda, minhas irmãs me ajudaram a arrumar a igreja, depois meus filhos foram batizados nessa Igreja, meus netos [...] eu falei que não queria casar com baiano, mas eu acho que anjo falou amém, e graças a Deus, eu casei com um gaúcho, eu fui muito feliz, ele era muito bom comigo, a gente tinha um casamento estável, feliz, a gente nunca separou nenhum dia, ele viajava muito mas voltava pra casa, tivemos quatro filhos maravilhosos, hoje estão tudo casados, suas vidas feitas, três moram em São Paulo e Márcia que é doutora mora em Salvador, já minhas irmãs casou com uns caminhoneiros e sofreu muito, minha irmã sofreu muito, ela tem a coluna quebrada de acidente de carro, ela era uma mulher linda!, linda!, e ela ficou assim envergadinha, mas ela é forte, ela é mais velha do que, tem oitenta e dois anos, eu tenho uma foto dela, olha ela aqui ó, ela tem a coluna quebrada de acidente de carro, essa daqui é minha outra irmã, é essa daqui que fala que eu sou uma velha ousada, essa é viúva também, ela tem setenta e quatro anos, aí ela fala que eu sou ousada e falo “você também”, eu tenho quatro irmãs, essas duas aí e uma que mora em Mato Grosso, mas não vem aqui, não veio nem quando meus pais morreram. Eu morei em São Paulo muitos anos, lá eu aprendi muito, eu fiz esses cursos, eu falava assim “na minha velhice eu vou fazer bolo”, só que eu já parei, mas eu ainda sei fazer, eu não estou caducando, quando eu chego na casa da minha sobrinha, ela mora lá na Olívia Flores, perto do G Barbosa, aí o marido dela tá deitando e grita “ó Shel!!!”, aí eu já sei, “fala pra sua tia aí fazer um bolo”, eu sou boa de bolo, eu sou confeitadeira.

### **O que mais marcou a sua vida durante o processo de envelhecimento?**

O que marcou a minha vida, foi quando eu tive uma doença que se chama cisticercose, e era uma dor de cabeça, meu marido ficou desesperado, já foi aqui nessa casa, eu fui dormir e acordei com uma dor de cabeça, dor de cabeça, aqui na época, parece que foi em oitenta e seis, sete, mil novecentos e oitenta e sete, e eu tive essa dor de cabeça e aqui em Conquista não tinha aparelho de tomografia, aí o doutor João Neto, não sei se você já ouviu falar nele, ele é um médico velho, eu devo um favor a ele e todo dia eu peço a Deus por ele, ele disse assim “Márcia, aqui em conquista você não vai descobrir o que é, você vai pra Salvador”, aí ela me botou no carro entre a vida e a morte, meu filho dirigindo e ela aplicando injeção, eu cheguei em Salvador, o exame era quatro horas, quando foi onze quando chegamos no hospital, ela falou “se o senhor não atender minha mãe ela vai morrer!!!”. Isso foi o que marcou muito na minha vida, e eu fiquei com dor de cabeça, mais de vinte anos, aí depois uma senhora lá em Salvador falou pra mim, tratou, fiquei tratando, viajei para São Paulo, viaja de seis em seis meses pra São Paulo, até quando o neurologista deu alta, mas eu fiquei com dor de cabeça. E foi uma coisa eu todo mundo abre a cabeça e eu não precisei abrir, isso foi uma coisa que marcou de mais na minha vida. Depois foi a viúves, porque eu nunca imaginei que meu marido fosse morrer primeiro de que eu, porque ele era bom, sadio, e eu era que tinha os problemas como essa dor de cabeça. Aí eu fui pra Salvador, minha filha mudou pra Salvador e eu ficava muito lá, e eu falando com uma senhora idosa ela falou assim, “se a senhora tomar um remedinho bobo que tem na farmácia, que chama água ardente alemã, a senhora vai sarar. Eu tomei dois anos sem parar, Sarei!, mas o que me marcou de mais, e o doutor João Neto disse pra minha filha que aqui não tem aparelho de tomografia, aqui não tinha essas coisas que tem hoje, esses hospitais bons, só tinha o São Geraldo e o Samur, muito precários, eu fui pra Salvador e o médico falou assim pra minha filha, eu não sabia, “se ela sobreviver dentro de dezesseis dias ela irá sobreviver”, com dezesseis dias eu estava em como, mas eu voltei, eu voltei falando tudo errado, ele falou que podia ficar com problema na fala, que eu podia ficar cega, que eu podia ficar com tanta coisa, e devido a eu ser muito religiosa, eu não fiquei com nada, aonde eu vou, eu vou com um terço na mão, todo ligar da minha casa tem um terço, e daqui a pouco eu vou rezar o terço do padre Antônio Maria. Foi o que me marcou de mais, foi essa cisticercose, na língua científica é cisticercose, na língua

caipira é verme de carne de porco na cabeça, e a doutora lá em São Paulo, eu falei “ô doutora eu não posso comer mais carne de porco não?”, ela disse “ não, a senhora pode!”, e eu como lombinho, só que eu como muita pouca carne, se tem uma coisa que eu como é pouco, mas é porque eu não tenho assim... apetite, mas o que der vontade de comer eu faço e como, hoje eu falei “Tô com vontade de comer purê de aipim”, aí eu cozinhei aipim, comprei aipim na feira, cozinhei aipim, fiz e comi um pouco, e a viúves porque eu nunca imaginei ficar viúva, quando eu fiquei viúva eu fiquei viajando, indo pra São Paulo na casa do meu filho, indo pra Salvador, depois eu falei assim “não Ivonete”, queta!, você tem que ficar na sua casa e aceitar a viúves”, eu continuo na igreja, eu fiquei indo pra São Paulo muito, mas eu não ficava lá dois, três mês, eu falei eu tenho que aceitar, quando eu acabei de enterrar ele, eu fui pra São Paulo e fiquei lá um mês e tento que era novembro, passei o natal lá, passei dezembro lá, depois voltei, depois voltei, aí eu falei “ai, não”, aí minha filha mudou pra Salvador e acabou de me enterrar viva, porque ela foi embora com meus netos, esse aí que agora já é doutor, a menina tá estudando medicina, foi uma coisa muito pesado pra mim, foi essa doença e a viúves. O resto eu tiro de letra, o pensionato foi tudo bem, as meninas são minhas amigas até hoje, umas já casaram, outras é medica, aquela é enfermeira, e já é casada também, e o que me marcou muito foi quando eu fiquei com dor de cabeça aís de dois anos sem parar, eu não queixava porque eu tinha vergonha, mas sabe o que é você ter uma dor de cabeça doendo a vida inteira?, e eu ficava com medo “ô meu Deus eu acho que vou ficar doida, mas eu falava muito com Deus, “se é pra eu ficar doida eu prefiro morrer”, aí eu fiquei em Salvador, minha filha mudou pra Salvador e eu ficava indo muito pra lá, porque os meninos estavam muito pequenos, a menina com sete anos e o menino com oito, e hoje já é doutor, e eu ia pra ficar com os meninos, e cuidar porque as empregadas de Salvador são muito ruim, depois eu falei “não, vou ficar quieta em minha casa”, é assim né?!, o que marcou na minha vida foi essa doença e a viúves.

## ANEXOS

**ANEXO A:** Aprovação do projeto pela comissão Municipal de ensino e Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Vitória da Conquista/BA.



### PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Secretaria de Saúde

ESCOLA DE FORMAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA

[www.pmvc.ba.gov.br](http://www.pmvc.ba.gov.br)

08 de julho de 2014

CI nº 121/2014

**Para:** Unidade de Saúde da Família da Urbis V

**Att:** Enfermeira da Unidade

Informamos que a Comissão Municipal de Ensino e Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde analisou e emitiu parecer referente ao projeto de pesquisa:

“ Narrativas sobre o envelhecer: Memória, Vivência e identidade” do pesquisador Maykon dos Santos Marinho.

A pesquisa será deferida e a coleta de dados deverá ser efetuada após a aprovação do referido projeto pelo CEP/FAINOR.

Atenciosamente,

*Michela Macedo Lima Costa*

Assessoria de Planejamento e Educação Permanente

Coordenação do Pólo de Educação  
Permanente em Saúde

**ANEXO B:** Aprovação do projeto pelo comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR.



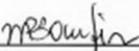
Credenciado pelo Portaria MEC 1.393, de 04/07/2001 publicada do D.O.U. de 09/07/2001.

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

**CERTIDÃO DE APROVAÇÃO**

Certificamos para os devidos fins, que o Projeto intitulado **"NARRATIVAS SOBRE O ENVELHECER: MEMÓRIA, VIVÊNCIA E IDENTIDADE"**, número do CAAE: 33993014.8.0000.5578, do(a) pesquisador(a) **MAYKON DOS SANTOS MARINHO**, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR, em reunião realizada dia 21 de Agosto de 2014.

Vitória da Conquista - Ba, 30 de Setembro de 2014.

  
\_\_\_\_\_  
Marinês Pereira Bomfim  
Coordenadora do CEP/FAINOR

**Marinês Pereira Bomfim**  
Coordenadora de CEP  
FAINOR

Av. Luis Eduardo Magalhães, 1305 - Il. Condeias  
CEP: 45000 - 000, Vitória da Conquista - BA  
(77) 3161.1000 | www.fainor.com.br

